Português

Redação - Redação - Texto Literário e Não Literário - [Fácil]

01 - (ITA SP)

Decretando o fim do verso e abolindo (a)(o) ……, estava vanguardistas procuram elaborar novas formas de comunicação poética em que predomine o aspecto material do signo, de acordo com as transformações ocorridas na vida moderna. Neste sentido, (a)(o) …… explora basicamente (a)(o) ……, jogando com formas, cores, decomposição e montagem das palavras etc., criando estruturas que se relacionam visualmente.

a) sintaxe tradicional – concretismo – significante

b) metrificação – Poesia-praxis – significado

c) Lirismo – Oema-processo – concreto

d) versificação – Neoconcretismo – sonoridade

e) sintaxe – Bossa-nova – ritmo

02 - (UNP RN)

Texto:

Luísa

Rua

espada nua

bóia no céu

imensa e amarela

tão redonda, a lua

como flutua

vem navegando o azul do firmamento

e, no silêncio, lento

um trovador cheio de estrelas

escuta, agora, a canção que eu fiz

pra te esquecer, Luísa

eu sou apenas um pobre amador apaixonado

um aprendiz do teu amor

acorda, amor

que eu sei que embaixo deste neve mora um coração.

Vem cá, Luísa

me dá tua mão

o teu desejo é sempre o meu desejo

vem, me exorciza

me dá tua boca

e a rosa louca vem me dar um beijo

e um raio de sol nos teus cabelos

como um brilhante que partindo a luz

explode em sete cores

revelando, então, os sete mil amores

que eu guardei somente pra te dar

Luísa ...

Antônio Carlos Jobim

Assinale a opção que apresenta a afirmação correta:

a) O humanismo revela uma nova posição do homem diante da realidade e prepara a Europa para um novo movimento cultural: o Classicismo.

b) Em 1527 Sá de Miranda retorna a Portugal trazendo novidades estéticas que aprendeu com os simbolistas franceses influenciados pelos românticos greco-latinos.

c) Deve-se a Gonçalves Dias a consolidação do Modernismo no Brasil, já que o poeta trabalhou seus temas iniciais com entusiasmo.

d) Realismo é a denominação genérica da reação aos ideais simbolistas que caracterizaram a segunda metade do século XVIII.

03 - (ENEM Simulado)

Concordo plenamente com o artigo "Revolucione a sala de aula". É preciso que valorizemos o ser humano, seja ele estudante, seja professor. Acredito na importância de aprender a respeitar nossos limites e superá-los, quando possível, o que será mais fácil se pudermos desenvolver a capacidade de relacionamento em sala de aula. Como arquiteta, concordo com a postura de valorização do indivíduo, em qualquer situação: se procurarmos uma relação de respeito e colaboração, seguramente estaremos criando a base sólida de uma vida melhor.

Tania Bertoluci de Souza

Porto Alegre, RS

Disponível em: <:http://www.kanitz.com.br/veja/cartas.htm>.

Acesso em: 2 maio 2009 (com adaptações).

Em uma sociedade letrada como a nossa, são construídos textos diversos para dar conta das necessidades cotidianas de comunicação. Assim, para utilizar-se de algum gênero textual, é preciso que conheçamos os seus elementos. A carta de leitor é um gênero textual que

a) apresenta sua estrutura por parágrafos, organizado pela tipologia da ordem da injunção (comando) e estilo de linguagem com alto grau de formalidade.

b) se inscreve em uma categoria cujo objetivo é o de descrever os assuntos e temas que circularam nos jornais e revistas do país semanalmente.

c) se organiza por uma estrutura de elementos bastante flexível em que o locutor encaminha a ampliação dos temas tratados para o veículo de comunicação.

d) se constitui por um estilo caracterizado pelo uso da variedade não-padrão da língua e tema construído por fatos políticos.

e) se organiza em torno de um tema, de um estilo e em forma de paragrafação, representando, em conjunto, as ideias e opiniões de locutores que interagem diretamente com o veículo de comunicação.

04 - (UNIFOR CE)

Considere as seguintes afirmações:

I. Numa **narração em primeira pessoa**, o narrador mantém inteira distância em relação aos fatos narrados, constituindo-se, assim, como uma espécie de espectador privilegiado dos fatos.

II. Se uma **descrição** encarece os aspectos visuais e os detalhes dos seres e objetos, uma narração vive do encadeamento temporal dos fatos, postos em movimento por um determinado narrador.

III. Na prosa de ficção ocorrem, por vezes, passagens de características dissertativas, quando o narrador ou uma personagem se ocupa em desenvolver idéias ou conceitos.

Está correto o que se afirma SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e III.

e) II e III.

05 - (FFFCMPA RS)

Leia o texto publicitário a seguir e assinale a alternativa correta.

"Pense rápido. Pense Celta Energy 1.4. O celta possui motor mais potente da categoria. Foi feita na medida para você, que exige alta tecnologia num carro econômico. è ver para crer."

www.chevrolet.com.br – 02/10/2003.

a) O termo "rápido" pode ser substituído por instintivamente, sem que a mensagem publicitária seja alterada.

b) A propaganda é enganosa, pois é impossível aliar alta tecnologia à economia.

c) A expressão " da categoria" deveria ser eliminada, pois restringe a idéia de potência.

d) No texto, há recursos que visam à interação com o leitor que é tratado como pessoa criteriosa em matéria de carros.

e) A expressão " É ver para crer" , por ser de uso corrente, não deveria ser usada nessa modalidade de texto escrito.

06 - (UFMA)

Os livros escolares, cujo objetivo é ensinar-nos história da nossa terra e do nosso povo, são em geral escritos num espírito maniqueísta, seguindo as clássicas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos.

Via de regra, não se empregam nesses compêndios as cores intermediárias, pois os seus autores parecem desconhecer a virtude dos matizes e o truísmo de que a História não pode ser escrita apenas em preto-ebranco.

Incidente em Antares, Parte I – Antares. Erico Verissimo.

Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o trecho acima

a) é predominantemente descritivo.

b) mistura dissertação e narração.

c) é predominantemente dissertativo.

d) equilibra descrição e dissertação.

e) é predominantemente narrativo.

07 - (UFAC)

Observe o parágrafo abaixo:

“Duas décadas sem papel higiênico ajudaram os cubanos a encontrar uma utilidade, digamos, escatológica para o jornal oficial do Partido Comunista, o *Granma*, e para o recém-lançado *Dicionário de pensamentos de Fidel Castro*, um livrão de mais de 300 páginas muito apreciado por suas folhas finas e macias. O uso sanitário das publicações do governo é tão difundido que já deu origem a uma versão bizarra da lei da oferta e da procura: no mercado paralelo, o jornal da semana passada é vendido pelo mesmo preço que o da edição do dia. Na verdade, não importa a data da publicação se a finalidade for substituir o papel higiênico. Favorito para o asseio dos cubanos, o *Granma* tem oito páginas (dezesseis às sextas-feiras) e 400 mil exemplares diários. Seus artigos, pura ladainha comunista, são uma enorme chatice.

As notícias, distorcidas pela propaganda oficial, não têm credibilidade. Mas o diário é bastante valorizado pela qualidade absorvente do papel em que é impresso e também pelas cores firmes, que não mancham o traseiro de seus, por assim dizer, leitores.”

(TEIXEIRA, D. Até que enfim serviram para algo. *Veja*,

São Paulo, 9 set. 2009. Ideologia, p. 98)

A reportagem acima, ressalta, em boa parte do texto, o aspecto irônico ao tratar de uma questão que deveria ser, em primeiro lugar, meramente informativa. Ao utilizar esse recurso de forma geral ele proporciona:

a) um certo controle hábil do seu discurso sobre o objeto em foco.

b) um desnecessário palavrório que não ajuda a entender o objeto em foco.

c) uma indelicadeza com os bons propósitos de qualquer regime comunista.

d) uma subestimação da criatividade cubana.

e) uma crença desmedida de que os cubanos vivem em tempos muito melhores.

08 - (ENEM)

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se á parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou na pedra do cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que deveria sofrer de ataque.

TREVISAN, D. Uma vela para Dario. **Cemitério de Elefantes**.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 (adaptado).

No texto, um acontecimento é narrado em linguagem literária. Esse mesmo fato, se relatado em versão jornalística, com características de notícia, seria identificado em:

a) Aí, amigão, fui diminuindo o passo e tentei me apoiar no guarda-chuva... mas não deu. Encostei na parede e fui escorregando. Foi mal, cara! Perdi os sentidos ali mesmo. Um povo que passava falou comigo e tentou me socorrer. E eu, ali, estatelado, sem conseguir falar nada! Cruzes! Que mal!

b) O representante comercial Dario Ferreira, 43 anos, não resistiu e caiu na calçada da Rua da Abolição, quase esquina com a Padre Vieira, no centro da cidade, ontem por volta do meio-dia. O homem ainda tentou apoiar-se no guarda-chuva que trazia, mas não conseguiu. Aos populares que tentaram socorrê-lo não conseguiu dar qualquer informação.

c) Eu logo vi que podia se tratar de um ataque. Eu vinha logo atrás. O homem, todo aprumado, de guarda - -chuva no braço e cachimbo na boca, dobrou a esquina e foi diminuindo o passo até se sentar no chão da calçada. Algumas pessoas que passavam pararam para ajudar, mas ele nem conseguia falar.

d) Vítima

Idade: entre 40 e 45 anos

Sexo: masculino

Cor: branca

Ocorrência: Encontrado desacordado na Rua da Abolição, quase esquina com Padre Vieira. Ambulância chamada às 12h34min por homem desconhecido. A caminho.

e) Pronto socorro? Por favor, tem um homem caído na calçada da rua da Abolição, quase esquina com a Padre Vieira. Ele parece desmaiado. Tem um grupo de pessoas em volta dele. Mas parece que ninguém aqui pode ajudar. Ele precisa de uma ambulância rápido. Por favor, venham logo!

09 - (ENEM)

Texto 1

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra

[...]

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000. (fragmento)

Texto 2





DAVIS, J. ***Garfi eld, um charme de gato — 7****. Trad. Da Agência Internacional Press.*

Porto Alegre: L&PM, 2000.

A comparação entre os recursos expressivos que constituem os dois textos revela que

a) o texto 1 perde suas características de gênero poético ao ser vulgarizado por histórias em quadrinho.

b) o texto 2 pertence ao gênero literário, porque as escolhas linguísticas o tornam uma réplica do texto 1.

c) a escolha do tema, desenvolvido por frases semelhantes, caracteriza-os como pertencentes ao mesmo gênero.

d) os textos são de gêneros diferentes porque, apesar da intertextualidade, foram elaborados com finalidades distintas.

e) as linguagens que constroem significados nos dois textos permitem classificá-los como pertencentes ao mesmo gênero.

10 - (ENEM)

Em Touro Indomável, que a cinemateca lança nesta semana nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a dor maior e a violência verdadeira vêm dos demônios de La Motta — que fizeram dele tanto um astro no ringue como um homem fadado à destruição. Dirigida como um senso vertiginoso do destino de seu personagem, essa obra-prima de Martin Scorcese é daqueles filmes que falam à perfeição de seu tema (o boxe) para então transcendê-lo e tratar do que importa: aquilo que faz dos seres humanos apenas isso mesmo, humanos e tremendamente imperfeitos.

Revista Veja. 18 fev. 2009 (adaptado).

Ao escolher este gênero textual, o produtor do texto objetivou

a) construir uma apreciação irônica do filme.

b) evidenciar argumentos contrários ao filme de Scorcese.

c) elaborar uma narrativa com descrição de tipos literários.

d) apresentar ao leitor um painel da obra e se posicionar criticamente.

e) afirmar que o filme transcende o seu objetivo inicial e, por isso, perde sua qualidade.

11 - (ESPM SP)

[padre Antonio Morais] Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar- se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba.

(*O Missionário*, Inglês de Sousa)

Pode-se afirmar que o fragmento acima é:

a) Descritivo-narrativo e, numa visão da estética simbolista, relatam-se os traços espirituais do padre e os atributos sensoriais da personagem feminina.

b) Narrativo-descritivo e, nos moldes da corrente naturalista, revela-se uma personagem religiosa que cede aos apelos carnais da personagem feminina, cuja caracterização é sexualizada.

c) Dissertativo e, nos padrões realistas, condenam-se a transgressão de dogmas religiosos por parte do padre e a futilidade da personagem feminina.

d) Descritivo e, segundo a visão da escola impressionista, caracterizam-se os traços psicológicos do padre e, de forma imprecisa, os traços físicos da personagem feminina.

e) Narrativo e, segundo uma visão romântica, relatam-se os envolvimentos físico-amorosos entre um padre de reputação e uma atraente mulher.

12 - (UFT TO)

Considere textos não verbais e verbais.

Dois pintores, em especial, retrataram a primeira missa realizada no Brasil: Victor Meirelles e Cândido Portinari.

Texto 1

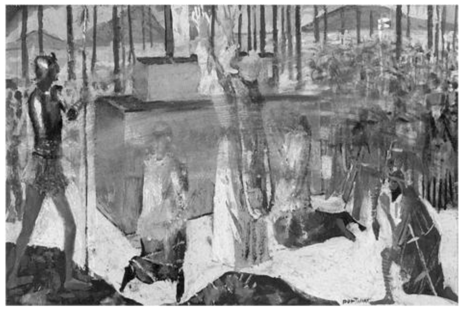


A celebração da primeira missa no Brasil foi feita pelo frade Henrique de Coimbra no dia 26 de abril de 1500, e descrita por Pêro Vaz de Caminha na carta que enviou ao rei de Portugal, D. Manuel I (1495-1521), dando conta do descobrimento do Brasil, então *Terra de Vera Cruz*, pela armada de Pedro Álvares Cabral.

Victor Meirelles – Obra: **Primeira Missa, 1860.**

Disponível no sítio pt.wikipedia.org/wiki/A_**primeira_missa**_no_Brasil.
Acesso em: 7 de abril de 2010.

Texto 2



O final da década de quarenta assinala o início da exploração dos temas históricos através da afirmação do muralismo. Em 1948, Portinari exila-se no Uruguai, por motivos políticos, onde pinta o painel A Primeira Missa no Brasil, encomendado pelo banco Boavista do Brasil.

Cândido Portinari – Obra Primeira Missa, 1948.

Disponível no sítio http://www.culturabrasil.pro.br/portinari.htm.
Acesso em 6 de abril de 2010.

Texto 3

Fragmento da **Carta da Caminha**

(...) Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperavel, e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção. Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. (...)

Disponível no sítio http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf.
Acesso em 6 de abril de 2010.

Um texto pode ter várias possibilidades de leitura com o objetivo de criar determinados efeitos. Percebemos que os textos 1, 2 e 3 dialogam entre si. Denominamos essa interlocução entre os textos de:

a) autotextualidade

b) intertextualidade

c) intratextualidade

d) microtextualidade

e) macrotextualidade

13 - (FATEC SP)

Mama África

Mama África (a minha mãe)

é mãe solteira

e tem que fazer

mamadeira todo dia

além de trabalhar

como empacotadeira

nas Casas Bahia

Mama África tem tanto o que fazer

além de cuidar neném

além de fazer denguim

filhinho tem que entender

Mama África vai e vem

mas não se afasta de você

Quando Mama sai de casa

seus filhos se olodunzam

rola o maior jazz

Mama tem calos nos pés

Mama precisa de paz

Mama não quer brincar mais

filhinho dá um tempo

é tanto contratempo

no ritmo de vida de Mama

(Chico César. Mama África.In: www.radio.uol.com.br Acesso em: 07.10.2010. Adaptado)

Assinale a afirmação correta sobre o texto.

a) Embora haja trechos descritivos e narrativos, o que predomina é a dissertação.

b) As atribulações e contratempos do dia a dia tornam Mama África alheia e indiferente aos seus filhos.

c) Através de Mama África, tem-se o perfil da mulher que exercita vários papéis em diferentes esferas sociais.

d) Em – seus filhos se olodunzam | rola o maior jazz – as palavras foram empregadas em sentido próprio, isto é, denotativo.

e) Trata-se de uma narrativa cuja personagem principal ficou grávida, teve seu filho e, depois, foi abandonada pelo marido.

14 - (UFRN)

O pano abre na casa de EURICO ARÁBE, *mais conhecido como*

EURICÃO ENGOLE-COBRA.

[...]

CAROBA – E foi então que o patrão dele disse: "Pinhão,

você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão..."

EURICÃO – Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA – Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse:

"Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar

Euriques..."

EURICÃO – Eurico!

CAROBA – "Vá procurar Euríquio..."

EURICÃO – Chame Euricão mesmo.

CAROBA – "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO – Engole cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me

chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA – "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO – Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudório

Vicente comigo?

PINHÃO – Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO – (*Devolvendo a carta.*) Hein?

PINHÃO – Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo,

é para isso.

[...]

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca***.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. (Primeiro Ato).

O texto é, predominantemente,

a) explicativo, considerando-se a interação dos personagens marcada pela alternância entre perguntas e respostas.

b) descritivo, considerando-se a relação entre os substantivos e os adjetivos, responsável pela caracterização dos personagens.

c) injuntivo, considerando-se o uso de verbos no modo imperativo, característico de textos que apresentam instruções de uso.

d) dialogal, considerando-se a interação verbal dos personagens e as alternâncias de fala, marcadas pelo uso de travessões.

15 - (UFT TO)

Leia os provérbios a seguir.

Antes que cases, olha o que fazes.

Quem casa não pensa, quem pensa não casa.

Procura e acharás.

Quem procura acha.

Se queres bom conselheiro, procura o travesseiro.

A noite é boa conselheira.

Assinale a alternativa INCORRETA quanto à leitura discursiva e gramatical dos provérbios:

a) Os provérbios são expressos de modo pessoal e impessoal, como podemos ver respectivamente nos exemplos: “Se queres bom conselheiro, procura o travesseiro” e “A noite é boa conselheira”.
b) A opção pela impessoalidade no ato de citar um provérbio reflete a tendência de quem enuncia de não se envolver diretamente com o dito. É o caso de “Antes que cases, olha o que fazes”.
c) Os provérbios com marcas pessoais tratam de um discurso predominantemente centrado no enunciador, ou seja, em quem diz o dito. É o caso de “Procura e acharás” e “Se queres bom conselheiro, procura o travesseiro”.
d) O uso de provérbios revela um discurso de autoridade, ou um discurso autoritário: eles provêm de uma sabedoria popular anônima.
e) Em “Procura e acharás”, a classificação modo-temporal de **acharás** é futuro do presente do indicativo; forma hoje em desuso na oralidade no português brasileiro.

16 - (UFPA)

Em fevereiro de 1897, o poeta Olavo Bilac substitui o já renomado romancista Machado de Assis na função de cronista do periódico fluminense *Gazeta de Notícias.* A crônica, que no século XIX cumpre a função de registrar as questões mais prementes do dia, fossem políticas, culturais ou literárias, é o gênero ao qual se dedicará o poeta conhecido como um dos mestres do verso parnasiano.

A respeito da crônica “A prostituição infantil”, é correto afirmar que Olavo Bilac

a) assume uma postura neutra com relação à prostituição e exploração do trabalho infantil que grassavam nas ruas do Rio de Janeiro de fins do século XIX.

b) narra seu encontro noturno com uma criança que vendia flores, demonstra sua indignação com a prostituição e exploração do trabalho infantil, pondo sua verve literária a serviço de uma causa social.

c) considera que a prostituição e o trabalho infantil não são um problema social no Rio de Janeiro de sua época.

d) afirma que todos têm “mais o que fazer”, de forma que não interessa a ele e aos leitores o destino das meninas que se prostituem e vendem flores aos passantes.

e) elogia a polícia por ter dado fim à prostituição e ao trabalho infantil nas ruas do Rio de Janeiro.

17 - (UNIFOR CE)

Examinando um período que se inicia nos primeiros contatos realizados pelos colonizadores portugueses e espanhóis com o continente americano, até o século XVI, 'Visão do Paraíso' é um ensaio sobre o imaginário do colonizador. O livro estuda os mitos edênicos que acompanharam as narrativas dos descobrimentos e da colonização da América. Sérgio Buarque de Holanda recompôs a concepção paradisíaca que os descobridores tinham do Novo Mundo, desenvolvendo uma abordagem de longa duração. O diálogo estabelecido com a historiografia europeia, acompanhado de um domínio das fontes documentais que retratam as visões idílicas do continente americano, permitiu ao autor realizar uma comparação entre a colonização portuguesa e a espanhola da América. O autor mostra como as descrições do Novo Mundo produzidas pelos conquistadores castelhanos estão repletas de elementos fantásticos e correspondem às temáticas edênicas, enquanto, no caso português, o pragmatismo lusitano assume o lugar da imaginação criadora, assegurando às visões do Paraíso um espaço limitado na América portuguesa. A obra traz um caderno de imagens com reproduções de documentos e fotografias do acervo pessoal do autor, além de posfácios dos historiadores Laura de Mello e Souza e Ronaldo Vainfas.

Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=nhJku AAACAAJ&dq=vis%C3%A3o+do+paraiso&hl=pt BR&sa=X&ei=Kw2rUPtIx7HRAcihgQg&ved=0CEsQ6AEwBw > Acesso em: 11/11/2012.

A produção textual por meio da qual o autor faz uma breve apreciação e uma descrição a respeito de acontecimentos culturais ou de obras de arte no intuito de apresentá-los de forma sintetizada, pode ser denominada

a) Resenha.

b) Resumo.

c) Artigo Científico.

d) Propaganda.

e) Notícia.

18 - (UERN)

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(Manuel Bandeira. Disponível em: http://www.jornaldepoesia.jor.br/manuelbandeira04.html.)

É correto afirmar acerca do poema de Manuel Bandeira que

a) é possível destacar o lirismo presente na prosa narrativa acerca da "notícia de jornal".

b) podem ser evidenciados aspectos épicos ao recriar poeticamente uma notícia jornalística.

c) o eu-lírico demonstra a capacidade de sensibilizar-se afetivamente diante da tragédia descrita.

d) a mensagem do texto centraliza-se no eu-lírico, por tratar-se de um poema, texto pertencente ao gênero lírico.

19 - (UNEMAT MT)

A DIFERENÇA ENTRE MÍDIA SOCIAL E MÍDIA SOCIAL PARA NEGÓCIOS NO FACEBOOK

Dê uma olhada na sua página de perfil no Facebook.

Você vê todos os tipos de fotos suas, de seus amigos e de seus familiares? Isso não parece muito condizente com negócios. Está mais para comportamento tolo. Quase como uma sala de bate-papo para que seus amigos vejam sua vida, e você ver a deles.

Embora seja na sua maioria positivo, algumas contêm dramas, e tudo isso está aberto.

Agora, tire um tempinho e dê uma olhada em algumas páginas de mídia social para negócios. Elas são fáceis de achar. Todas as grandes corporações têm uma.

Olhe essas primeiramente e, em seguida, tente encontrar algumas páginas de empresas pequenas.

Em seguida, procure seus concorrentes, talvez procure até mesmo sua empresa.

Agora, pense em seus clientes, seus prospectos, seus fornecedores, seus contatos comerciais e suas conexões comerciais. O que você pode fazer para convidá-los ou, eu devo dizer, incitá-los a "curtir" sua página para negócios no Facebook?

(GITOMER, J. *Boom de mídias sociais*.
São Paulo: M. Books do Brasil, 2012. p. 69). (Adaptado).

O autor manifesta a opinião de que há incoerência em relação ao avanço das novas tecnologias da informação e comunicação no domínio das mídias sociais e a geração de informações úteis aos usuários.

O texto ressalta essa incoerência à medida em que:

a) Interroga: "Você vê todos os tipos de fotos suas, de seus amigos e de seus familiares?"

b) Questiona: "O que você pode fazer para convidá-los ou, eu devo dizer, incitá-los a 'curtir' sua página para negócios no Facebook?".

c) Pede: "[...] tire um tempinho e dê uma olhada em algumas páginas de mídia social para negócios".

d) Analisa: "Está mais para comportamento tolo".

e) Informa: "Embora seja na sua maioria positivo, algumas contêm dramas, e tudo isso está aberto".

20 - (Unievangélica GO)

Leia o texto a seguir.

Sensores em crachás e móveis rastreiam ação de funcionários

Empresas americanas estão criando novos meios de monitorar e analisar o comportamento de profissionais, com a promessa de melhorar a produtividade deles.

Uma pioneira no segmento é a Sociometric Solutions, que coloca sensores em crachás de funcionários para identificar a dinâmica social em sua companhia – como eles se movimentam, com quem conversam e que tom de voz adotam.

Um dos clientes da empresa, o Bank of America, descobriu que as pessoas mais produtivas eram aquelas que tinham o direito de fazer suas pausas juntas, porque usavam esse tempo para desabafar e trocar dicas. O banco decidiu adotar pausas coletivas para os profissionais.

David Lanthrop, diretor da fabricante de móveis Steelcase, que instala sensores no mobiliário de escritórios para verificar como profissionais interagem, diz que eles podem ser beneficiados por acompanharem o próprio desempenho.

Para Andrew Knight, professor da Universidade de Washington, que usa esse tipo de informação em estudos sobre comportamento nas empresas, o monitoramento constante é “uma imagem assustadora para o futuro” e pode “tirar parte da autenticidade dos relacionamentos”.

Folha de S. Paulo, 19 mar. 2014, p. B6.

O gênero textual é uma forma de ação social, construída a partir de certos mecanismos sociodiscursivos e composicionais.

Levando-se em conta esse postulado teórico, constata- se que o texto constitui um exemplo de

a) notícia, já que esse texto tem como propósito sociocomunicativo básico apresentar ao leitor informações sobre certo acontecimento social.

b) artigo de opinião, uma vez que esse texto busca apresentar e defender um ponto de vista, uma tese sobre uma determinada temática social.

c) artigo de divulgação, visto que esse texto tem o objetivo de divulgar ao grande público uma visão teórica e os resultados de uma pesquisa.

d) relatório, posto que esse texto visa apresentar ao leitor um conjunto de dados relativos às ações dos funcionários de uma empresa.

21 - (Unievangélica GO)

Leia o texto a seguir.

Sensores em crachás e móveis rastreiam ação de funcionários

Empresas americanas estão criando novos meios de monitorar e analisar o comportamento de profissionais, com a promessa de melhorar a produtividade deles.

Uma pioneira no segmento é a Sociometric Solutions, que coloca sensores em crachás de funcionários para identificar a dinâmica social em sua companhia – como eles se movimentam, com quem conversam e que tom de voz adotam.

Um dos clientes da empresa, o Bank of America, descobriu que as pessoas mais produtivas eram aquelas que tinham o direito de fazer suas pausas juntas, porque usavam esse tempo para desabafar e trocar dicas. O banco decidiu adotar pausas coletivas para os profissionais.

David Lanthrop, diretor da fabricante de móveis Steelcase, que instala sensores no mobiliário de escritórios para verificar como profissionais interagem, diz que eles podem ser beneficiados por acompanharem o próprio desempenho.

Para Andrew Knight, professor da Universidade de Washington, que usa esse tipo de informação em estudos sobre comportamento nas empresas, o monitoramento constante é “uma imagem assustadora para o futuro” e pode “tirar parte da autenticidade dos relacionamentos”.

Folha de S. Paulo, 19 mar. 2014, p. B6.

O último parágrafo do texto é construído a partir de um processo de

a) metadiscursividade, por meio do qual partes anteriores do texto são reelaboradas e reapresentadas de modo mais detalhado ao leitor.

b) narração, através do qual são narradas a história e as rotinas de trabalho de Andew Knight, professor da Universidade de Washington.

c) intertextualidade, caracterizado pela citação de um professor universitário, visto como autoridade que detém um saber legitimado.

d) argumentação, usado para reforçar a tese, segundo a qual o monitoramento de funcionários constitui atentado contra a privacidade.

22 - (ENEM)

É muito raro que um novo modo de comunicação ou de expressão suplante completamente os anteriores. Fala-se menos desde que a escrita foi inventada? Claro que não. Contudo, a função da palavra viva mudou, uma parte de suas missãos nas culturas puramente orais tendo sido preenchida pela escrita: transmissão dos conhecimentos e das narrativas, estabelecimento de contratos, realização dos principais atos rituais ou sociais etc. Novos estilos de conhecimento (o conhecimento "teórico", por exemplo) e novos gêneros (o código de leis, o romance etc.) surgiram. A escrita não fez com que a palavra desaparecesse, ela complexificou e reorganizou o sistema da comunicação e da memória social.

A fotografia substituiu a pintura? Não, ainda há pintores ativos. As pessoas continuam, mais do que nunca, a visitar museus, exposições e galerias, compram as obras dos artistas para pendurá-las em casa. Em contrapartida, é verdade que os pintores, os desenhistas, os gravadores, os escultores não são mais – como foram até o século XIX – os únicos produtores de imagens.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo. Ed. 34. 1999 (fragmento)

A substituição pura e simples do antigo pelo novo ou do natural pelo técnico tem sido motivo de preocupação de muita gente. O texto encaminha uma discussão em torno desse temor ao

a) considerar as relações entre o conhecimento teórico e o conhecimento empírico e acrescenta que novos gêneros textuais surgiram com o progresso.

b) observar que a línggua escrita não é uma transcrição fiel da língua oral e explica que as palavras antigas devem ser utilizadas para preservar a tradição.

c) perguntar sobre a razão das pessoas visitarem museus, exposições etc., e reafirma que os fotógrafos são os únicos responsáveis pela produção de obras de arte.

d) reconhecer que as pessoas temem que o avanço dos meios de comunicação, inclusive on-line, substitua o homem e leve alguns profissionais ao esquecimento.

e) revelar o receio das pessoas em experimentar novos meios de comunicação, com medo de sentirem retrógradas.

23 - (IFSC)

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num

barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Fonte: BANDEIRA, Manuel. In: *Manuel Bandeira.*
São Paulo: Abril Educação, 1981, p. 65.

Sobre o texto, é **CORRETO** afirmar que:

a) É um texto não literário porque tem como objetivo detalhar fatos e deve ser classificado como reportagem, e não como poema.

b) É um texto informativo por apresentar informações sobre um acontecimento recente e, por isso, deve ser classificado como notícia.

c) É um texto descritivo, diferentemente do que consta no título, porque apresenta várias características físicas e psicológicas do personagem João Gostoso.

d) É um texto literário, possui traços narrativos porque apresenta uma sequência de acontecimentos, e deve ser classificado como poema, conforme consta no título.

e) É um texto instrucional porque indica como realizar uma ação, aproximando-se, por isso, de um manual de instruções.

24 - (IFSP)

(...)

— Posso escolher meu presente do Dia das Mães, meu fofinho?

— Não, mãe. Perde a graça. Este ano, a senhora vai ver. Compro um barato.

— Barato? Admito que você compre uma lembrancinha barata, mas não diga isso a sua mãe. É fazer pouco de mim.

— Ih, mãe, a senhora está por fora mil anos. Não sabe que barato é o melhor que tem, é um barato!

— Deixe eu escolher, deixe...

— Mãe é ruim de escolha. Olha aquele blazer furado que a senhora me deu no Natal!

— Seu porcaria, tem coragem de dizer que sua mãe lhe deu um blazer furado?

— Viu? Não sabe nem o que é furado. Aquela cor já era, mãe, já era!

(...)

ANDRADE, Carlos Drummond de.
Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. Fragmento.

A análise das características do texto revela que

I. há características de um texto dissertativo e a utilização da linguagem formal.

II. embora predomine o discurso direto, também há uma presença forte do discurso indireto.

III. nele podem-se encontrar várias marcas de oralidade informal, a linguagem apresenta a conotação.

IV. há características de um texto narrativo, com linguagem simples que não se afasta muito da língua padrão.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) III e IV, apenas.

d) II e IV, apenas.

e) I, II e III, apenas.

25 - (UNIFOR CE)

É bem verdade que, aos 24 anos e já sob o peso de alguns sucessos como a avassaladora A banda, Francisco Buarque de Holanda se sentia irritado com a chicolatria que fazia dele uma espécie de jovem ideal que as mães de classe média sonhavam em ter como filho ou genro. Numa época em que o mau comportamento procurava impor-se como valor revolucionário, ser oferecido como modelo para os bem-nascidos não era a posição que um artista consciente como o filho do sociólogo e historiador Sérgio Buarque de Holanda iria querer para si, ainda mais que a imagem não era rigorosamente justa, conforme ele tentava demonstrar sempre que possível. Mas essas entrevistas confessionais, auto-desmitificadoras, revelando até transgressões de adolescência, como a de eventualmente puxar carros, não tinham a força de convencimento do sorriso puro de dentes claros e sadios que ele não podia esconder. Que se há de fazer? Às vezes a gente vai contra a corrente até não poder resistir [...].

VENTURA, Zuenir. 1968: O ano que não terminou.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

A narrativa descrita por Zuenir Ventura poderia ser encontrada num texto:

a) Biográfico.

b) Memorialista.

c) Jornalístico.

d) Publicitário.

e) Instrumentalista.

26 - (UNIFOR CE)

A década de 60 foi um período efervescente na arte e na cultura brasileira, o conteúdo político esteve presente nos textos teatrais, na literatura e na música. Chico Buarque de Holanda se destacou no III Festival de Música da TV Excelsior com uma canção que sugeria a angústia impotente de um prisioneiro da engrenagem do consumo cultural que queria ser o senhor do seu próprio destino. A música mencionada é:

a) A banda.

b) Roda Viva.

c) Cálice.

d) Construção.

e) O que será.

27 - (ENEM)

O hipertexto refere-se à escritura eletrônica não sequencial e não linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim, o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma sequência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente coautor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita. Assim, ao permitir vários níveis de tratamento de um tema, o hipertexto oferece a possibilidade de múltiplos graus de profundidade simultaneamente, já que não tem sequência definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados.

MARCUSCHI, L. A. Disponível em: http://www.pucsp.br. Acesso em: 29 jun. 2011.

O computador mudou nossa maneira de ler e escrever, e o hipertexto pode ser considerado como um novo espaço de escrita e leitura. Definido como um conjunto de blocos autônomos de texto, apresentado em meio eletrônico computadorizado e no qual há remissões associando entre si diversos elementos, o hipertexto

a) é uma estratégia que, ao possibilitar caminhos totalmente abertos, desfavorece o leitor, ao confundir os conceitos cristalizados tradicionalmente.

b) é uma forma artificial de produção da escrita, que, ao desviar o foco da leitura, pode ter como consequência o menosprezo pela escrita tradicional.

c) exige do leitor um maior grau de conhecimentos prévios, por isso deve ser evitado pelos estudantes nas suas pesquisas escolares.

d) facilita a pesquisa, pois proporciona uma informação específica, segura e verdadeira, em qualquer *site* de busca ou *blog* oferecidos na internet.

e) possibilita ao leitor escolher seu próprio percurso de leitura, sem seguir sequência predeterminada, constituindo-se em atividade mais coletiva e colaborativa.

28 - (ENEM)



Disponível em: www.ccsp.com.br. Acesso em: 26 jul. 2010 (adaptado).

O anúncio publicitário está intimamente ligado ao ideário de consumo quando sua função é vender um produto. No texto apresentado, utilizam-se elementos linguísticos e extralinguísticos para divulgar a atração "Noites do Terror”, de um parque de diversões. O entendimento da propaganda requer do leitor

a) a identificação com o público-alvo a que se destina o anúncio.

b) a avaliação da imagem como uma sátira às atrações de terror.

c) a atenção para a imagem da parte do corpo humano selecionada aleatoriamente.

d) o reconhecimento do intertexto entre a publicidade e um dito popular.

e) a percepção do sentido literal da expressão "noites *do* terror", equivalente à expressão "noites *de terror*"..

29 - (ENEM)

La Vie en Rose



ITURRUSGARAI, A. La Vie en Rose. **Folha de S.Paulo**,

11 ago. 2007.

Os quadrinhos exemplificam que as *Histórias em Quadrinhos* constituem um gênero textual

a) em que a imagem pouco contribui para facilitar a interpretação da mensagem contida no texto, como pode ser constatado no primeiro quadrinho.

b) cuja linguagem se caracteriza por ser rápida e clara, que facilita a compreensão, como se percebe na fala do segundo quadrinho: "</DIV> </SPAN> <BR CLEAR = ALL> < BR>
 <SCRIPT>".

c) em que o uso de letras com espessuras diversas está ligado a sentimentos expressos pelos personagens, como pode ser percebido no último quadrinho.

d) que possui em seu texto escrito características próximas a uma conversação face a face, como pode ser percebido no segundo quadrinho.

e) que a localização casual dos balões nos quadrinhos expressa com clareza a sucessão cronológica da história, como pode ser percebido no segundo quadrinho.

30 - (ENEM)



APADRINHE. IGUAL AO JOÃO, MILHARES DE CRIANÇAS TAMBÉM PRECISAM DE UM MELHOR AMIGO. SEJA O MELHOR AMIGO DE UMA CRIANÇA.

Anúncio assinado pelo Fundo Cristão para Crianças CCF-Brasil. **Revista IstoÉ**. São Paulo:

Três, ano 32, n° 2079, 16 set. 2009.

Pela forma como as informações estão organizadas, observa-se que, nessa peça publicitária, predominantemente, busca-se

a) conseguir a adesão do leitor à causa anunciada.

b) reforçar o canal de comunicação com o interlocutor.

c) divulgar informações a respeito de um dado assunto.

d) enfatizar os sentimentos e as impressões do próprio enunciador.

e) ressaltar os elementos estéticos, em detrimento do conteúdo veiculado.

31 - (ENEM)

CURRÍCULO

Identificação Pessoal

[Nome Completo]

Brasileiro, [Estado Civil], [Idade] anos

[Endereço – Rua/Av. + Número + Complemento]

[Bairro] – [Cidade] – [Estado]

Telefone: [Telefone com DDD] / E-mail: [E-mail]

Objetivo

[Cargo pretendido]

Formação

Experiência Profissional

[Período] – Empresa

Cargo:

Principais atividades:

Qualificação Profissional

[Descrição] ([Local], conclusão em [Ano de Conclusão

do Curso ou Atividade]).

Informações Adicionais

[Descrição Informação Adicional]

A busca por emprego faz parte da vida de jovens e adultos. Para tanto, é necessário estruturar o currículo adequadamente. Em que parte da estrutura do currículo deve ser inserido o fato de você ter sido premiado com o título de "Aluno Destaque do Ensino Médio – Menção Honrosa"?

a) Identificação pessoal.

b) Formação.

c) Experiência Profissional.

d) Informações Adicionais.

e) Qualificação Profissional.

32 - (ENEM)



Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, ago. 2009.

Esse texto é uma propaganda veiculada nacionalmente. Esse gênero textual utiliza-se da persuasão com uma intencionalidade específica. O principal objetivo desse texto é

a) comprovar que o avanço da dengue no país está relacionado ao fato de a população desconhecer os agentes causadores.

b) convencer as pessoas a se mobilizarem, com o intuito de eliminar os agentes causadores da doença.

c) demonstrar que a propaganda tem um caráter institucional e, por essa razão, não pretende vender produtos.

d) informar à população que a dengue é uma doença que mata e que, por essa razão, deve ser combatida.

e) sugerir que a sociedade combata a doença, observando os sintomas apresentados e procurando auxílio médico.

33 - (ENEM)



Disponível em: http://ziraldo.blogtv.uol.com.br. Acesso em: 27 jul. 2010.

O cartaz de Ziraldo faz parte de uma campanha contra o uso de drogas. Essa abordagem, que se diferencia das de outras campanhas, pode ser identificada

a) pela seleção do público alvo da campanha, representado, no cartaz, pelo casal de jovens.

b) pela escolha temática do cartaz, cujo texto configura uma ordem aos usuários e não usuários: diga não às drogas.

c) pela ausência intencional do acento grave, que constrói a ideia de que não é a droga que faz a cabeça do jovem.

d) pelo uso da ironia, na oposição imposta entre a seriedade do tema e a ambiência amena que envolve a cena.

e) pela criação de um texto de sátira à postura dos jovens, que não possuem autonomia para seguir seus caminhos.

34 - (ENEM)

Texto I

Chão de esmeralda

Me sinto pisando

Um chão de esmeraldas

Quando levo meu coração

À Mangueira

Sob uma chuva de rosas

Meu sangue jorra das veias

E tinge um tapete

Pra ela sambar

É a realeza dos bambas

Que quer se mostrar

Soberba, garbosa

Minha escola é um catavento a girar

É verde, é rosa

Oh, abre alas pra Mangueira passar

BUARQUE, C.; CARVALHO, H. B. **Chico Buarque de Mangueira**. Marola Edições Musicais Ltda. BMG. 1997. Disponível em: www.chicobuarque.com.br. Acesso em: 30 abr. 2010.

Texto II

Quando a escola de samba entra na Marquês de Sapucaí, a plateia delira, o coração dos componentes bate mais forte e o que vale é a emoção. Mas, para que esse verdadeiro espetáculo entre em cena, por trás da cortina de fumaça dos fogos de artifício, existe um verdadeiro batalhão de alegria: são costureiras, aderecistas, diretores de ala e de harmonia, pesquisador de enredo e uma infinidade de profissionais que garantem que tudo esteja perfeito na hora do desfile.

AMORIM, M.; MACEDO, G. O espetáculo dos bastidores. **Revista de Carnaval 2010: Mangueira.** Rio de Janeiro: Estação Primeira de Mangueira, 2010.

Ambos os textos exaltam o brilho, a beleza, a tradição e o compromisso dos dirigentes e de todos os componentes com a escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Uma das diferenças que se estabelece entre os textos é que

a) o artigo jornalístico cumpre a função de transmitir emoções e sensações, mais do que a letra de música.

b) a letra de música privilegia a função social de comunicar a seu público a crítica em relação ao samba e aos sambistas.

c) a linguagem poética, no Texto I, valoriza imagens metafóricas e a própria escola, enquanto a linguagem, no Texto II, cumpre a função de informar e envolver o leitor.

d) ao associar *esmeraldas* e *rosas* às cores da escola, o Texto I acende a rivalidade entre escolas de samba, enquanto o Texto II é neutro.

e) o Texto I sugere a riqueza material da Mangueira, enquanto o Texto II destaca o trabalho na escola de samba.

35 - (ENEM)

Assaltantes roubam no ABC 135 mil figurinhas da Copa do Mundo

Cinco assaltantes roubaram 135 mil figurinhas do álbum da Copa do Mundo 2010 na noite de quarta-feira (21), em Santo André, no ABC. Segundo a assessoria da Treelog, empresa que distribui os cromos, ninguém ficou ferido durante a ação.

O roubo aconteceu por volta das 23h30. Armados, os criminosos renderam 30 funcionários que estavam no local, durante cerca de 30 minutos, e levaram 135 caixas, cada uma delas contendo mil figurinhas. Cada pacote com cinco cromos custa R$ 0,75.

Procurada pelo **G1,** a Panini, editora responsável pelas figurinhas, afirmou que a falta dos cromos em algumas bancas não tem relação com o roubo. Segundo a editora, isso se deve à grande demanda pelas figurinhas.

Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso em: 23 abr. 2010 (adaptado).

A notícia é um gênero jornalístico. No texto, o que caracteriza a linguagem desse gênero é o uso de

a) expressões linguísticas populares.

b) palavras de origem estrangeira.

c) variantes linguísticas regionais.

d) termos técnicos e científicos.

e) formas da norma padrão da língua.

36 - (ENEM)

Choque a 36 000 km/h

A faixa que vai de 160 quilômetros de altitude em volta da terra assemelha-se a uma avenida congestionada onde orbitam 3 000 satélites ativos. Eles disputam espaço com 17 000 fragmentos de artefatos lançados pela Terra e que se desmancharam – foguetes, satélites desativados e até ferramentas perdidas por astronautas. Com um tráfego celeste tão intenso, era questão de tempo para que acontecesse um acidente de grandes proporções, como o da semana passada. Na terça-

feira, dois satélites em órbita desde os anos 90 colidiram em um ponto 790 quilômetros acima da Sibéria. A trombada dos satélites chama a atenção para os riscos que oferece a montanha de lixo espacial em órbita. Como os objetos viajam a grande velocidade, mesmo um pequeno fragmento de 10 centímetros poderia causar estragos consideráveis no telescópio Hubble ou na estação espacial Intemacional – nesse caso pondo em risco a vida dos astronautas que lá trabalham.

Revista Veja. 18 set. 2009 (adaptado).

Levando-se em consideração os elementos constitutivos de um texto jornalístico, infere-se que o autor teve como objetivo

a) exaltar o emprego da linguagem figurada.

b) criar suspense e despertar temor no leitor.

c) influenciar a opinião dos leitores sobre o tema, com as marcas argumentativas de seu posicionamento.

d) induzir o leitor a pensar que os satélites artificiais representam um grande perigo para toda a humanidade.

e) exercitar a ironia ao empregar “avenida congestionada”; “tráfego celeste tão intenso”; “montanha de lixo”.

37 - (ENEM)

Estamos em plena “Idade Mídia” desde os anos de 1990, plugados durante muitas horas semanais (jovens entre 13 e 24 anos passam 3h30 diárias na Internet, garante pesquisa Studio Ideias para o núcleo Jovem da Editora Abril), substituímos as cartas pelos *e-mails*, os diários intímos pelos *blogs*, os telegramas pelo *Twitter*, a enciclopédia pela *Wikipédia*, o álbum de fotos pelo *Flickr*. O *YouTube* é mais atraente do que a TV.

PERISSÉ, G. **A escrita na Internet**. Especial Sala de Aula. São Paulo, 2010 (fragmento).

Cada sistema de comunicação tem suas especificidades. No ciberespaço, os textos virtuais são produzidos combinando-se características de gêneros tradicionais. Essa combinação representa,

a) na redação do *e-mail*, o abandono da formalidade e do rigor gramatical.

b) no uso do *Twitter*, a presença da concisão, que aproxima os textos às manchetes jornalísticas.

c) na produção de um *blog*, a perda da privacidade, pois o *blog* se identifica com o diário íntimo.

d) no uso do *Twitter*, a falta de coerência nas mensagens ali veiculadas, provocada pela economia de palavras.

e) na produção de textos em geral, a soberania da autoria colaborativa no ciberespaço.

38 - (ENEM)



Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br.
Acesso em: 1 mar. 2012.

A publicidade, de uma forma geral, alia elementos verbais e imagéticos na constituição de seus textos. Nessa peça publicitária, cujo tema é a sustentabilidade, o autor procura convencer o leitor a

a) assumir uma atitude reflexiva diante dos fenômenos naturais.

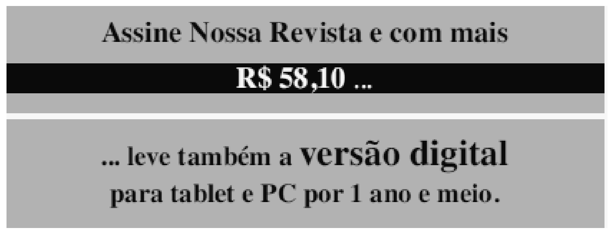
b) evitar o consumo excessivo de produtos reutilizáveis.

c) aderir à onda sustentável, evitando o consumo excessivo.

d) abraçar a campanha, desenvolvendo projetos sustentáveis.

e) consumir produtos de modo responsável e ecológico.

39 - (ENEM)



Disponível em: www.assine.abril.com.br.
Acesso em: 29 fev. 2012 (adaptado).

Com o advento da internet, as versões de revistas e livros também se adaptaram às novas tecnologias. A análise do texto publicitário apresentado revela que o surgimento das novas tecnologias

a) proporcionou mudanças no paradigma de consumo e oferta de revistas e livros.

b) incentivou a desvalorização das revistas e livros impressos.

c) viabilizou a aquisição de novos equipamentos digitais.

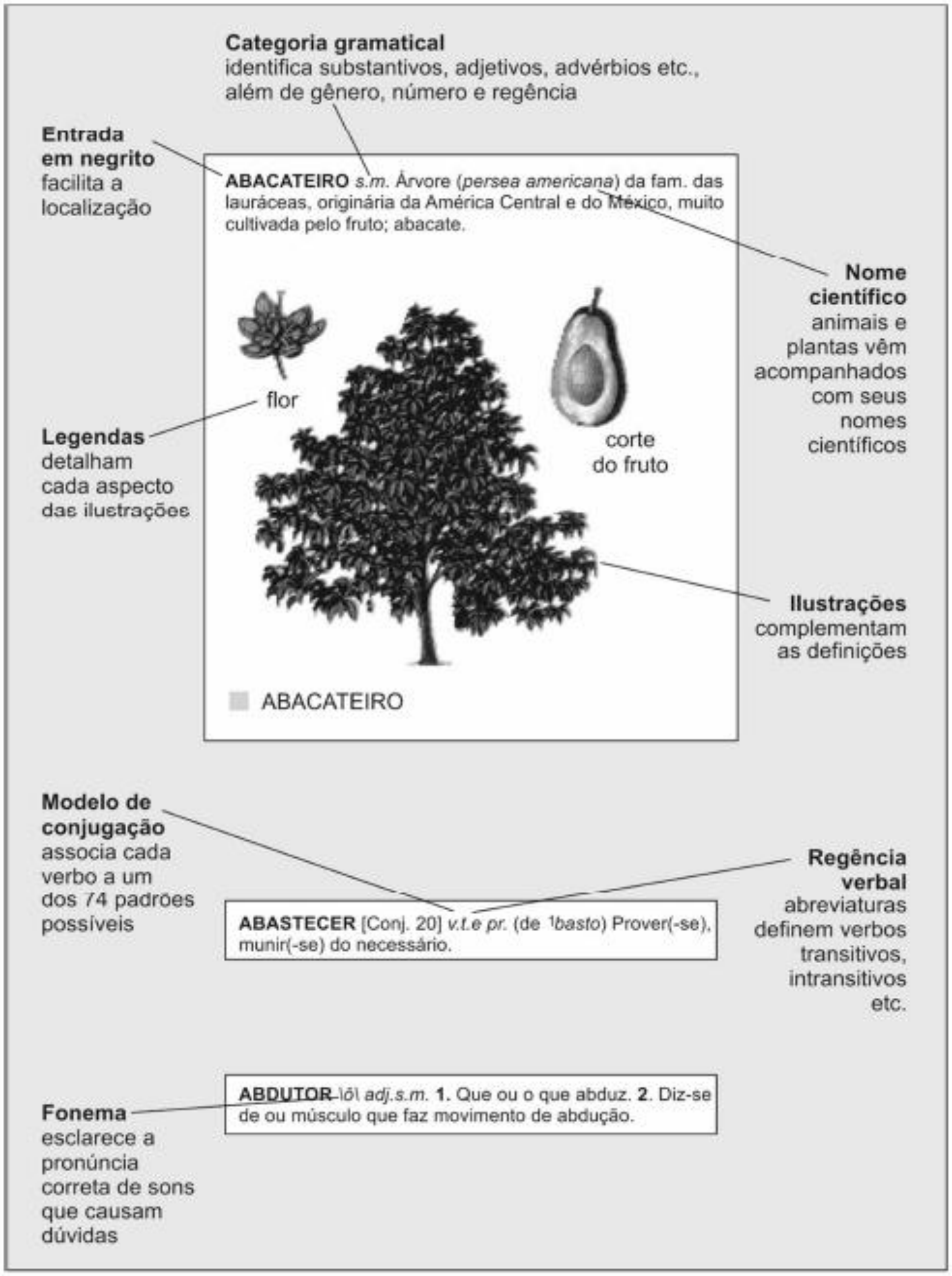
d) aqueceu o mercado de venda de computadores.

e) diminuiu os incentivos à compra de eletrônicos.

40 - (PUCCamp SP)

Atente para a página abaixo transcrita **(I)**, publicada numa das folhas iniciais de um livro.

(I)



Observação cuidadosa da totalidade das informações contidas em **(I)** permite, corretamente, o levantamento da seguinte hipótese:

a) **I** detalha as informações apresentadas sobre o **ABACATEIRO** para indicar como é organizada a obra, possivelmente um dicionário especializado em botânica.

b) **I** deve introduzir obra especializada em gramática, em que os diversos assuntos acerca da língua portuguesa são apresentados sob entrada em negrito, como se dá no caso de um dicionário.

c) **I** pode fazer parte da apresentação de um dicionário ilustrado, constituindo explicação de como são estruturados os distintos tipos de verbetes.

d) **I** deve introduzir dicionário destinado a estrangeiros que desejam conhecer melhor a língua portuguesa, o que justificaria a presença de informações, por exemplo, sobre conjugações e pronúncia de palavras.

e) **I** pode constituir, como ocorre em dicionários, a lista completa das reduções adotadas na obra, que indica, por exemplo, que *v. t.* corresponde a “verbo intransitivo”.

41 - (UNITAU SP)



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=propaganda+de+economia+de+agua&source=lnms&tb> Acesso em 15 set. 2013. (Excerto)

Leia a propaganda e assinale a alternativa INCORRETA.

a) Essa propaganda não apresenta características de um texto argumentativo.

b) Essa propaganda objetiva levar o leitor a modificar seu comportamento.

c) O objetivo dessa propaganda é persuadir o leitor a aderir a uma ideia.

d) O emprego de verbos no modo imperativo é uma das características desse texto publicitário.

e) Um dos recursos utilizados nesse texto para chamar a atenção do leitor é o jogo de palavras.

42 - (ENEM)



Disponível em: http://www.fundacaofia.com.br/ceats/eca_gibi/capa.htm. Acesso em: 3 maio 2009 (adaptado).

Para o uso cotidiano de qualquer gênero de texto que circula em nossa sociedade, é necessário que se conheça sua finalidade, função social e organização textual. Pela leitura da história em quadrinhos, infere-se que o gênero estatuto

a) pertence à esfera jurídica, por tratar de leis e ter como finalidade estabelecer normas e regras de conduta.

b) caracteriza-se pelo uso de uma variedade linguística regional não padrão.

c) caracteriza-se pelo uso da linguagem coloquial.

d) estabelece o direito de todos os cidadãos.

e) apresenta elementos não verbais.

43 - (ENEM)

PROCURE DIREITO PARA CHEGAR ONDE QUER

A nossa empresa desenvolveu um programa de estudos com vários cursos voltados para a carreira jurídica. Usufrua as vantagens do melhor material didático, da estrutura física e tecnológica e da alta qualidade de nosso corpo docente.

Após cada aula, são disponibilizadas *online* questões de provas de concursos públicos sobre o conteúdo apresentado. A evolução do aprendizado é monitorada e o aluno recebe relatórios sobre o seu desempenho.

Correio Braziliense.Caderno Simuladão,
28 abr. 2009, p. 5.

No texto publicitário acima, predomina a função conativa da linguagem, que é centrada no receptor da mensagem. No texto em questão, os recursos de linguagem empregados têm o objetivo de convencer

a) alunos do ensino fundamental, já que se fala em “evolução do aprendizado”.

b) candidatos a concursos públicos, já que se refere a “vários cursos voltados para a carreira jurídica”.

c) idosos que querem estudar por prazer, já que se destaca “as vantagens do melhor material didático, da estrutura física e tecnológica”

d) donas de casa que querem cultura geral, já que ressalta a comodidade do serviço no trecho “o aluno recebe relatórios sobre o seu desempenho.”

e) jovens que cursam os cursos supletivos para jovens e adultos, já que mostra que “a nossa empresa desenvolveu um programa de estudos com vários cursos”.

44 - (ENEM)

A maratona é a mais longa, difícil e emocionante prova olímpica. Desde 1924, seu percurso é de 42,195 km. Tudo começou no ano de 490 a.C., quando os soldados gregos e persas travaram uma batalha que se desenrolou entre a cidade de Maratona e o mar Egeu. A luta estava difícil para os gregos. Comandados por Dario, os persas avançavam seu exército em direção a Maratona. Milcíades, o comandante grego, chamou o soldado Fílcides para pedir reforços. Ele levou o apelo de cidade em cidade até chegar a Atenas, 40 km distante. Com os reforços, os gregos venceram. Milcíades ordenou que Fílcides fosse outra vez a Atenas para informar que tinham vencido a batalha. Quando Fílcides chegou ao seu destino, só teve forças para dizer uma palavra: "Vencemos". E caiu morto.

DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos,
São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 197.

No texto, de natureza informativa,

a) os dois primeiros períodos são dissertativos e os seguintes são narrativos.

b) descrição, argumentação e narração estão entrelaçadas nos fatos apresentados.

c) os três primeiros períodos são argumentativos e os seguintes são narrativos.

d) os segmentos argumentativos e descritivos predominam.

e) todos os períodos constituem-se como narrativas.

45 - (ENEM)



BAGNO, M. **Não é errado falar assim!**: em defesa do português brasileiro.
São Paulo: Parábola, 2009 (adaptado).

A situação social em que o falante está inserido é determinante para o uso da língua. Dessa forma, cabe ao usuário adequar-se a cada contexto, a seus condicionantes: formalidade/informalidade, intimidade/hierarquias etc. Considerando-se a situação comunicativa, há, na charge,

a) displicência de ambos os falantes, já que desconsideram a situação em que estão inseridos e usam um registro inadequado ao contexto.

b) dualidade de registros entre os dois falantes, já que ambos usam regras distintas quanto à concordância.

c) inobservância do personagem vestido de preto quanto à informalidade da situação e o consequente uso de um registro bastante formal.

d) inadequação, do ponto de vista da norma padrão, do registro de um e de outro falante.

e) consenso entre os registros dos dois falantes no tocante à norma padrão, já que ambos usam as mesmas regras de regência.

46 - (ENEM)

Árvore da Língua

Ao longo dos três andares, uma instalação de 16 metros de altura mostra palavras com mais de 6 mil anos, projetadas em folhas da Árvore da Língua. Ela faz os significados dançarem para falar da evolução do indo-europeu ao latim e, dele, ao português. Criada pelo designer Rafic Farah, a escultura é pontuada por um mantra de Arnaldo Antunes, com os termos "língua" e "palavra" cantados em vários idiomas.

SCARDOVELI, E. **Revista Língua Portuguesa**. Ano II, nº 6.
São Paulo: Segmento, 2006.

O texto apresentado pertence ao domínio jornalístico. Sua finalidade e sua composição estrutural caracterizam-no como

a) quadro informativo, pois apresenta dados sobre um objeto.

b) notícia, já que leva informação atual a um público específico.

c) reportagem, porque enfoca um assunto de forma abrangente.

d) legenda, porque descreve elementos e retoma uma informação.

e) entrevista, pois apresenta uma opinião sobre o local inaugurado.

47 - (ENEM)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CPI)
Biblioteca Goiandira Ayres de Couto

Departamento Estadual de Trânsito de Goiás.
Manual de primeiros socorros no trânsito / DETRAN-GO; (org.) Clives Pereira Sanches. Goiânia: DETRAN-GO, 2005
25 p. ; il.

1. Primeiros Socorros. 2. Trânsito. 3. Acidentes. 4. Emergências. I. Sanches, Clives Pereira. II. Título.

CDU: 351.88:656.11(81)

Disponível em: http://www.scg.goias.gov.br. Acesso em: 28 jul. 2010.

O exemplo de gênero textual citado é largamente utilizado em bibliotecas. Suas características o definem como pertencente ao gênero

a) aviso, por instruir o leitor a identificar o autor.

b) ficha, que é utilizada para identificar uma obra.

c) formulário, que contém informações sobre o autor.

d) lista, por relacionar os assuntos da obra.

e) manual, que define os passos da busca.

48 - (ENEM)

O que a internet esconde de você

Para cada site que você pode visitar, existem pelo menos 400 outros que não consegue acessar. Eles existem, estão lá, mas são invisíveis. Estão presos num buraco negro digital maior do que a própria internet. A cada vez que você interage com um amigo nas redes sociais, vários outros são ignorados e têm as mensagens enterradas num enorme cemitério *on-line*. E, quando você faz uma pesquisa no Google, não recebe os resultados de fato — e sim uma versão maquiada, previamente modificada de acordo com critérios secretos. Sim, tudo isso é verdade — e não é nenhuma grande conspiração. Acontece todos os dias sem que você perceba. Pegue seu chapéu de Indiana Jones e vamos explorar a *web* perdida.

GRAVATÁ, A. **Superinteressante**, nov. 2011 (fragmento).

Os gêneros do discurso jornalístico, geralmente a manchete, a notícia e a reportagem, exigem um repórter que não diz “eu”, nem mesmo que se refi ra ao leitor do texto explicitamente. No trecho lido, ao contrário, é recorrente o emprego de “você”, o qual

a) remete a um sujeito “eu” que se prende ao próprio dizer, fortalecendo a subjetividade.

b) explicita uma construção metalinguística que se volta para o próprio dizer.

c) deixa claro o leitor esperado para o texto, aquele que visita redes sociais e sites de busca no dia a dia.

d) estabelece conexão entre o fatual e o opinativo, o que descaracteriza o texto como reportagem.

e) revela a intenção de tornar a leitura mais fácil, a partir de um texto em que se emprega vocabulário simples.

49 - (ENEM)

Como os gêneros são históricos e muitas vezes estão ligados às tecnologias, eles permitem que surjam novidades nesse campo, mas são novidades com algum gosto do conhecido. Observem-se as respectivas tecnologias e alguns de seus gêneros: ***telegrama; telefonema; entrevista televisiva; entrevista radiofônica; roteiro cinematográfico*** e muitos outros que foram surgindo com tecnologias específicas. Neste sentido, é claro que a tecnologia da computação, por oferecer uma nova perspectiva de uso da escrita num meio eletrônico muito maleável, traz mais possibilidades de inovação.

MARCUSCHI, L. A. Disponível em: www.progesp.ufba.br. Acesso em: 23 jul. 2012 (fragmento).

O avanço das tecnologias de comunicação e informação fez, nas últimas décadas, com que surgissem novos gêneros textuais. Esses novos gêneros, contudo, não são totalmente originais, pois eles inovam em alguns pontos, mas remetem a outros gêneros textuais preexistentes, como ocorre no seguinte caso:

a) O gênero *e-mail* mantém características dos gêneros *carta* e *bilhete*.

b) O gênero *aula virtual* mantém características do gênero *reunião de grupo*.

c) O gênero *bate-papo virtual* mantém características do gênero *conferência*.

d) O gênero *videoconferência* mantém características do gênero *aula presencial*.

e) O gênero *lista de discussão* mantém características do gênero *palestra*.

50 - (ENEM)

Um gramático contra a gramática

O gramático Celso Pedro Luft era formado em Letras Clássicas e Vernácula pela PUCRS e fez curso de especialização em Portugal. Foi professor na UFRGS e na Faculdade Porto-Alegrense de Ciências e Letras. Suas obras mais relevantes são: *Gramática resumida, Moderna gramática brasileira, Dicionário gramatical da língua portuguesa, Novo manual de português, Minidicionário Luft, Língua e liberdade* e *O romance das palavras.* Na obra *Língua e liberdade*, Luft traz um conjunto de ideias que subverte a ordem estabelecida no ensino da língua materna, por combater, de forma veemente, o ensino da gramática em sala de aula. Nos seis pequenos capítulos que integram a obra, o gramático bate, intencionalmente, sempre na mesma tecla — uma variação sobre o mesmo tema: a maneira tradicional e errada de ensinar a língua materna.

SCARTON, G. Disponível em: www.portugues.com.br. Acesso em: 26 out. 2011 (fragmento).

Reconhecer os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade constitui-se uma característica fundamental do leitor competente. A análise das características presentes no fragmento de *Um gramático contra a gramática*, de Gilberto Scarton, revela que o texto em questão pertence ao seguinte gênero textual:

a) **Artigo científico**, uma vez que o fragmento contém título, nome completo do autor, além de ter sido redigido em uma linguagem clara e objetiva.

b) **Relatório**, pois o fragmento em questão apresenta informações sobre o autor, bem como descreve com detalhes o conteúdo da obra original.

c) **Resenha**, porque além de apresentar características estruturais da obra original, o texto traz ainda o posicionamento crítico do autor do fragmento.

d) **Texto publicitário**, pois o fragmento apresenta dados essenciais para a promoção da obra original, como informações sobre o autor e o conteúdo.

e) **Resumo**, visto que, no fragmento, encontram-se informações detalhadas sobre o currículo do autor e sobre o conteúdo da obra original.

51 - (ENEM)

Pesquisa da Faculdade de Educação da USP mostrou que quase metade dos alunos que ingressam nos cursos de licenciatura em Física e Matemática da universidade não estão dispostos a

tornar-se professores. O detalhe inquietante é que licenciaturas foram criadas exatamente para formar docentes.

A dificuldade é que, se os estudantes não querem virar professores, fica difícil conseguir bons profissionais.

Resolver essa encrenca é o desafio. Salários são por certo uma parte importante do problema, mas outros elementos, como estabilidade na carreira e prestígio social, também influem.

SCHWARTSMAN, H. **Folha de S. Paulo**, 13 out. 2012.

Identificar o gênero do texto é um passo importante na caminhada interpretativa do leitor. Para isso, é preciso observar elementos ligados à sua produção e recepção. Reconhece-se que esse texto pertence ao gênero artigo de opinião devido ao(à)

a) suporte do texto: um jornal de grande circulação.

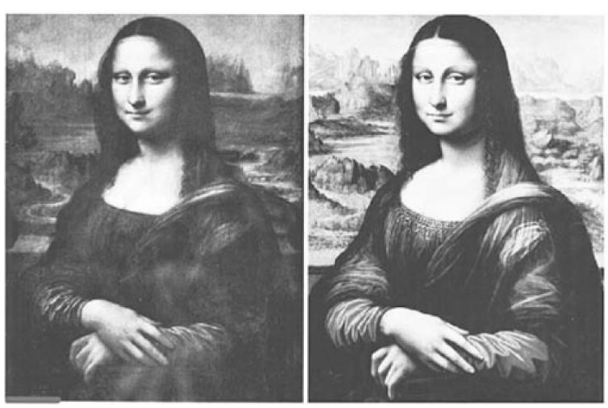
b) lugar atribuído ao leitor: interessados no magistério.

c) tema tratado: o problema da escassez de professores.

d) função do gênero: refletir sobre a falta de professores.

e) linguagem empregada pelo autor: formal e denotativa.

52 - (ENEM)



Giocondas gêmeas

A existência de uma segunda pintura da *Mona Lisa* — a *Gioconda*, de Leonardo da Vinci — foi confirmada pelo Museu do Prado, em Madri, em fevereiro. O quadro era conhecido desde o século XVIII, mas tido como uma reprodução tardia do original. Um trabalho de restauração revelou que seu fundo de cor negra na verdade recobria a reprodução de uma típica paisagem da Toscana, como a pintada por Da Vinci. Radiografias mostraram que a tela é irmã gêmea do original, provavelmente pintada por discípulos do mestre, sob supervisão de Da Vinci, no seu ateliê de Florença, entre 1503 e 1506. Os dois quadros serão, agora, expostos no Louvre. Há, entretanto, diferenças: a florentina Lisa Gherardini (*Mona Lisa*), aparentemente na meia-idade, parece mais moça na nova tela. O manto sobre o ombro esquerdo do quadro original surge como um véu transparente, e o decote aparece com mais nitidez. A descoberta reforça a tese de estudiosos, como o inglês Martin Kemp, de que assistentes de Da Vinci ajudaram na composição de telas importantes do mestre.

Revista Planeta, ano 40, ed. 474, mar. 2012.

Para cumprir sua função social, o gênero notícia precisa divulgar informações novas. No texto *Giocondas gêmeas*, além de ser confirmada a existência de uma tela gêmea de *Mona Lisa* e de serem destacadas as diferenças entre elas, o valor informativo do texto está centrado na

a) afirmação de que a *Gioconda* genuína estava na fase da meia-idade.

b) revelação da identidade da mulher pintada por Da Vinci, a florentina Lisa Gherardini.

c) consideração de que as produções artísticas de Da Vinci datam do período renascentista.

d) descrição do fato de que a tela original mostra um manto sobre o ombro esquerdo da personagem.

e) confirmação da hipótese de que Da Vinci teve assistentes que o auxiliaram em algumas de suas obras.

53 - (ENEM)

Entrevista — Tony Bellotto

A língua é *rock*

Guitarrista do Titãs e escritor completa dez anos à frente de programa televisivo em que discute a língua portuguesa por meio da música

O que o atraiu na proposta de Afinando a Língua?

No começo, em 1999, a ideia era fazer um programa que falasse de língua portuguesa usando a música como atrativo, principalmente, para os jovens. Com o passar do tempo, ele foi se transformando num programa sobre a linguagem usada em letras de música, no jornalismo, na literatura de ficção e na poesia. Como não sou um cara de TV, trago a experiência de escritor e músico, e sempre participo de forma mais ativa do que como um mero apresentador. Estou nas reuniões de pauta e faço sugestões nos roteiros. Mas o conteúdo é feito pelo pessoal do Futura.

Quais as vantagens e desvantagens do ensino da língua por meio das letras de música?

Não sou pedagogo ou educador, então só vejo vantagens, porque as letras de música usam uma linguagem que é a do dia a dia, principalmente, dos jovens. A música é algo que lhes dá prazer e, didaticamente, pode fazer as vezes de algo que o aluno tem a noção de ser entediante — estudo da língua, sentar e abrir um livro. Ao ouvir uma música, os exemplos surgem. É a grande vantagem e sempre foi a ideia do programa.

Disponível em: http://revistalingua.uol.com.br.
Acesso em: 8 ago. 2012 (fragmento).

Os gêneros textuais são definidos por meio de sua estrutura, função e contexto de uso.Tomando por base a estrutura dessa entrevista, observa-se que

a) a organização em turnos de fala reproduz o diálogo que ocorre entre os interlocutores.

b) o tema e o suporte onde foi publicada justificam a ausência de traços da linguagem informal.

c) a ausência de referências sobre o entrevistado é uma estratégia para induzir à leitura do texto na íntegra.

d) o uso do destaque gráfico é um recurso de edição para ressaltar a importância do tema para o entrevistador.

e) o entrevistado é um especialista em abordagens educacionais alternativas para o ensino da língua portuguesa.

54 - (ENEM)



Pode aparecer onde menos se espera e em cinco formas diferentes.

É por isso que o Dia Mundial Contra a Hepatite está aí para alertar você. As hepatites A, B, C, D e E têm diversas causas e muitas formas de chegar até você. Mas, evitar isso é bem simples. Você só precisa ficar atento aos cuidados necessários para cuidar do maior bem que você tem: A SUA SAÚDE!

Algumas maneiras de se prevenir:

- Vacine-se contra as hepatites A e B.
- Use água tratada e siga sempre as recomendações quanto à restrição de banhos em locais públicos e ao uso de desinfetantes em piscinas.
- Lave SEMPRE bem os alimentos como frutas, verduras e legumes.
- Lave SEMPRE bem as mãos após usar o toalete e antes de se alimentar.
- Ao usar agulhas e seringas, certifique-se da higiene do local e de todos os acessórios.
- Certifique-se de que seu médico ou profissional da saúde esteja usando a proteção necessária, como luvas e máscaras, quando houver a possibilidade de contato de sangue ou secreções contaminadas com o vírus.

Disponível em: http://fam5.static.flickr.com.
Acesso em: 26 out.2011 (adaptado).

Nas peças publicitárias, vários recursos verbais e não verbais são usados com o objetivo de atingir o público- alvo, influenciando seu comportamento. Considerando as informações verbais e não verbais trazidas no texto a respeito da hepatite, verifica-se que

a) o tom lúdico é empregado como recurso de consolidação do pacto de confiança entre o médico e a população.

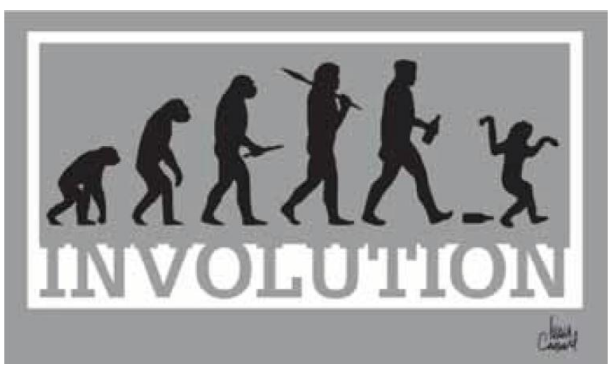
b) a figura do profissional da saúde é legitimada, evocando-se o discurso autorizado como estratégia argumentativa.

c) o uso de construções coloquiais e específicas da oralidade são recursos de argumentação que simulam o discurso do médico.

d) a empresa anunciada deixa de se autopromover ao mostrar preocupação social e assumir a responsabilidade pelas informações.

e) o discurso evidencia uma cena de ensinamento didático, projetado com subjetividade no trecho sobre as maneiras de prevenção.

55 - (ENEM)



CABRAL, I. Disponível em: www.ivancabral.com.
Acesso em: 30 jul. 2012.

A palavra inglesa "involution" traduz-se como involução ou regressão. A construção da imagem com base na combinação do verbal com o não verbal revela a intenção de

a) denunciar o retrocesso da humanidade.

b) criticar o consumo de bebida alcoólica pelos humanos.

c) satirizar a caracterização dos humanos como primatas.

d) elogiar a teoria da evolução humana pela seleção natural.

e) fazer um trocadilho com as palavras inovação e involução.

56 - (ENEM)

Anfíbio com formato de cobra é descoberto no Rio Madeira (RO)

Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras de usina. Exemplares estão no Museu Emilio Goeldi, no Pará

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas “América do Sul”. A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

XIMENES, M. Disponível em:
http://g1.globo.com. Acesso em: 1 ago. 2012.

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a)

a) recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.

b) uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.

c) questionamento do código linguístico na construção da notícia.

d) utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.

e) emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

57 - (ENEM)



Caras, n. 34, ago. 2011.

Tendo em vista seus elementos constitutivos e o meio de divulgação, esse texto identifica-se como

a) verbete enciclopédico, pois contém a definição de um item lexical.

b) cartaz, pois instrui sobre a localização de um ambiente que oferece atrações turísticas.

c) cartão-postal, pois a imagem mostra ao destinatário o local onde se encontra o remetente.

d) anúncio publicitário, pois busca persuadir o público-alvo a visitar um determinado local.

e) fotografia, pois retrata uma paisagem urbana de grande impacto.

58 - (ENEM)

Tragédia anunciada

Entraves burocráticos, incompetência administrativa, conveniências políticas e contingenciamento indiscriminado de gastos estão na raiz de um dos graves males da administração pública brasileira, que é a dificuldade do Estado de transformar recursos previstos no Orçamento em investimentos reais.

Exemplo dessa inépcia político-administrativa é a baixa execução de verbas destinadas a obras de prevenção de desastres naturais — como controle de cheias, contenção de encostas e combate à erosão.

As dificuldades para planejar e realizar as obras de prevenção terminam por onerar o governo. Acaba saindo mais caro para os cofres públicos remediar ocorrências que poderiam ter sido evitadas.

A nota positiva é que o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (Cenad) foi inaugurado em agosto pela presidente Dilma Rousseff.

O órgão já emitiu alertas a mais de 400 municípios e prepara-se para aperfeiçoar seu sistema de monitoramento. De pouco valerão esses esforços se o descaso e a omissão continuarem a contribuir para a sinistra contabilidade de vítimas que se repete a cada ano.

Disponível em: www1.folha.uol.com.br.
Acesso em: 5 dez. 2012 (adaptado).

O editorial é um gênero que apresenta o ponto de vista de um jornal ou de uma revista sobre determinado assunto. É característica do gênero, exemplificada por esse editorial,

a) ser assinado por um jornalista do veículo em que é publicado.

b) ocupar um espaço específico e opinar a respeito de assuntos atuais.

c) apresentar estudos científicos acerca de temas complexos.

d) narrar fatos polêmicos em uma linguagem acessível.

e) descrever acontecimentos de modo imparcial.

59 - (PUCCamp SP)

Considere o texto e as afirmativas abaixo.

Em cima do piano

 *Indeterminado*

 *Qualquer*

 É um meio de seleção realizado através de fórmula tradicional, como outros. O líder vai cantando e cada sílaba da fórmula de escolha corresponde a uma palma de mão a ser batida, correspondente a uma criança. Aquele em que se encerra a fórmula, cabendo-lhe a última sílaba, pode ficar com o papel pior (quando a escolha é feita de modo direto, como, por exemplo, pegador), ou pode ficar livre, eximindo-se dos papéis menos prezados. Neste último caso, a escolha é mais demorada porque é feita por exclusão.

Foram colhidas nos bairros do Bom Retiro, Bela Vista, Lapa e Pari (São Paulo):

Em cima do piano

Tem um copo de veneno

Quem bebeu morreu

Anabu, anabu

Quem sai és tu.

OU

Quem sai és tu

Puxando o rabo do tatu.

E TAMBÉM:

Quem sai é tu

Do rabo do tatu

Pau, porrete,

Bengala, cacete.

I. Pode-se aceitar a hipótese de que o texto faz parte de coletânea de brincadeiras e jogos tradicionais.

II. Pode-se aceitar a hipótese de que as legendas remetem, na ordem em que aparecem, a: número de participantes; local adequado; regras do jogo.

III. Pode-se aceitar a hipótese de que as fórmulas de escolha, preliminares de alguns jogos, são ao mesmo tempo um jogo em si: com a fórmula, em tom ritmado, as crianças ficam atentas à chance de serem escolhidas.

IV. Pode-se aceitar a hipótese de que um jogo ou brincadeira infantil tradicional apresenta variações por ser fruto de criação coletiva, que se realiza de forma espontânea nas ruas, parques, recreios etc. e é transmitido de forma oral de uma geração a outra.

Está correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I, III e IV, apenas.

d) II e IV, apenas.

e) I, II, III e IV.

60 - (PUCCamp SP)

Cronologia

1500 – *Cabral encontra os Tupiniquim, da grande família Tupinambá (tronco tupi-guarani) que ocupava quase toda a costa, do Pará ao R.G. do Sul.*

1502 – *Instalação das primeiras feitorias portuguesas no Brasil (Cabo Frio, Bahia, Pernambuco) para o tráfico do pau-de-tinta e escravos.*

1511 – *Em Cabo Frio, a nau "Bretoa" embarca 35 escravos índios para a metrópole.*

Incursões de corsários franceses interessados em pau-brasil.

1531 – *Expedição de Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza de reconhecimento e posse da terra.*

- *Endurecimento dos termos de intercâmbio (escambo) de produtos nativos por manufaturas européias.*

- *Contingenciamento da mão-de-obra indígena para todo tipo de trabalho, ainda através do escambo.*

- *Mais embarque de escravos para Portugal.*

1534 – Implantação do regime de donatarias hereditárias. Aumenta a imigração de colonos, atentando contra a mulher indígena, a posse da terra e a liberdade dos índios.

1537 – *Breve papal de Paulo III proclamando os índios "verdadeiros homens e livres", isto é, criaturas de Deus iguais a todos.*

1540 – *Reações dos tupi à conquista: 12 mil índios emigram da Bahia ou Pernambuco; somente 300 chegam a Chachapoya, no Peru.*

- *Sessenta mil Tupinambá fogem da opressão portuguesa, exaurindo-se pelo caminho, até atingir a foz do rio Madeira (1530/1612)*

1547 – *Os Carijó, grupo guarani da capitania de S. Vicente, são assaltados por predadores de escravos e vendidos em várias capitanias. Para escapar à escravização, tribos guerreiam mutuamente, arrebanhando escravos para a nascente indústria canavieira.*

1549 – *Chega a primeira missão jesuítica, chefiada por Manuel da Nóbrega: oito missionários, entre os quais, José de Anchieta.*

- *Dissolve-se o regime de capitanias.*

- *É estabelecido o governo-geral.*

- *Tomé de Souza, primeiro governador-geral, reimplanta o escambo para obter alimentos e trabalho dos índios, mas não impede de todo a escravidão.*

(RIBEIRO, Berta Gleizer. **O índio na história do Brasil**. São Paulo: Global, 1983, p. 119-120)

É correto afirmar sobre o acima transcrito:

a) Tratando-se de uma cronologia, é fundada em dados científicos, por isso essa relação de datas e acontecimentos históricos corresponde a dados objetivos, que devem obrigatoriamente figurar em qualquer cronologia de qualquer outro estudioso.

b) Constitui texto cujo título determina a necessária direção da leitura − a data deve ser considerada em relação direta com o que está à sua direita; as datas devem ser consideradas da antecedente para a subsequente −, não admitindo focalização alguma de outra ordem.

c) Usualmente aposta a textos dissertativos que expõem dados sobre a História de um dado país, é tabela cuja leitura depende da argumentação apresentada neles, motivo pelo qual qualquer consulta desvinculada não merece crédito.

d) É quadro composto de linhas e colunas que, separadas por filetes, formam casas em que se acham contidos algarismos e palavras; a subjetividade do autor da cronologia evidencia-se na seleção que faz dos fatos historicamente disponíveis para registro.

e) A palavra "cronologia" explicita ao leitor que ele inevitavelmente estará diante da organização de fatos em ordem sequencial; a credibilidade dessa ordenação funda-se na citação das decisões de governantes de estado e suas consequências.

61 - (UNCISAL)



Disponível em: <http://butecodolufe.blogspot.com.br/2010/07/
juventude-digital.html>. Acesso em: 28 out. 2015.

É possível inferir que esse gênero textual focaliza

a) o desconhecimento das chamadas "crianças digitais" de elementos do mundo real devido ao excessivo convívio com a internet.

b) o desconhecimento dos inúmeros aprendizados que a era digital nos proporciona, enquanto usuários da internet.

c) a eficácia interativa devido ao excessivo uso da internet ou, mais especificamente, o acesso ao mundo digital.

d) o conhecimento demasiado das chamadas "crianças digitais" pela constante vivência com o mundo irreal.

e) a questão de confiabilidade exagerada das informações veiculadas na internet.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 62

Código virtual

A linguagem dos chats não é tão absurda quanto parece, desde que seja usada na hora e no lugar certo

Para a geração que cresceu em frente ao computador, escrever por códigos é tão natural quanto falar. Abreviações como **vc** (você) e **pq** (porque) são usadas dezenas de vezes enquanto os internautas batem papo. As abreviações *assustam* os puristas do idioma. E até entre os viciados em internet há quem *abomine esse linguajar*. Um grupo de fóruns PCs, uma comunidade de discussão virtual, lançou a campanha **Eu sei escrever** a fim de moralizar a língua portuguesa. A turma tem uma comunidade no Orkut destinada a combater o que ela chama de "analfabetismo virtual" (...).

62 - (UFRR)

Considerando a estrutura, o modo de organização da linguagem e o conteúdo expresso, o gênero do texto acima está corretamente classificado na alternativa:

a) poético;

b) informativo;

c) filosófico;

d) narrativo;

e) descritivo.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 63

TEXTO I

Ecologia Interior

Por um minuto, esquece a poluição, a química que contamina a terra, e medita: como anda teu equilíbrio ecobiológico? Examina a mente. Está despoluída de ambições desmedidas, preguiça intelectual e intenções inconfessáveis? Teu humor intoxica-se de raiva e arrogância? Onde as flores do bem-querer, os pássaros pousados no olhar, as águas cristalinas das palavras?

Graças ao Espírito que molda e anima o ser, o copo partido se reconstitui, inteiro, se fores capaz de amar. Primeiro, a ti mesmo, impedindo que tua subjetividade se afogue nas marés negativas. Depois, aos semelhantes, exercendo a tolerância e o perdão, sem sacrificar o respeito e a justiça. Pratica a difícil arte do silêncio. Desliga-te das preocupações inúteis. Recolhete ao mais íntimo de ti mesmo e descobre, lá no fundo, o Ser Vivo que funda a tua identidade.

Acolhe tua vida como é: dádiva involuntária. Trata a todos como igual, ainda que estejam revestidos ilusoriamente de nobreza ou se mostrem como seres carcomidos pela miséria. Faze da justiça o teu modo de ser e jamais te envergonhes da pobreza, da falta de conhecimentos ou poder. Tua riqueza e teu poder residem em tua moral e dignidade, que não têm preço e trazem apreço.

Porém, arma-te de indignação e esperança. Luta para que todos os caminhos sejam aplainados, até que a espécie humana se descubra como uma só família, na qual todos, malgrado as diferenças, tenham iguais direitos e oportunidades.

Ainda que cercado de adversidades, se preservares tua ecobiologia interior, serás feliz, porque trarás em teu coração tesouros indevassáveis.

(Frei Betto, *O Dia*, 30 de maio, 2004.)

63 - (UFRRJ)

O autor mantém com o leitor, ao longo de todo o texto, um diálogo explícito, que é gramaticalmente estruturado por meio do emprego

a) de pronomes informais de tratamento.

b) de pronomes formais de tratamento.

c) da terceira pessoa do discurso.

d) da segunda pessoa do discurso.

e) da primeira pessoa do discurso.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 64

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral de Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já onstituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja que tenha sido criado. [...] Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para os doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante

uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, “provando” que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

(João Ubaldo Ribeiro. O Estado de S.Paulo, 18.09.2005.)

64 - (UFSCar SP)

O trecho — a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. — pode ser reescrito, sem alteração de sentido, como:

a) a CGM é sempre presente, não deixa passar nada, nem inocenta ninguém.

b) a CGM é ubíqua, não deixa passar nada, nem absolve ninguém.

c) a CGM é virtual, não deixa passar nada, nem exclui ninguém.

d) a CGM é quase presente, não deixa passar nada, nem distingue ninguém.

e) a CGM está presente em todo lugar, não deixa passar nada, nem segrega ninguém.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 65

Suponha o leitor que possuía duzentos escravos no dia 12 de maio e que os perdeu com a lei de 13 de maio. Chegava eu ao seu estabelecimento e perguntava-lhe:

– Os seus libertos ficaram todos?

– Metade só; ficaram cem. Os outros cem dispersaram-se; consta-me que andam por Santo Antônio de Pádua.

– Quer o senhor vender-mos?

Espanto do leitor; eu, explicando:

– Vender-mos todos, tanto os que ficaram, como os que fugiram.

O leitor assombrado:

– Mas, senhor, que interesse pode ter o senhor...

– Não lhe importe isso. Vende-mos?

– Libertos não se vendem.

– É verdade, mas a escritura de venda terá a data de 29 de abril; nesse caso, não foi o senhor que perdeu os escravos, fui eu. Os preços marcados na escritura serão os da tabela da lei de 1885; mas eu realmente não dou mais de dez mil-réis por cada um.

Calcula o leitor:

– Duzentas cabeças a dez mil-réis são dous contos. Dous contos por sujeitos que não valem nada, porque já estão livres, é um bom negócio.

Depois refletindo:

– Mas, perdão, o senhor leva-os consigo?

– Não, senhor: ficam trabalhando para o senhor; eu só levo a escritura.

– Que salário pede por eles?

– Nenhum, pela minha parte, ficam trabalhando de graça.

O senhor pagar-lhes-á o que já paga.

Naturalmente, o leitor, à força de não entender, aceitava o negócio. Eu ia a outro, depois a outro, depois a outro, até arranjar quinhentos libertos, que é até onde podiam ir os cinco contos emprestados; recolhia-me a casa e ficava esperando.

Esperando o quê? Esperando a indenização, com todos os diabos! Quinhentos libertos, a trezentos mil-réis, termo médio, eram cento e cinqüenta contos; lucro certo: cento e quarenta e cinco.

(Machado de Assis, Crônica escrita em 26.06.1888. Obra Completa.)

65 - (UFSCar SP)

A frase — *Nenhum, pela minha parte, ficam trabalhando de graça.* — pode ser reescrita, sem mudança de sentido, da seguinte maneira:

a) nenhum, com a minha parte, fica trabalhando de graça.

b) nenhum pagamento da minha parte, ficam trabalhando de graça.

c) nenhum, pela minha parte fica trabalhando de graça.

d) nenhum deles, pela minha parte, fica trabalhando de graça.

e) nenhum pagamento, pela minha parte, ficam trabalhando de graça.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 66

VEXAMES

Muita gente não sabe usar um celular. Veja o que você NÃO deve fazer com ele.

- Não ande com o celular pendurado na calça. Fica feio. Guarde-o na mochila. Dá para escutá-lo do mesmo jeito.
- Desligue o celular durante as aulas – ou em lugares públicos, como o cinema. Depois você acessa a caixa postal e pega a mensagem.
- Nunca telefone durante a aula. Não adianta se abaixar, nem cobrir o celular com o cabelo. As pessoas vão perceber que você está ao telefone.
- Quando estiver com apenas uma amiga, não fique horas falando ao celular.
- Não ofereça o seu telefone só para ser simpática. Lembre-se da conta que vai chegar.

(Capricho, 21/11/1999.)

66 - (UFMT)

Sobre o texto, assinale a afirmativa correta.

a) Criticar o jovem que não sabe usar adequadamente o celular, chegando a situações de vexame, é a intenção do texto.

b) O texto pode ser classificado como gênero instrucional pela intencionalidade, por ser uma seqüência de recomendações e por apresentar verbos no imperativo.

c) Certas escolhas lexicais permitem deduzir que o interlocutor pretendido é jovem, estudante, sexo masculino.

d) A linguagem do texto é formal, com complexidade sintática, adequada ao interlocutor que a revista em que o texto foi publicado pretende alcançar.

e) Os argumentos apresentados no texto relacionam-se às áreas educacional, social e midiática.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 67

Ricos Esquimós

O aquecimento global e o derretimento das geleiras, acredite, têm enriquecido os habitantes do Pólo Norte. Localizada no extremo norte da América, a Groelândia é a maior ilha do mundo. Nela, 80% do território é coberto por geleiras e os termômetros marcam uma média de 22° negativos. Essa calota polar cujo volume é de 2,85 milhões de km^{3} está derretendo. Agora, a surpresa: criadores e pescadores começam a comemorar porque com isso eles estão ganhando dinheiro.

ISTOÉ. São Paulo: Editora Três, n. 1922. 23 ago. 2006, p. 26. [Adaptado].

67 - (UFG GO)

No texto, os usos de acredite e agora têm o objetivo de

a) destacar a opinião do autor pela apresentação de evidências estatísticas.

b) indicar a criação de um espaço hipotético para o conteúdo do texto.

c) delimitar a ocorrência dos eventos destacados em um plano temporal.

d) mostrar aos interlocutores o caráter inverossímil dos fatos mencionados.

e) estabelecer uma relação de proximidade entre o autor do texto e os interlocutores.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 68

“Escrever” para quadrinhos pode ser definido como a concepção de uma idéia, a disposição de elementos de imagem e a construção da seqüência da narração e da composição do diálogo. É, ao mesmo tempo, uma parte e o todo do veículo.

Trata-se de uma habilidade especial, cujos requisitos nem sempre são comuns a outras formas de criação “escrita”, pois lida com uma tecnologia singular. Quanto a seus requisitos, ela está mais próxima da escrita teatral, só que o escritor, no caso das histórias em quadrinhos, geralmente também é o produtor de imagens (artista). Na arte seqüencial, as duas funções estão irrevogavelmente entrelaçadas. A arte seqüencial é o ato de urdir um tecido. Ao escrever apenas com palavras, o autor dirige a imaginação do leitor. Nas histórias em quadrinhos imagina-se pelo leitor. Uma vez desenhada, a imagem torna-se um enunciado preciso que permite pouca ou nenhuma interpretação adicional. Quando palavra e imagem se “misturam”, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação.

Fonte: Eisner, Will. Quadrinhos e Arte Seqüencial. Trad. Luís

Carlos Borges. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 122.

68 - (UEL PR)

O trecho - “Na arte seqüencial, as duas funções estão irrevogavelmente entrelaçadas. A arte seqüencial é o ato de urdir um tecido.” pode ser reescrito da seguinte forma:

a) A arte seqüencial é o ato de urdir um tecido, entretanto as duas funções estão entrelaçadas.

b) Urdir um tecido é o ato da arte seqüencial, embora as duas funções estejam entrelaçadas.

c) Como a arte seqüencial é semelhante a urdir um tecido, as duas funções estão entrelaçadas.

d) Quando as duas funções estão irrevogavelmente entrelaçadas, a arte seqüencial é semelhante ao ato de urdir um tecido.

e) Mesmo que a arte seqüencial seja semelhante a urdir um tecido, as duas funções estarão entrelaçadas.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 69

Os textos abaixo fazem parte da campanha publicitária de uma empresa fabricante de produtos eletrônicos.

TEXTO I

Noel querido,

No próximo dia 24 vou oferecer uma ceia para alguns amigos em minha casa, em petit comitê. Eu adoraria poder contar com a sua presença. E, se você quiser trazer um presente para a anfitriã, não vou me importar, pelo contrário, até dou uma sugestão: você já viu a nova linha de monitores de plasma da Gradiente? É um must! Design clean, tecnologia de última geração. Ficaria o máximo ao lado de minhas obras modernistas. Apenas um pedido, querido. Por favor, não entre pela chaminé para não assustar os convidados. Um beijo.

____

Seu nome

TEXTO II

E aí, Papai Noel, Belê?

A parada é a seguinte: eu, ____________________, tô muito a fim, a finzaço mesmo, de ter um Mini System Titanium da Gradiente no meu quarto, aquele que reproduz MP3 com 5.000 Watts de potência, tá ligado? Sabe como é: eu queimo uns CDs MP3, convido a mina para ouvir um som da hora, a gente troca umas idéias e aí, meu velho, você tá ligado, né? E então?

Quebra essa pra mim, mano. O senhor, que já tá velhinho, não sabe como é difícil hoje em dia agradar a mulherada.

(VEJA, dezembro de 2003.)

69 - (UFMT)

Sobre a caracterização do gênero dos textos I e II, assinale a afirmativa correta.

a) Em função do registro formal, da invocação, da identificação do requerente, o texto II é exemplo do gênero requerimento.

b) O uso da expressão seu nome no texto I e o espaço para pôr nome no texto II sugerem que os remetentes devam ficar no anonimato, não podem ser identificados.

c) No texto I foi estabelecida uma interação formal, distante, entre a anfitriã e Papai Noel, trazido para o convívio diário, para a realidade presente.

d) No texto II, há relação de proximidade entre Papai Noel e o jovem, quebrada no final do texto pelo uso do tratamento senhor.

e) O texto I apresenta características como vocativo, corpo, fechamento e assinatura, que o identificam como carta.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 70

O valor do futuro depende do que se pode esperar dele. Portanto: se você acredita de fato em alguma forma de existência post mortem determinada pelo que fizermos em vida, então todo cuidado é pouco: os juros prospectivos são infinitos. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz na vida mortal sem pôr em risco as incomensuráveis graças do porvir. Se você acredita, ao contrário, que a morte é o fim definitivo de tudo, então o valor do intervalo finito de duração indefinida da vida tal como a conhecemos aumenta. Ela é tudo o que nos resta, e o único desafio é fazer dela o melhor de que somos capazes. E, finalmente, se você duvida de qualquer conclusão humana sobre o após-a-morte e sua relação com a vida terrena, então você contesta o dogmatismo das crenças estabelecidas, não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz da vida que conhecemos, mas sem descartar nenhuma hipótese, nem sequer a de que ela possa ser, de fato, tudo o que nos é dado para sempre.

(Eduardo Giannetti, O valor do amanhã, p. 123.)

70 - (UFSCar SP)

Assinale a alternativa em que o autor faz uso de sentido não–literal.

a) “(. . .) todo cuidado é pouco (. . .)”

b) “os juros prospectivos são infinitos.”

c) “O desafio é fazer o melhor (. . .)”

d) “(. . .) a morte é o fim definitivo de tudo (. . .)”

e) “Se você duvida de qualquer conclusão (. . .)”

TEXTO: 10 - Comum à questão: 71

Leia o texto abaixo:

Texto 2



(Veja, 05 mar. 1997.)

71 - (UFV MG)

Levando em conta o texto, é INCORRETO afirmar que:

a) o anúncio mescla tanto características advindas da construção do gênero publicitário quanto singularidades do que seja um texto dicionarizado.

b) o anúncio traz uma seqüência de informações que não permite uma leitura contínua.

c) o anúncio é um conjunto de informações e qualificações independentes sobre um determinado assunto.

d) as informações, no tipo de texto dicionarizado, não podem ser trocadas de lugar porque prejudicam a compreensão textual.

e) o conjunto de atributos sobre a “mulher tupperware” não passa de uma estratégia discursiva empregada para promover o produto.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 72

Leia o texto abaixo:

Texto 3

Entrevista **Hildete Pereira de Melo**

[01]Economista da Universidade Federal Fluminense e, atualmente, secretária-adjunta da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no Rio de Janeiro, Hildete Pereira de Melo se dedica a estudar a participação da mulher no mercado de trabalho. Suas pesquisas mostram que, nos últimos anos, houve um aumento significativo da participação feminina na produção científica nacional: elas já são maioria nos cursos de [05]graduação (66% dos formandos que fizeram o provão em 2002) e no mestrado (52,1% das bolsas concedidas pelo CNPq foram para mulheres). No doutorado, no entanto, a situação se inverte. Para Hildete, é preciso aumentar ainda mais o número de mulheres cientistas, para que a ciência no Brasil tenha um rosto masculino e feminino, como o da população.

Ciência mais feminina

Por Roberta Jansen

Existe discriminação contra a mulher na [10]ciência?

Hildete Pereira de Melo: Não é bem discriminação. O problema é que as ciências, sobretudo as exatas, diferenciam-se muito do que a sociedade definiu como atributos [15]femininos. Por isso, mesmo já sendo mais escolarizadas, as mulheres se dirigem maciçamente para carreiras mais próximas dos chamados atributos femininos, caso das ciências humanas e sociais. O problema é que as [20]mulheres estão muito longe do poder no sistema científico e tecnológico.

Na sua avaliação, isso ocorre mais no Brasil, por ser um país machista?

Hildete: Não, no caso da ciência acho que é [25]igual. As academias do mundo todo são masculinas. Eu diria que isso é um reflexo do estereótipo feminino, que não é uma coisa específica do Brasil, mas

da sociedade ocidental. Ela é calcada no mito grego de [30]Pandora ou no de Eva, os mitos fundadores da inferioridade feminina, que corroboram a inferioridade feminina.

Seu estudo mostra, no entanto, que as mulheres já são maioria nos cursos de [35]graduação e mestrado. Por que não chegaram ainda a ocupar posições mais importantes?

Hildete: Na década de 90, elas aproveitaram mais os avanços do sistema de graduação e [40]pós-graduação. Mas quando avaliamos os quadros do Conselho Nacional de Pesquisa ou do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por exemplo, em que a idade média é de quarenta e poucos, 50 anos, [45]constatamos que são maciçamente ocupados por homens. Mesmo nas carreiras tipicamente femininas, como letras, os cargos mais elevados são dos homens. Nas universidades, por exemplo, o número de professoras é praticamente [50]igual ao de professores. Mas o número de reitoras é ínfimo. Isso reflete a escolaridade mais tardia das mulheres. O poder ainda é masculino.

Mas a julgar pelos números, a feminilização mais ampla da ciência seria apenas uma [55]questão de tempo, não?

Hildete: Sim, a geração que virá provavelmente será um pouco melhor nessa questão. As mulheres hoje já são maioria nas bolsas de iniciação científica. Até nas engenharias tem [60]crescido o número de meninas. É promissor. Aparentemente, num futuro não muito remoto, a ciência terá um rosto feminino e um masculino, como a população. Não será como hoje, um reduto masculino. Os estudos mostram que há [65]uma mudança em curso, mas ela é mais lenta do que as transformações da mulher na sociedade.

Recentemente, o diretor da Universidade de Harvard causou polêmica ao falar de aptidões femininas para determinadas áreas. Agora a [70]senhora falou em atributos femininos definidos pela sociedade. Existiria algo como uma aptidão biológica ou tudo isso é preconceito?

Hildete: Não acredito em aptidões naturais do sexo. Atributos são papéis culturais construídos. Veja, as [75]pessoas são diferentes, mas os papéis femininos e masculinos são construções sociais. Como as mulheres sempre cuidaram das crianças, dos doentes e dos velhos, a primeira atividade delas fora de casa foi a de professora porque educar seria [80]uma extensão do papel feminino. Por isso, é importante realçar as mulheres na ciência, dar exemplos fortes, quebrar estereótipos, mostrar que todas podem.

[85]A senhora acha que a escola ainda reforça esses antigos estereótipos femininos?

Hildete: Acho que sim. É preciso formular uma política mais explícita para as professoras no pré-escolar, para que se impeça que elas [90]definam papéis: isso é coisa de menino, isso é coisa de menina. Para que não mostrem a matemática como uma ciência com a qual as mulheres têm dificuldades. Temos que quebrar essa visão estereotipada, acabar com o [95]estereótipo da fragilidade e fornecer modelos positivos para as meninas. Precisamos evitar a educação diferenciada, romper com essa idéia preconceituosa de atributo por sexo. As pessoas têm qualidades e defeitos, de acordo com sua [100]personalidade, não com seu sexo. As coisas avançaram, claro, mas essas idéias não foram ainda totalmente desfeitas.

A senhora ainda identifica áreas da ciência como redutos fechados a mulheres?

[105]**Hildete:** A física é a carreira mais fechada. As ciências agrárias e as engenharias também são bem fechadas. Só a engenharia química tem uma participação feminina maior. Nas ciências biológicas a participação feminina avançou muito.

(Revista O Globo. 31 jul. 2005.)

72 - (UFV MG)

O Texto 3 é uma entrevista. No que diz respeito a esse gênero discursivo, é CORRETO afirmar que:

a) o entrevistador e o entrevistado têm o mesmo papel na cena comunicativa.

b) a conversa é organizada, e é o entrevistador quem está em foco.

c) o entrevistado oferece as informações solicitadas pelo entrevistador.

d) o entrevistado e o entrevistador estabelecem uma relação simétrica de poder.

e) o controle da entrevista depende do entrevistador.

TEXTO: 12 - Comum às questões: 74, 73, 75

Seis milhões e meio de brasileiros vivem em favelas. Uma população que cresceu 45% entre 1991 e 2000, três vezes mais que a média do crescimento demográfico do País. Esse número compreende os favelados que atendem à definição internacional de favela, segundo critérios como o acesso a saneamento e precariedade da moradia. Mas, se forem considerados itens como a

irregularidade da posse, o total sobe para 51,7 milhões, tornando o Brasil o país com a terceira maior população favelada do mundo, atrás de Índia e China.

É consenso entre especialistas que não basta urbanizar favelas. É preciso integrá-las às cidades, com transporte, geração de renda, educação. Dois projetos das maiores cidades brasileiras – o Favela-Bairro, do Rio de Janeiro e o Cingapura, de São Paulo–, frustraram a expectativa de que seriam o início de um processo de inclusão dos habitantes. O aumento no número de favelados é resultado de uma trágica equação do mercado de trabalho: ocupação transitória, baixa remuneração, má formação. As pessoas se concentram nas áreas ricas da cidade ou nas suas proximidades para ter oportunidade de emprego e renda.

O programa carioca Favela-Bairro começou em 1994, com um objetivo ambicioso: integrar a favela à cidade. Favelas consideradas de médio porte passaram por obras de urbanização, desde abertura e pavimentação de ruas à construção de creches e quadras de esporte. A iniciativa rendeu prêmios internacionais à Prefeitura do Rio e foi citada pela ONU como exemplo de política habitacional. Mas ela coleciona críticas contundentes de especialistas em questões urbanas e de moradores. A primeira é que faltou a visão integrada que era prometida para a abordagem das favelas, onde se concentram mais de um milhão de pessoas marcadas pela violência e pela presença de traficantes de drogas.

Segundo um economista, a abordagem foi focada no urbanismo e não no componente econômico-social. Assim, não adianta apenas reformar o equipamento urbano, se o favelado continua sem alfabetização e sem emprego.

(Adaptado de Clarissa Thomé. O Estado de S. Paulo, C1-3, 26 de novembro de 2006)

73 - (UNIFOR CE)

O texto se apresenta fundamentalmente como

a) dissertativo, ao defender a tese de que, apesar da precariedade, é possível viver bem em favelas, se houver investimentos do poder público.

b) narrativo, com a evidente preocupação de historiar as principais causas do surgimento de moradias precárias nas cidades brasileiras.

c) informativo, com dados concretos a respeito de um dos problemas mais carentes de solução no País.

d) opinativo, no sentido de oferecer uma visão crítica sobre a atuação de alguns órgãos públicos na resolução de problemas sociais.

e) descritivo, na tentativa de desenhar um quadro problemático que abrange a área habitacional em algumas grandes cidades.

74 - (UNIFOR CE)

A alteração das palavras nos segmentos apresentados altera também o sentido original em:

a) que não basta urbanizar favelas = que basta não urbanizar favelas.

b) resultado de uma trágica equação = resultado de uma equação trágica.

c) com um objetivo ambicioso = com um ambicioso objetivo.

d) ela coleciona críticas contundentes = ela coleciona contundentes críticas.

e) de especialistas em questões urbanas e de moradores = de moradores e de especialistas em questões urbanas.

75 - (UNIFOR CE)

O sentido original de segmentos do texto mantém-se em:

a) que atendem à definição internacional de favela = que se igualam aos favelados de todo o mundo.

b) É consenso entre especialistas = Os estudiosos são unânimes quanto a isso.

c) Dois projetos das maiores cidades brasileiras ... frustraram a expectativa = Os dois projetos eram pouco desenvolvidos para as necessidades futuras.

d) As pessoas se concentram nas áreas ricas da cidade = A riqueza das pessoas está nas áreas beneficiadas da cidade.

e) ela coleciona críticas contundentes = opiniões contrariam as muitas restrições existentes.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 76

Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais freqüentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante freqüente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

76 - (FUVEST SP)

Nesse texto, o primeiro parágrafo e o conjunto dos demais articulam-se de modo a constituir, respectivamente,

a) uma proposição e seu esclarecimento.

b) um tema e suas variações.

c) uma premissa e suas contradições.

d) uma declaração e sua atenuação.

e) um paradoxo e sua superação.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 77

Coração numeroso

Foi no Rio.

Eu passava na Avenida quase meia-noite.

Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.

Havia a promessa do mar

[5]e bondes tilintavam,

abafando o calor

que soprava no vento

e o vento vinha de Minas.

Meus paralíticos sonhos desgosto de viver

[10](a vida para mim é vontade de morrer)

faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente

na Galeria Cruzeiro quente quente

e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,

nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.

[15]Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas

autos abertos correndo caminho do mar

voluptuosidade errante do calor

mil presentes da vida aos homens indiferentes,

que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

[20]O mar batia em meu peito, já não batia no cais.

A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu

a cidade sou eu

sou eu a cidade

meu amor.

Carlos Drummond de Andrade

Moriconi, Italo (org.). Os cem melhores poemas brasileiros do século.

Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

77 - (UERJ)

O discurso poético se caracteriza pelo uso de recursos que abrem ao leitor a possibilidade de múltiplas interpretações.

A dupla possibilidade de leitura de uma mesma palavra é o recurso que provoca essa multiplicidade em:

a) Eu passava na Avenida quase meia-noite.” (v. 2)

b) Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.” (v. 3)

c) Meus paralíticos sonhos desgosto de viver” (v. 9)

d) na Galeria Cruzeiro quente quente” (v. 12)

TEXTO: 15 - Comum à questão: 78



A diferença entre conservadores e liberais está aqui

Cientistas acreditam ter descoberto que a diferença entre conservadores e liberais não é apenas filosófica, mas física. O psicólogo americano David Amodio, da Universidade de Nova York, descobriu que o cérebro de liberais e conservadores funciona de maneira diferente até quando eles precisam decidir sobre questões rotineiras, como mudar o trajeto do trabalho para casa. Nos testes com voluntários, o pesquisador constatou que a área do cérebro responsável pelo monitoramento de conflitos (o córtex cingulado anterior) é mais ativa nas pessoas que se dizem liberais. "Os liberais são mais sensíveis a situações em que precisam reagir rapidamente, de maneira inesperada", disse Amodio a ÉPOCA. Essa talvez seja a explicação biológica para a suposta flexibilidade dos liberais.

Marcela Buscato

BUSCATO, Marcela. Época. São Paulo: Editora Globo, n. 487, set. 2007. p. 17.

78 - (UFG GO)

A referência espacial sugerida no título é recuperada com base

a) na posição enunciativa do leitor.

b) nas informações não-verbais.

c) no conteúdo do texto.

d) nas expressões indicadoras de lugar.

e) no espaço de circulação do texto.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 79

Do amor à pátria

São doces os caminhos que levam de volta à pátria. Não à pátria amada de verdes mares bravios, a mirar em berço esplêndido o esplendor do Cruzeiro do Sul; mas a uma outra mais íntima, pacífica e habitual - uma cuja terra se comeu em criança, uma onde se foi menino ansioso por crescer, uma onde se cresceu em sofrimentos e esperanças plantando canções, amores e filhos ao sabor das estações.

Sim, são doces as rotas que reconduzem um homem à sua pátria e tão mais doces quanto mais ele teve, viu e conheceu outras pátrias de outros homens. Assim eu, ausente pela segunda vez de uma ausência de muitos anos quando, dentro da noite a bordo, os dedos a revirar o dial do ondas-curtas, aguardava o primeiro balbucio de minha pátria como um pai à espera da primeira palavra do seu filho. O coração batia-me como batera um dia, à poesia sonhada, ou como uma outra vez, diante de uns olhos de mulher.

– O senhor tem certeza de que isso é mesmo um ondascurtas?

O camareiro norueguês, grande e tranqüilo, limitou-se a sorrir misteriosamente. Depois, humano, inclinou-se sobre o aparelho, o ouvido atento, e pôs-se a tentar por sua vez. As ondas sonoras iam e vinham verrumando minha angústia.

Onde estava ela, a minha pátria que não vinha falar comigo ali dentro do mar escuro?

E de repente foi uma voz que mal se distinguia, balbuciando bolhas de éter, mas pensei no meio delas distinguir um nome: o nome de Iracema. Não tinha certeza, mas pareceu-me ouvir o nome de Iracema entre os estertores espásmicos do aparelho receptor.

Deus do céu! Seria mesmo o nome de Iracema?

Era sim, porque logo depois chegou a afirmar-se, mas quase imperceptível, como se pronunciado por um gnomo montado em minha orelha. Era o nome de Iracema, da Rádio Iracema, de Fortaleza, a emissora dos lábios de mel, que sai mar afora, enfrentando os espaços oceânicos varridos de vento para trazer a um homem saudoso o primeiro gosto de sua pátria.

Adorável prefixo noturno, nunca te esquecerei! Foste mais uma vez essa coisa primeira tão única como o primeiro amigo, a primeira namorada, o primeiro poema. E a ti eu direi: é possível que o Padre Vieira esteja certo ao dizer que a ausência é, depois da morte, a maior causa da morte do amor. Mas não do amor à terra onde se cresceu e se plantou raízes, à terra a cuja imagem e semelhança se foi feito e onde um dia, num pequeno lote, se espera poder nunca mais esperar.

Agosto de 1953

(Vinicius de Moraes. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José

Aguilar, 1974, p. 597-598)

79 - (UNIFOR CE)

Em relação à organização do texto, está INCORRETO o que se afirma em:

a) O advérbio **Assim** (2º parágrafo), além de manter a referência ao que foi dito no período anterior, dá início a uma narrativa que se estende até o penúltimo parágrafo.

b) As frases interrogativas que constituem o 5º e o 7º parágrafos acentuam a ansiedade do cronista, de volta ao seu país, já apontada na referência aos batimentos do coração.

c) A conjunção aditiva **E,** que inicia o 6º parágrafo, articula–se com o momento inicial do fato narrado, marcado por *aguardava o primeiro balbucio de minha pátria.*

d) A partir de **Era sim**, no 8º parágrafo, identifica-se um segmento de estrutura dissertativa, que vem concluir adequadamente a opinião do cronista exposta na 1ª frase do texto.

e) No 6º parágrafo a locução adverbial **de repente** assinala o momento em que se completa a narrativa, com a solução do impasse estabelecido até ali.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 80

[01]No Ceará, 60% a 70% das crianças [02]terminam a 5ª. série do Ensino Fundamental [03]sem saber ler e escrever, de acordo com a [04]titular da Secretaria da Educação do Estado, [05]Izolda Cela. Para mudar esta realidade, [06]secretários de Educação de 145 municípios [07]cearenses debateram, ontem à tarde, as ações [08]do Programa Alfabetização na Idade Certa, [09]que serão implantadas este ano.

[10]Izolda Cela admite que muitas escolas [11]estão com o nível "crítico" ou "muito [12]crítico" em relação à qualidade de leitura e [13]escrita das crianças. "Este programa veio [14]fechar a torneira e abre possibilidades para [15]alfabetizar a criança até sete anos".

(Diário do Nordeste, 19 de junho de 2007.)

80 - (URCA CE)

Esse texto tem predominantemente a intenção de:

a) Persuadir

b) Informar

c) Emocionar

d) Elaborar a sua mensagem poeticamente

e) Testar o canal de comunicação.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 81

NOVAS BULAS

Na linguagem popular, a expressão “como bula de remédio” já se tornou sinônima de texto difícil de ler, seja pelas letras pequenas seja pela linguagem obscura. è especialmente cruel o fato de que as letras mínimas causem especial embaraço às pessoas de maior idade, justamente as que mais tendem a precisar de medicamentos.

É, portanto, mais do que bem–vinda a iniciativa da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) de modificar as regras para a confecção de bulas, visando facilitar a vida do consumidor.

A oportunidade do empreendimento não o torna, porém, mais simples ou mesmo factível.

Dentro em breve, a pessoas que comprar um medicamento na farmácia receberá apenas a bula que contém explicações destinadas ao paciente. As informações técnicas – dirigidas a médicos – constarão de um bulário on–line da Anvisa e de fármacos utilizados em hospitais, além, é claro, dos diversos dicionários de remédios já no mercado. Atualmente as bulas trazem tanto informações ao paciente como as destinadas a profissionais de saúde.

Como as novas regras, será possível aproveitar melhor o espaço para aumentar o tamanho da letra. A separação de textos também evitará a duplicação de informações, que frequentemente gera dúvidas.

A principal dificuldade é encontrar a linguagem ideal para a bula do paciente. Tomas remédios e deveriam ser capazes de entender suas instruções desde o semi–analfabeto até pesoas com formação superior.

Se, para os segundos, um termo como “crise epilética” não oferece maiores problemas de compreensão, ele pode ser impenetrável para o público com menor formação. E como substituí–lo sem sacrificar em demasia a precisão técnica?

Não há resposta pronta. Sabe–se apenas que ela passa pelo bom senso. Infelizmente, apesar do que certa vez proclamou um sábio, o bom senso não foi muito repartido entre todos os seres humanos.

(Folha de S. Paulo, 25 mar.2004.Editorial).

81 - (FFFCMPA RS)

Qual o ponto de vista expresso pelo autor?

a) Propor soluções para os problemas que aponta.

b) Pretende apenas moldar consciências.

c) Mostra o problema como algo que se resolve facilmente.

d) Pretende levantar problemas, pois esta é a função do jornal que se apresenta preocupado com questões sociais.

e) Não expõe o problema, apenas critica as autoridades que se acomodam e não tomam iniciativas para solucionar tal fato.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 82

Mudança no clima afeta mais os pobres, diz secretário da ONU

Após alerta climático da ONU, reunião com ministros do Meio Ambiente de cem países pretende estudar modificações no comércio global para salvar o planeta Agência Reuters

NAIRÓBI, Quênia - Os pobres do mundo, embora sejam os menos responsáveis pelo aquecimento global, serão os mais afetados pelo fenômeno, disse na segunda-feira o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, a ministros de Meio Ambiente de vários países. Eles estão reunidos em Nairóbi, capital do Quênia, para estudar modificações no comércio global de modo a salvar o planeta.

"A degradação do ambiente global continua incontida, e os efeitos da mudança climática estão sendo sentidos em todo o globo", disse Ban em nota que ecoa o relatório divulgado na semana passada pela ONU que apontava as atividades humanas como principais causas do aquecimento.

Em um discurso atribuído a Ban no início da reunião ministerial de Nairóbi, capital do Quênia, o secretário-geral afirmou que todos os países vão sentir os efeitos adversos das mudanças climáticas.

"Mas são os pobres, na África e em pequenos Estados insulares, que vão sofrer mais, mesmo que sejam os menos responsáveis pelo aquecimento global", afirmou.

Especialistas dizem que a África é o continente que menos emite gases do efeito estufa, como o dióxido de carbono, mas que devido à pobreza e à geografia é a região que tem mais a perder. Símbolos disso são a desertificação em torno do Saara e a redução da capa de gelo do monte Kilimanjaro.

Agências ambientais da ONU pressionam Ban a se empenhar na busca por um tratado que suceda ao Protocolo de Kyoto, que prevê a redução nas emissões globais de poluentes, mas expira em 2012.

Os governos estão sob pressão para agirem à luz das conclusões do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática da ONU, que apontou grande probabilidade de que no futuro haja mais tempestades, secas, ondas de calor provocadas pela queima de combustíveis fósseis e outras atividades.

Alternativas

Achim Steiner, chefe do Programa Ambiental da ONU, que organiza o encontro de uma semana dos quase cem ministros, disse que a globalização está esgotando os recursos mundiais, sem oferecer os benefícios esperados.

Mas há muitos exemplos de gerenciamento sustentável, lembrou ele, citando a certificação de recursos como madeira e pesca para evitar a exploração ilegal e mecanismos "criativos", como o mercado de carbono, ou seja, de créditos para a emissão de poluentes, que se amplia rapidamente.

"Precisamos valorizar o poder do consumidor, atender aos apelos por regulamentação internacional para o setor privado e impor padrões e normas realistas para os mercados globalizados", disse Steiner em nota antes da reunião.

Relatório climático

O encontro ocorre sob o impacto do relatório da ONU, de acordo com o qual há mais de 90% de probabilidade de que o aquecimento global tenha como principal causa o fator humano.

Funcionários da ONU esperam que o estudo incentive governos – especialmente o dos EUA, maior poluidor mundial – e empresas a se empenharem mais na redução dos gases do efeito estufa, emitidos principalmente por usinas termelétricas, fábricas e carros.

O encontro desta semana do Conselho do Programa Ambiental da ONU no Quênia discutirá também a crescente ameaça da poluição por mercúrio, a demanda por biocombustíveis e reformas na ONU.

Pela primeira vez, o evento receberá dirigentes de outras agências, como Pascal Lamy, da Organização Mundial do Comércio (OMC).

"Acredito que a presença (de Lamy) mostra que não há mais um tráfego de mão única a respeito do comércio e meio ambiente", disse Steiner.

Fonte: www.estadao.com.br/2007/fev/05/85.htm

82 - (PUC SP)

Os enunciados que produzimos, isto é, aquilo que falamos e escrevemos, são organizados de acordo com o objetivo que temos, com o tema proposto, com certas regras de composição estrutural, de estilo lingüístico e também de acordo com a própria situação de comunicação, que envolve elementos como o interlocutor, o suporte textual, dentre outros.

Observar a regularidade desses aspectos permite-nos classificar os enunciados em gêneros textuais. Tendo em vista o texto anteriormente transcrito, é possível afirmar que ele está adequado aos aspectos característicos do seguinte gênero textual:

a) editorial

b) crônica

c) notícia

d) charge

e) artigo de opinião

TEXTO: 20 - Comum à questão: 83

Leia, com atenção, os dois verbetes abaixo (Texto I), selecionados do Dicionário de Política, de BOBBIO, Norberto et alii. Brasília: 2000, Editora UNB, 5 ed., p.127 a 129, para responder às questões de 01 a 07.

Texto I

Desobediência Civil.

I. OBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA - Para compreender o que se entende por[01] "Desobediência civil" é necessário partir da consideração de que o dever fundamental de cada pessoa obrigada a um ordenamento jurídico é o dever de obedecer às leis. Este dever é chamado de obrigação política. A observância da obrigação política por parte da maioria dos indivíduos, ou seja, a obediência geral e constante às leis é, ao mesmo tempo, a condição e prova da legitimidade do ordenamento. (...) Pela mesma razão pela qual um poder que pretende ser legítimo[05] encoraja a obediência e desencoraja a desobediência, a obediência às leis é uma obrigação e a desobediência uma coisa ilícita, punida de várias maneiras, como tal.

A Desobediência civil é uma forma particular da desobediência, na medida em que é executada com o fim imediato de mostrar publicamente a injustiça da lei e com o fim mediato de induzir o legislador a mudá-la. Como tal, é acompanhada por parte de quem a cumpre de justificativas com a pretensão de que seja obrigatória e seja[10] tolerada pelas autoridades públicas diferentemente de quaisquer outras transgressões. Enquanto a desobediência comum é um ato que desintegra o ordenamento e deve ser impedida ou eliminada a fim de que o ordenamento seja reintegrado em seu estado original, a Desobediência civil é um ato que tem em mira, em última instância, mudar o ordenamento, sendo, no final das contas, mais um ato inovador do que destruidor. Chama-se "civil" precisamente porque quem a pratica acha que não comete um ato de transgressão do próprio dever de cidadão, julgando, bem ao[15] contrário, que está se comportando como bom cidadão naquela circunstância particular que pende mais para a desobediência do que para a obediência. Exatamente pelo seu caráter demonstrativo e por seu fim inovador, o ato de Desobediência civil tende a ganhar o máximo de publicidade. Este caráter publicitário serve para distingui-la nitidamente da desobediência comum: enquanto o desobediente civil se expõe ao público e só se expondo ao

público pode esperar alcançar seus objetivos, o transgressor comum deve realizar sua ação no máximo segredo, se[20] desejar alcançar suas metas.

As circunstâncias defendidas pelos fautores da Desobediência civil e que favorecem mais a obrigação da desobediência do que a da obediência são substancialmente três: o caso da lei injusta, o caso da lei ilegítima (isto é, emanada de quem não tem o direito de legislar) e o caso da lei inválida (ou inconstitucional).

(...)[25]

III. OS CARACTERES ESPECÍFICOS DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL –(...) as duas características mais relevantes (...) são a ação do grupo e a não violência. A primeira característica serve para distinguir a Desobediência civil dos comportamentos de resistência individual sobre os quais se apoiaram geralmente as doutrinas da resistência na história das lutas contra as várias formas de abuso de poder. Típico ato de resistência individual é a objeção da consciência (pelo menos na maior parte dos casos em que a recusa de servir às Forças[30] Armadas não é feita em nome da militância em uma seita religiosa, como a dos Mórmons ou dos Testemunhas de Jeová). (...) A segunda característica – a da não violência – serve para distinguir a Desobediência civil da maior parte das formas de resistência de grupo, que, diferentemente das individuais (geralmente não violentas) deram lugar a manifestações de violência onde quer que foram realizadas (desde o motim à rebelião, e desde a revolução à guerrilha).[35]

(...)

83 - (UFJF MG)

É POSSÍVEL afirmar que o texto de Bobbio é:

a) instrucional, pois tem o objetivo de orientar e regulamentar comportamentos.

b) argumentativo, já que está comprometido com a intenção de fazer crer.

c) expositivo, pois apresenta uma tese e argumentos.

d) argumentativo, porque apresenta definições conceituais.

e) expositivo, porque tem como atitude comunicativa a transmissão de saberes.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 84

Leia, agora, o Texto II, intitulado A desobediência civil, extraído do livro Elementos Básicos de Filosofia, Gradiva, Lisboa, 1998, pp. 132-135 de WARBURTON, Nigel, traduzido por Desidério Murcho e publicado no site www.didacticaeditora.pt/arte_de_pensar.

Leia-o, com atenção, para responder às questões de 08 a 14.

Texto II

A desobediência civil - Nigel Warburton

"Algumas pessoas argumentam que a violação da lei nunca se pode justificar: se não estamos satisfeitos com a lei,[01] devemos tentar mudá-la através dos meios legais, como as campanhas, a redação de cartas, etc. Mas há casos em que tais protestos legais são completamente inúteis. Há uma tradição de violação da lei em tais circunstâncias conhecida por desobediência civil. A ocasião para a desobediência civil emerge quando as pessoas descobrem que lhes é pedido que obedeçam a leis ou a políticas governamentais que consideram injustas.[05]

A desobediência civil trouxe mudanças importantes no direito e na governação. Um exemplo famoso é o movimento das sufragistas britânicas, que conseguiu publicitar o seu objetivo de dar o voto às mulheres através de uma campanha de desobediência civil pública que incluía o auto-acorrentamento das manifestantes. A emancipação limitada foi finalmente alcançada em 1918, quando foi permitido o voto às mulheres com mais de 30 anos, em parte devido ao impacto da primeira guerra mundial. No entanto, o movimento das sufragistas[10] desempenhou um papel significativo na mudança da lei injusta que impedia as mulheres de participar em eleições supostamente democráticas.

Mahatma Gandi e Martin Luther King foram ambos defensores apaixonados da desobediência civil. Gandi influenciou decisivamente a independência indiana através do protesto ilegal não violento, que acabou por conduzir ao fim da soberania britânica na Índia; o desafio de Martin Luther King ao preconceito racial através de[15] métodos análogos ajudou a garantir direitos civis básicos para os Negros americanos nos estados americanos do Sul.

Outro exemplo de desobediência civil está patente na recusa de alguns americanos em participarem na Guerra do Vietnam, apesar de serem requisitados pelo governo. Alguns americanos justificaram esta atitude afirmando acreditar que matar é moralmente errado, pensando por isso que era mais

importante violar a lei do que lutar e[20] possivelmente matar outros seres humanos. Outros havia que não objetavam a todas as guerras, mas sentiam que a guerra do Vietnam era injusta e que sujeitava os civis a grandes riscos, sem nenhuma boa razão. A dimensão da oposição à guerra do Vietnam acabou por conduzir os Estados Unidos à retirada. Sem dúvida que a violação pública da lei aumentou esta oposição. (...)

O objetivo da desobediência civil é, em última análise, mudar leis e políticas particulares, e não arruinar[25] completamente o estado de direito. Os que agem na tradição da desobediência civil evitam geralmente todos os tipos de violência, não apenas porque [ela] pode arruinar a sua causa ao encorajar a retaliação, conduzindo assim a um agravamento do conflito, mas sobretudo, porque a sua justificação para violar a lei é moral, e a maior parte dos princípios morais só permite que se prejudique outras pessoas em situações extremas, tal como quando somos atacados e temos de nos defender.[30]

Os terroristas ou os combatentes pela liberdade (a maneira como lhes chamamos depende da simpatia que temos pelos seus objetivos) usam atos violentos com fins políticos. Tal como os que enveredam por atos de desobediência civil, também eles desejam mudar o estado de coisas existente, não para benefícios privados, mas para o bem geral, tal como este é por eles concebido; mas diferem nos métodos que estão preparados para usar para originar a mudança desejada."[35]

84 - (UFJF MG)

Um dos principais elementos que pode caracterizar o texto de Warburton como expositivo é a:

a) apresentação de uma tese, acompanhada por argumentos irrefutáveis.

b) introdução de exemplos, com o objetivo de explicar o conceito construído.

c) demonstração de orientações para a avaliação de casos de desobediência.

d) referência a textos de outros autores e a verbetes que tratam do tema.

e) expressão da ironia na orientação da apresentação do tema.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 85

Da Bahia para o Sul, pouca gente saberá o que é vitalina e o que é caritó. Caritó é a pequena prateleira no alto da parede, ou nicho nas casas de taipa, onde as mulheres escondem, fora do

alcance das crianças, o carretel de linha, o pente, o pedaço de fumo, o cachimbo. Vitalina, conforme popularizou a cantiga, é a solteirona, a moça-velha que se enfeita − bota pó e tira pó − mas não encontra marido. E assim, a vitalina que ficou no caritó é como quem diz que ficou na prateleira, sem uso, esquecida, guardada intacta.

As cidades grandes já hoje quase desconhecem essa relíquia da civilização cristã, que é a solteirona, a donzela profissional. Porque se hoje, como sempre, continuam a existir as mulheres que não casam, elas agora vão para toda parte, menos para o caritó. Para as repartições e os escritórios e os balcões de loja, para as bancas de professora e, até mesmo, Deus que me perdoe, para esses amores melancólicos e irregulares com um homem que tem outros compromissos, e que não lhes pode dar senão algumas poucas horas, de espaço a espaço, e assim mesmo fugitivas e escondidas.

De qualquer forma, elas já não se sentem nem são consideradas um refugo, uma excrescência, aquelas a quem ninguém quis e que não têm um lugar seu em parte nenhuma.

Pela província, contudo, é diferente. Na província os preconceitos ainda são poderosos, ainda mantêm presa a mulher que não tem homem de seu (o "homem do uso", como se chama às vezes ao marido...) e assim, na província, a instituição da titia ainda funciona com bastante esplendor. E o curioso é que raramente são as moças feias, as imprestáveis, as geniosas, que ficam no caritó.

Às vezes elas são bonitas e prendadas, e até mesmo arranjadas, com alguma renda ou propriedade, e contudo o elusivo marido não apareceu. Talvez porque elas se revelaram menos agressivas, ou mais ineptas, ou menos ajudadas da família na caçada matrimonial? [...]

Falta de homem? Bem, é um dos motivos. Na província, os homens emigram muito. E para onde emigram, casam. Depois, também contribui para a existência das solteironas a reclusão mourisca que muito pai ainda costuma impor às filhas moças. Cobra que não anda não engole sapo. Ai, por estas províncias além ainda existe muito pai carrança que só deixa a filha sair para ver a Deus ou aos parentes, e assim mesmo muito bem acompanhada.

Reclusas, as meninas vão ficando tímidas e dentro em pouco já são elas próprias que se escondem com cerimônia dos estranhos.

Depois - parece incrível − mas o egoísmo das mães também contribui. Uma filha moça, no interior, não é, como na China, uma praga dos deuses. É, ao contrário, uma auxiliar barata e preciosa, a ama-seca dos irmãos menores, a professora, a costureira, o "descanso" da mãe. E então as mães, para não perderem a ajudante insubstituível, se associam aos pais no zelo exagerado, traindo a solidariedade do sexo por outra mais imperiosa, a solidariedade na exploração. [...]

(Rachel de Queiroz. **Obra Reunida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, v. 4. p.23-25)

85 - (UNIFOR CE)

Identifica-se um posicionamento pessoal em relação ao assunto do texto na afirmativa:

a) *As cidades grandes já hoje quase desconhecem essa relíquia da civilização cristã...*

b) *... e, até mesmo, Deus que me perdoe, para esses amores melancólicos e irregulares com um homem...*

c) *De qualquer forma, elas já não se sentem nem são consideradas um refugo...*

d) *... e assim, na província, a instituição da titia ainda funciona com bastante esplendor.*

e) *Na província, os homens emigram muito.*

TEXTO: 23 - Comum à questão: 86

Ao cruzar a rua

Segurar a mão da pessoa amada ao cruzar a rua, em meio aos automóveis e às motocicletas, sentir o calor de sua pele, a leve pressão de seus dedos, e obter de repente a certeza física de um ajustamento à realidade movediça dos fatos e dos afetos. Como se houvesse entre as mãos dadas e em movimento uma pequena concavidade onde o mundo inteiro estivesse contido e protegido por um momento, até as mãos se separarem.

(Paulo Neves. **Viagem, espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 121)

86 - (UNIFOR CE)

A série de expressões *segurar a mão*, *sentir o calor de sua pele* e *até as mãos se separarem* constitui um exemplo de

a) detalhamento descritivo da cena de fundo.

b) desenvolvimento de prosa dissertativa.

c) sucessão de figuras de linguagem.

d) progressão de discurso narrativo.

e) utilização expressiva de intertextualidade.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 87

Mona Lisa de Da Vinci sem motivos para sorrir



Obra-prima de Leonardo da Vinci é uma das mais admiradas telas jamais pintadas, devido, em parte, ao sorriso enigmático da moça retratada, a "Mona Lisa" está se deteriorando. O grito de alarme foi dado pelo Museu do Louvre, em Paris, que anunciou que o quadro passará por uma detalhada avaliação técnica com o objetivo de determinar o porquê do estrago.

O fino suporte de madeira sobre o qual o retrato foi pintado sofreu uma deformação desde que especialistas em conservação examinaram a pintura pela última vez, diz o Museu do Louvre numa declaração por escrito. O museu não diz quando essa última avaliação ocorreu.

O estudo será feito pelo Centro de Pesquisa e Restauração dos Museus da França e vai determinar os materiais usados na tela e avaliar sua vulnerabilidade a mudanças climáticas.

O Museu do Louvre recebe cerca de seis milhões de visitantes por ano, e todos, praticamente, vêem a "Mona Lisa", uma tela de 77 centímetros de altura por 55 de largura, protegida por uma caixa de vidro, com temperatura controlada. A tela será mantida no mesmo local, exposta ao público, enquanto for realizado o estudo.

Fonte: http://www.italiaoggi.com.br (acessado em 13/11/07)

87 - (PUC SP)

A um conjunto de regularidades relativamente estáveis no que diz respeito à função social, produção, circulação e consumo de um texto, bem como aos seus aspectos composicionais e lingüísticos, dá-se o nome de gênero textual. É por razões assim que um leitor proficiente não confunde uma receita de bolo com uma carta, uma passagem de ônibus com uma nota fiscal, por exemplo. Considerando para o texto esses mesmos aspectos, é possível afirmar que ele pertence ao gênero:

a) Relatório.

b) Editorial.

c) Notícia.

d) Resenha.

e) Artigo.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 88

Quem te viu, quem te vê

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala

Você era a favorita onde eu era mestre–sala

Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua,

Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua.

Hoje o samba saiu procurando você,

Quem te viu, quem te vê,

Quem não a conhece não pode mais ver pra crer,

Quem jamais esquece não pode reconhecer.

Quando o samba começava você era a mais brilhante.

E se a gente se cansava, você só seguia a diante

Hoje a gente anda distante do calor do seu gingado,

Você só dá chá dançante onde eu não sou convidado.

O meu samba se marcava na cadência dos seus passos,

O meu sonho se embalava no carinho dos seus braços.

Hoje de teimoso eu passo bem em frente ao seu portão

Pra lembrar que sobra espaço no barraco e no cordão.

Todo ano eu lhe fazia uma cabrocha de alta classe,

De dourado eu lhe vestia pra que o povo admirasse.

Eu não sei bem com certeza porque foi que um belo dia

Quem brincava de princesa acostumou na fantasia.

Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria,

Quero que você assista na mais fina companhia.

Se você sentir saudades, por favor, não dê na vista:

Bate palmas com vontade, faz de conta que é turista.

Chico Buarque

88 - (UEMS)

Sobre o texto é correto afirmar que:

a) a voz que surge no texto é feminina.

b) a personagem masculina era uma passista de uma escola de samba.

c) a personagem feminina era porta–bandeira da escola de samba.

d) mesmo sendo em versos, recorre a uma espécie de narração.

e) relata o encontro amoroso de dois amantes do carnaval, após o desfile.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 89

TEXTO:

Os diversos órgãos de comunicação, definidos genericamente como mídia, constituem meios de reprodução, investigação e distribuição de informações e conhecimentos. Mas eles são também instrumentos [5]de projeção de uma conformação específica de realidade. Uma reportagem, um texto jornalístico, uma manchete são construções discursivas que extraem de um fato específico o material que será reproduzido, publicado ou projetado para milhões de pessoas. Esse processo [10]comporta evidentemente uma série de vínculos sociais. Apesar de o jornalismo pregar a imparcialidade, percebemos hoje que é cada vez mais comum a reprodução da “notícia” sob condições e intenções particulares: o que é reproduzido expressa os interesses [15]e as visões de mundo dos seus produtores. Nesse sentido, é profícuo entender a mídia como campo da ideologia.

O conceito de ideologia assume formas e características diferenciadas ao longo da História. Pode [20]se referir tanto a uma falsa consciência da realidade, uma inversão ou uma distorção dessa, quanto às concepções típicas de grupos políticos ou teorias sociais. Comporta, assim, a definição de uma visão do mundo inerente a um grupo social que almeja tornar geral, [25]universal, sua representação da sociedade, sua visão do mundo. Nos últimos anos, o conceito de ideologia passou por um intenso processo de deslegitimação, o que não deixa de se vincular até mesmo à emergência de uma ideologia em específico, isto é, a de que não [30]existem mais ideologias.

O proclamado “fim da história” e das ideologias significava, em certa medida, que as possibilidades de transformação social se extinguiram e cabia a todos a assimilação do modelo capitalista como única forma de [35]manutenção da vida. Qualquer forma de pensamento oposta a isso é considerada como “mera” ideologia, algo ultrapassado e sem valor político e social, já que a “liberdade” de escolha para consumir no sistema capitalista é o único caminho que se mostra coerente [40]com o “desenvolvimento” humano. É evidente que essa proposição configura uma representação específica e vinculada da realidade, que almeja assumir a posição de verdade universal. Pressupõe-se a vitória de tal ideologia e isso se apóia solidamente nos meios de [45]comunicação. A celebração do pensamento único conta com o apoio proveniente de desde

revistas universitárias até jornais televisivos no “horário nobre”. As mensagens ressaltam a resignação ante as formas de poder e a sua naturalização como elementos-chave do mundo [50]contemporâneo.

SANTOS, Robson dos. Entre os fins e as finalidades das ideologias.

Sociologia: ciência & vida, São Paulo: Escala, ano I, n. 11,

p. 36-37, set. 2007.

89 - (UESC BA)

De acordo com a forma de trabalhar a linguagem e, sobretudo, suas funções comunicativas, o discurso pode pertencer a diferentes gêneros.

Pelas características do texto em estudo, pode-se classificá-lo como

01. crônica política.
02. notícia jornalística.
03. conto de costumes.
04. panfleto sensacionalista.
05. artigo de fundo jornalístico.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 90

TEXTO II

A genética da paixão

(...)

[1]Quanto mais se estudam os genes, mais se atribuem a eles um papel decisivo na escolha de nossos parceiros amorosos. A antropóloga e pesquisadora americana Helen Fisher, da Universidade Rutgers, de Nova Jersey, considerada uma das [5]maiores autoridades em comportamento amoroso, avaliza essa teoria e está prestes a lançar um livro sobre ela. Helen relaciona as características de comportamento à predominância de determinados tipos de hormônios e neurotransmissores no organismo. A produção dessas [10]substâncias é controlada pelo sistema endócrino, que funciona de acordo com o perfil genético de cada ser humano. Ela sustenta que há, basicamente, quatro tipos de personalidade. Indivíduos com predominância de dopamina seriam os exploradores; de serotonina, os construtores; de [15]estrógeno, os negociadores; e de testosterona, os diretores. "Todos nós somos uma combinação dos quatro tipos, mas um deles se expressa com mais destaque em nossa personalidade", disse Helen a VEJA. Para chegar a esses quatro perfis humanos, a psicóloga submeteu um questionário [20]baseado em sua teoria a assinantes da agência americana de namoro pela internet Chemistry.com. Após avaliar 20.000 respostas, ela concluiu que os negociadores, com altos níveis de estrógeno, se sentem mais atraídos pelos diretores, ricos em testosterona. Já os exploradores e construtores sentem [25]mais desejo por pessoas do seu próprio grupo. (....)

Lima, R. Abreu .www.revistaveja.com.br, 21/05/08.

90 - (UFCG PB)

Quanto ao gênero do texto pode-se afirmar que

a) por ser um artigo de opinião, há apenas seqüências tipológicas argumentativas.

b) por se tratar de uma reportagem, a autora utilizou-se de seqüências expositivas e narrativas.

c) por ser uma notícia, há a predominância de seqüências narrativas e injuntivas.

d) é uma reportagem, por predominar seqüências argumentativas e injuntivas.

e) é um artigo de opinião, por apresentar seqüências expositivas.

TEXTO: 28 - Comum à questão: 91

Será?

Aqueles que procuram os Serviços de Atendimento ao Consumidor percebem, de imediato, que entraram num jogo de resistência. Lançados de um lado para outro, repassados de atendente em atendente, obrigados a escutar mensagens publicitárias e a perder tempo ouvindo música, dão-se por felizes quando a ligação não cai.

Mas eis que o Chefe da Nação, em pessoa, parece vir em socorro da distinta freguesia. (...) Decidiu o governo, numa canetada, que tais serviços têm de ser gratuitos, têm de funcionar, ininterruptamente, 24 horas por dia, e têm, ainda, de promover o contato imediato com um atendente. E o que é mais importante: as reclamações têm de ser resolvidas em até cinco dias.

Não custa lembrar que os setores sob regulamentação do poder público originam o maior número de queixas dos consumidores. São os serviços de telefonia, de água, energia elétrica e transporte aéreo. São, também, os bancos e os planos de saúde. Em suma, são empresas e empreendimentos sob acompanhamento direto do Governo. Se falham, é porque a fiscalização tem sido igualmente falha. Fica, então, a dúvida: será que vai dar certo?

Nossa tradição não recomenda a plenitude da boa fé no controle governamental das ações e serviços públicos, sobretudo quando feito por decreto. Aqui, as leis já são muitas e já são duras.

Mas lembram a velha piada do Inferno Brasileiro: aquele em cuja porta almas penadas fazem filas quilométricas, enquanto o Inferno Americano e o Europeu, com leis mais brandas, jazem vazios. Por quê? Resposta: porque, no daqui, o diabo não costuma dar expediente.

(Jornal da Paraíba, 2/08/2008, p.6)

91 - (UFCG PB)

O texto pode ser classificado como

a) artigo de opinião, tendo em vista que o autor argumenta em favor de sua não-confiança nas ações do governo.

b) exposição de motivos sobre a necessidade de se controlar os Serviços de Atendimento ao Consumidor (SAC).

c) carta aberta à comunidade, visto que argumenta junto ao público contra os SAC.

d) notícia que relata os aborrecimentos dos consumidores e o decreto presidencial.

e) editorial, tendo em vista que expressa a opinião da equipe do jornal sobre os SAC e o controle pelo qual devem passar.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 92

Ninguém aí do poder em Brasília manja de marxismo e semiologia. Fala-se na necessidade de eliminar a herança feagaceana (que, aliás, não é maldita, é sinistra), mas não da ruptura lingüística com essa herança, ou seja, o PT reproduz a mesma linguagem feia e inestética do PSDB.

“Custo Brasil” é de matar!

A “flexibilização laboral” designa desemprego. Carteira de trabalho é luxo. Se a polícia der uma *blitz* e pedir carteira de trabalho, 40 por cento da população vai em cana.

A linguagem revela a ideologia e governa os homens.

Prova é que nunca até hoje existiu político mudo. Ao contrário, político é falastrão, fala qualquer coisa, fala pelos cotovelos. Não é senão por isso que o enigmático ministro José Dirceu prestigia no Paraná o comediante Ratinho, cujo gogó midiático agrada aos ouvidos da plebe boçalizada que não freqüentou os Cieps.

VASCONCELLOS, Gilberto F. O Richelieu do Ratinho e a herança lingüística tucana. *Caros Amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 61, jul. 2003, p. 17.

92 - (UFG GO)

O modo predominante de organização discursiva do texto é

a) repetir para ilustrar.

b) argumentar para convencer.

c) descrever para definir.

d) narrar para emocionar.

e) expor para informar.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 93

Linguagem de computador

Como funciona o código de barras?

Alexandre Nogueira, Maceió, AL

Também chamado de código UPC, Universal Product Code, Código Universal de Produtos, as barras nada mais são do que representações gráficas do código binário utilizado pelos computadores (0 e 1). Cada barra escura equivale a 1 e cada barra clara equivale a 0. Uma barra escura mais grossa que as outras é, na verdade, a somatória de várias barras escuras, umas ao lado das outras; o mesmo vale para as barras claras.

Sim, parece difícil de entender, afinal, é uma operação que envolve muitas contas, mas a intenção é simples: rastrear os passos de uma mercadoria e permitir ao proprietário ter mais controle do que tem e do que vende em uma loja.

Apesar da tecnologia ter sido desenvolvida na década de 50, somente após sua padronização, nos anos 70, empresas americanas e européias começaram a utilizá-la em larga escala. Funciona assim: cada produto recebe uma numeração exclusiva internacionalmente reconhecida como GTIN, Número Global de Item Comercial (Global Trade Item Number), que será a chave de acesso para identificação do produto e suas características que devem estar armazenadas nos bancos de dados das empresas. É como se fosse um RG internacional da mercadoria e que pode ser representada por um ou mais tipos de código de barras. [...]

Para decodificar a seqüência de barras claras e escuras, os scanners (como aqueles que encontramos nos caixas dos supermercados) emitem sinais luminosos ou raios laser que são projetados no código, refletindo seu desenho e possibilitando sua identificação. [...]

GALILEU, São Paulo, set. 2004, p. 84.

93 - (UFG GO)

“Linguagem de computador” é um texto de divulgação, que se constitui a partir da intersecção de dois tipos discursivos, o científico e o jornalístico. Para tornar interessante e acessível ao grande público o assunto “funcionamento do código de barras”, Alexandre Nogueira utilizou como estratégia a

a) apresentação das motivações políticas para a implantação do GTIN.

b) caracterização da linguagem computacional recorrendo ao emprego de estrangeirismos.

c) descrição das representações gráficas do código de barras via oposição entre formato e cor.

d) explicação do funcionamento do código de barras seguindo as regras da linguagem de propaganda.

e) simulação de um diálogo com o leitor a partir do uso de perguntas e respostas retóricas.

TEXTO: 31 - Comum à questão: 94

LEÃO – Um acontecimento inesperado pode fazer você descobrir as verdadeiras intenções de uma pessoa em quem confia muito. Não se espante com a sensação de que, a qualquer momento, coisas que você não conhece podem mudar muito a sua vida.

O POPULAR, Goiânia, 13 set. 2004, p. 6, Magazine.

LEÃO – Não deixe que a possessividade no amor a atrapalhe. Algum acontecimento pode fazer você querer acelerar as mudanças que já estão ocorrendo na sua vida. O que até agora era uma evolução pode se transformar numa revolução.

O POPULAR, Goiânia, 14 set. 2004, p. 6, Magazine.

94 - (UFG GO)

O *horóscopo* tem por objetivo construir informações válidas para todas as pessoas que tenham nascido num mesmo período de qualquer ano. Analisando as previsões dos dias 13 e 14 de setembro de 2004, pode-se afirmar que esse objetivo é conseguido pelo uso de palavras de sentido

a) indefinido e de termos que expressam generalização.

b) metonímico e de termos que expressam adversidade.

c) metafórico e de termos que expressam negação.

d) categórico e de termos que expressam condicionalidade.

e) alegórico e de termos que expressam conseqüência.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 95

Na medida em que se torna globalmente mais escassa, a água doce deixa de ser considerada um bem público. De acordo com o poder dos diferentes grupos, ela se torna propriedade cada vez mais privada e menos comum, gerando um grave conflito ecológico distributivo. No caso do Brasil, a complexa e pouco aprofundada polêmica sobre a transposição das águas do rio São Francisco é um importante ensaio inicial sobre essa questão.

Os severos estragos que a poluição por resíduos químicos e o aquecimento planetário estão fazendo nos estoques mundiais de água doce os colocam como prioridade na discussão estratégica sobre poder – e podem abrir imensas oportunidades para a América do Sul. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), já há mais de um bilhão de pessoas no planeta com severa carência de água potável, e vários cenários internacionais consideram que a disputa pelo acesso a ela poderá conduzir a inúmeros conflitos regionais.

Na Europa, enquanto bilhões de euros são gastos na despoluição de seus rios, cresce o mercado de importação desse líquido vital. A água doce não poluída de superfície já não é suficiente para atender à população dos EUA. Mais grave ainda é a situação das águas subterrâneas, envenenadas progressivamente por produtos químicos e bactérias, na marcha da industrialização. A redução da disponibilidade de água já está gerando pesadas disputas naquele país. Os consumidores consideram-na um bem público essencial à saúde e à vida; já os fornecedores negam qualquer relação entre acesso à água potável e temas como direitos humanos e questões sociais. Em busca de novas possíveis fontes de água, a atenção dos norte-americanos volta-se para o sul do continente. Alguns especialistas detectam estar-se moldando uma nova Doutrina Monroe ambiental, em que os recursos naturais do hemisfério devem levar em conta as prioridades dos EUA. O México, com situação ainda tranqüila, pode vir a ser o primeiro a ser pressionado.

Esse quadro crítico, no entanto, se inverte na América do Sul, onde a água doce ainda é abundante. Com 12% da população mundial, possuímos 47% das reservas de água globais, e boa parte delas se encontra submersa. Às grandes bacias do Amazonas, do Orenoco e do Prata, mais inúmeros rios, lagos e estuários, se somam aqüíferos de grande porte, entre eles o Guarani – o terceiro maior do mundo – espalhado pelos territórios do Brasil, do Paraguai, do Uruguai e da Argentina. Muitos estudiosos acreditam que quem controlar os recursos ambientais da tríplice fronteira − em que se inclui aquele aqüífero –, terá a seu dispor matérias-primas essenciais para a manutenção da vida e para a sustentabilidade de processos produtivos geradores de desenvolvimento econômico e social em amplas áreas do Cone Sul.

(Adaptado de Gilberto Dupas. **O Estado de S. Paulo**, A2, 19 de janeiro de 2008)

95 - (UNIFOR CE)

O texto se organiza numa estrutura

a) narrativa, em que se apontam as inúmeras questões de ordem econômica e social quanto à disponibilidade de recursos hídricos e suas implicações na política internacional.

b) descritiva, de forma preponderante, no delineamento das regiões, no mundo todo, sujeitas a conflitos em relação à exploração e ao consumo das reservas de água doce.

c) dissertativa, em que se discutem de forma opinativa eventuais questões a respeito da disponibilidade de água potável no mundo e de seu consumo, com argumentação baseada em exemplos.

d) próxima à da crônica, em que se expõe, de forma bastante pessoal, a partir de uma questão comum e rotineira, como vem sendo percebida a escassez de água potável no mundo todo.

e) jornalística, pela importância atribuída aos fatos que envolvem o relacionamento entre países, com foco principal na distribuição de água de boa qualidade para o consumo de seus habitantes.

TEXTO: 33 - Comum à questão: 96

Lembrança e esquecimento

DULCE CRITELLI

[1]"Como é antigo o passado recente!" Gostaria que a frase fosse minha, mas ela é de Nelson Rodrigues numa crônica de "A Menina sem Estrela".

Também fico perplexa com esse fenômeno rápido e turbulento que é o tempo da vida. Não são poucas as vezes em que me volto para algum acontecimento acreditando que ele ainda é atual e descubro [5]que ele faz parte do passado para outros.

Um exemplo é quando, em sala de aula, refiro-me a eventos que se passaram nos anos 70 e meus alunos me olham como se eu falasse da Idade Média... E eu nem contei para eles que andei de bonde!

A distância entre nós não é apenas uma questão de gerações. Eles nasceram em um mundo já transformado pela tecnologia e pela informática. Uma transformação que começou nos anos 50 e

que não [10]nos trouxe somente mais eletrodomésticos e aparelhos digitais. Ela instalou uma transformação radical do nosso modo de vida.

Mudou o mundo e mudou o jeito de viver. Mudou o jeito de namorar, de vestir, de procurar emprego, de andar na rua e de se locomover pela cidade.

Mudou o corpo. Mudou o jeito de escrever, de estudar, de morar e de se divertir. Mudou o valor da [15]vida, do dinheiro e das pessoas...

Outros tempos. E, quando um jeito de viver muda, ele não tem volta. Não se pode ter a experiência dele nunca mais. Por isso, meus alunos e eu só podemos compartilhar o tempo atual. Não podemos compartilhar um tempo que, para eles, é passado, mas, para mim, ainda é presente.

Os fatos de 30 anos atrás não são passado na minha vida. Para mim, meu passado não passou e [20]minha história não envelhece. Minha memória pode alcançar os acontecimentos que vivi a qualquer momento, e posso revivê-los como se ocorressem agora. Mas, se eu os narrar, quem me ouve não pode, como eu, vivenciá-los. Por isso, para meus alunos, são contos o que para mim é vida.

Mas é assim que corre o rio da vida dos homens, transformando em palavras o que hoje é ação. Se não forem narrados, os acontecimentos e os nossos feitos passam sem deixar rastros.

[25]Faladas ou escritas, são as palavras que salvam o já vivido e o conservam entre nós. Salvam os feitos e os acontecimentos da sua total desintegração no esquecimento.

A memória do já vivido e a sua narração numa história é o que possibilita a construção da História e das nossas histórias pessoais. Só os feitos e os acontecimentos narrados em histórias são capazes de salvaguardar nossa existência e nossa identidade.

[30]Só conservados pela lembrança é que os feitos e os acontecimentos podem entrar no tempo e fazer parte de um passado. Recente ou antigo.

Folha de São Paulo – 20/3/08

96 - (UNIMONTES MG)

A memória e suas narrações constituem-se por todos estes dispositivos, EXCETO

a) turbulência.

b) evocação.

c) resgate.

d) registro.

TEXTO: 34 - Comum à questão: 97

[1]Artistas, costureiras, soldadores e desenhistas [2]manejam ferro, madeira, isopor e tecido. No galpão do boi [3]Garantido, o do coração vermelho, todos se esmeram [4](nunca usam o verbo caprichar) para preparar um [5]espetáculo que supere o do rival. No ano passado, foi o [6]Caprichoso, o da estrela azul, o ganhador da disputa de [7]bois-bumbá do famoso Festival de Parintins, que todo final [8]de junho atrai cerca de cem mil pessoas para a doce ilha [9]situada na margem direita do rio Amazonas. No curral da [10]torcida caprichosa, "alegoristas", passistas e [11]percussionistas preferem não dizer que uma nova vitória [12]está garantida. Dizem, sim, com todas as letras, que está [13]assegurada.

Fernanda Pompeu. Caprichada e garantida.

97 - (FUVEST SP)

As marcas lingüísticas e o modo de organização do discurso que caracterizam o texto são, respectivamente,

a) verbos no presente e no passado; descritivo-narrativo.

b) substantivos e adjetivos; descritivo-dissertativo.

c) substantivos; narrativo-dissertativo.

d) frases nominais; apenas narrativo.

e) adjetivos substantivados; apenas descritivo.

TEXTO: 35 - Comum à questão: 98

PEGO EM FLAGRANTE

Certos alimentos parecem inocentes, mas têm uma ficha criminal capaz de assassinar sua dieta – ou mesmo sua saúde

Alguns alimentos saudáveis não são o que parecem. Não dá para se contentar com as aparências: é preciso investigar fundo para descobrir os riscos. Muitos desses alimentos dotados de obscuras intenções criminosas estão muito bem camuflados sob a roupagem de comida saudável. Entretanto, transbordam calorias, sódio ou gorduras saturadas. “Daí, o risco é consumi-los em excesso”, alerta a nutricionista Mariana Del Bosco Rodrigues, da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO).

Um desses vilões é o vinho. Uma taça dessa bebida por dia pode afastá-lo dos problemas cardíacos, mas a segunda anula o benefício. Após uma taça os vasos sangüíneos ficam mais relaxados, o que reduz a força que o coração tem de fazer para bombear o sangue. Mas depois de dois drinques, o sistema nervoso simpático entra em ação e anula o efeito relaxante dos vasos. E um vinho de má qualidade pode esconder mais perigos. A bebida de procedência ruim recebe a adição de nitratos, que funcionam como conservantes. Além de alterar o sabor, são ligeiramente tóxicos e podem provocar dor de cabeça, bem como neutralizar os efeitos benéficos da uva. Os especialistas sugerem que se escolham vinhos de boa qualidade e moderação no consumo.

Outro alimento sob suspeita é o chocolate, pois contém muita gordura saturada, prejudicial à saúde por se acumular nas paredes das artérias. “Embora sejam comprovados os benefícios do chocolate na prevenção das doenças cardiovasculares, o consumo deve ser em pequenas quantidades”, afirma Daniel Magnoni, cardiologista e nutrólogo do Hospital do Coração, de São Paulo. “Os mais perigosos são o chocolate ao leite e o branco”, diz a nutricionista Vandeli Marchiori. Assim, a recomendação é o chocolate amargo, que tem maior teor de flavonóides, substâncias presentes na semente do cacau que agem como protetores cardiovasculares.

LUCÍRIO, Ivonete. Pego em flagrante. In: *Men’s health*. n. 24, abr 2008. p. 54-55. (Adaptado).

98 - (UEG GO)

A principal função do discurso direto no texto é

a) atribuir maior confiabilidade às informações apresentadas.

b) estabelecer um confronto entre as opiniões manifestadas.

c) imprimir agilidade à leitura, dando voz às personagens.

d) indicar o ponto de vista da maioria das pessoas sobre o tema.

TEXTO: 36 - Comum à questão: 99

A(s) questão(ões) refere(m)-se ao texto abaixo, sobre a personagem mestre-escola em *Memórias de um Sargento de Milícias*:

Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, e excessivamente calvo; usava óculos, **tinha pretensões de latinista, e dava bolo nos discípulos por dá cá aquela palha**. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabreado à vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado.

(Manuel Antonio de Almeida)

99 - (ESPM RS)

O texto acima é

a) descritivo-narrativo.

b) descritivo-dissertativo.

c) apenas dissertativo.

d) apenas narrativo.

e) apenas descritivo.

TEXTO: 37 - Comum à questão: 100

A MENINA COM A MAÇÃ

Vimos que a neurociência e a linguística tratam de dois aspectos (como o cérebro funciona? O que é a linguagem?) do mesmo problema. A questão, assim, não é defender esta ou aquela filosofia da mente. A mente e o cérebro seriam duas entidades separadas ou, de acordo com a teoria da identidade, os processos mentais coincidiriam com os do sistema nervoso central? Ou deveríamos defender a tese do interacionismo, segundo a qual mente e cérebro se influenciam mutuamente? Como fazemos para compreender os outros? "Se vejo uma menina comendo uma maçã, como sei o que ela está fazendo e, ainda mais, como compreendo sua intenção, o porquê de sua ação?" São esses os termos do problema formulado pelo eminente neurologista Giacomo Rizzolatti.

[...] Os antropólogos sustentam, há muito tempo, a hipótese de que a linguagem nasceu ao longo da evolução do hominídeo, primeiro como linguagem de sinais, depois como articulação fonética. Apoiado em sua descoberta e auxiliado por hipóteses paleoantropológicas, Rizzolatti formulou uma tese sobre a evolução da linguagem segundo a qual a capacidade de organizar sons ou gestos expressivos para comunicar teria sido desenvolvida em um contexto no qual os símbolos estariam vinculados a operações do campo manual. Em outras palavras, a comunicação suporia a gesticulação e, mais importante, o impulso a imitar a concatenação de operações dos semelhantes, com a possibilidade de inibir a ação motora e transferir a imitação para o plano dos símbolos expressivos. A teoria de Rizzolatti sobre a origem da comunicação é conhecida como hipótese de "sistema espelho".

A compreensão do outro, sugere Rizzolatti, está ligada a imagens que são antes imagens de gestos que traços acústicos, mas, depois, as imagens acústicas também passam a fazer parte dessa gramática simbólica da interação. O outro é agora uma presença intermitente dentro de mim, penetra em meu "cubículo" graças à gramática comum do gesto, que é também a gramática da palavra. "Enfim", conclui Rizzolatti, "qualquer analogia entre cérebro e computador desmorona, não só por causa da diferença de funcionamento, mas pela lógica intrínseca do cérebro, que é estreitamente ligada ao mundo exterior e aos outros. O surpreendente vínculo entre a nossa ação e a dos outros pode estar na base do comportamento altruístico, como sugeriu recentemente Jean-Pierre Changeux, e representar a base natural, biológica, do comportamento ético."

MENTE E CÉREBRO. Ano XIII. n. 151, São Paulo:
Duetto Editorial, 2005. p. 65.

Altruístico: relativo a altruísmo, que significa amor ao próximo; abnegação, filantropia. (MICHAELIS, p. 117

100 - (UFG GO)

Analisando a estrutura de construção do texto "A menina com a maçã", é correto afirmar que se trata de um texto de divulgação científica porque

a) os recursos linguísticos utilizados dificultam o entendimento dos leitores acerca das questões científicas.

b) a narrativa se desenvolve com os personagens dialogando sobre o mesmo tema.

c) a tese é apresentada e desenvolvida por meio da explicação de seu funcionamento.

d) o assunto discutido extrapola os limites da ficção científica e alcança a realidade.

e) as informações e os conceitos mobilizados comprometem o rigor exigido pela pesquisa científica.

TEXTO: 38 - Comum à questão: 101

Quem primeiro me falou sobre as terras-raras acho que deve ter sido minha mãe, que era uma fumante inveterada e acendia um cigarro atrás do outro com um pequeno isqueiro Ronson. Certo dia ela me mostrou a “pedra” do isqueiro, retirando-a do mecanismo, e explicou que não era realmente uma pedra, e sim um metal que produzia faíscas quando raspado. Esse “misch metal” – consistindo, sobretudo, em cério – era uma mistura de meia dúzia de metais, todos eles muito semelhantes, e todos eles terras-raras. Esse nome curioso, terras-raras, tinha algo de mítico, de conto de fadas, e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas.

Acreditava que eram também dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.

(SACKS, Oliver. *Tio Tungstênio*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2002. Adaptado).

101 - (FATEC SP)

O texto apresentado é, predominantemente,

a) argumentativo em que o autor expõe as investigações de sua mãe acerca da função de alguns elementos químicos.

b) descritivo em que o autor apresenta, em uma sequência cronológica, a composição de um elemento observado por ele de forma objetiva e imparcial.

c) expositivo que prioriza a apresentação do clímax de uma ação dinâmica iniciada no passado.

d) narrativo em que o sujeito relata uma sequência de eventos experienciados numa perspectiva subjetiva.

e) dissertativo por meio do qual o autor explana sobre a vida de uma criança e os efeitos da aprendizagem.

TEXTO: 39 - Comum à questão: 102

NEM DEUS, NEM O MACACO

[1]Deus criou a Terra e os céus. A Terra era sem forma e vazia e, por isso, ele criou a luz e as águas e os [2]mares. Vieram em seguida a grama verde, as árvores, os frutos. Vieram as estrelas e o Sol e a Lua, e também [3]criaturas que voavam e grandes seres marinhos. E, finalmente, veio o homem, à Sua imagem e semelhança. Esse [4]é o começo de tudo, de acordo com o Gênesis, primeiro texto da Bíblia Sagrada.

[5]Mas há quem duvide dessa versão de surgimento do mundo, acreditando na teoria de que a origem do [6]universo tenha se dado no momento da grande explosão, mecanismo semelhante à teoria evolutiva de Charles [7]Darwin, que não propôs a ideia sobre o começo do mundo, mas como os indivíduos se desenvolviam. Apesar de [8]não ter explicitado sua crença em Deus, Darwin nunca negou Sua existência. “Ele inclusive cita em **A origem das [9]espécies** que as primeiras centelhas de vida podem ter tido origem divina e, a partir daí, por evolução natural, [10]toda a diversidade surgiu”, pontua a professora da PUC Minas, Virginia Abuhid.

[11]Embora a própria Igreja não enxergue nas ideias do evolucionismo algo incompatível com a fé e com a [12]teologia, há uma grande corrente, que abriga inclusive cientistas, que não concorda com o evolucionismo [13]proposto por Darwin. Os criacionistas defendem que há evidências na natureza que apontam para a existência [14]de um agente externo como sendo a causa de tudo quanto existe. “Como no contexto religioso esse agente é [15]denominado Deus, os críticos costumam se valer desse fato para rotular o criacionismo de religioso ou de não [16]científico. É óbvio, entretanto, que adeptos de qualquer religião, por acreditarem em Deus, são naturalmente [17]criacionistas, como consequência da fé que professam”.

[18]Sobre a polêmica em vários países de a teoria da criação ser ensinada em aulas de ciências ou de [19]religião, Christiano P. da Silva Neto diz que há diversos livros, de autores nacionais e internacionais, que [20]abordam a questão sem fazer menção a conceitos religiosos. “Por essa razão, acredito que o tema deva ser [21]estudado em aulas de ciências, porque toda a sua argumentação é de natureza científica.” Para Silva Neto, fé e [22]ciência podem andar juntas, pois ambas têm o compromisso de esclarecer a respeito das origens. “Não somos [23]refratários à investigação científica, de modo que consideramos válidas todas as incursões do homem, por meio [24]da ciência, com o fim de trazer benefícios, não só à nossa espécie, como a todo o ambiente ecológico que nos [25]abriga”, acrescenta.

[26]Para a professora Virgínia, ciência e fé são coisas distintas, “Ciência nunca é algo acabado, mas passível [27]de teste, de experimentação e demonstração. Já a fé, a crença em algo que não se vê, que não se tem como [28]provar, é algo pessoal. A Bíblia traz ensinamentos morais, éticos, religiosos para a vida espiritual. A ciência [29]retrata um experimento e busca respostas em evidências. Acho que nunca teríamos avançado tanto no [30]conhecimento se Deus não tivesse dado ao homem a capacidade de questionar e de buscar. Isso não significa [31]que tenhamos todas as respostas. A ciência é questionamento, é busca, não é verdade absoluta.”

Cristiana Andrade - Estado de Minas – Ciência – 8/2/2009

(Com adaptações)

102 - (UFLA MG)

Considerando o processo de comunicação, o texto estrutura-se segundo as características gerais do seguinte gênero:

a) dissertativo – expõe ideias fundamentadas na observação, no conhecimento do mundo ou no conhecimento específico. Levanta argumentos a favor ou contra essas ideias.

b) argumentativo – o autor se propõe a influenciar o interlocutor, selecionando argumentos (razões, exemplos, raciocínios) com esse objetivo muito evidente.

c) relato – objetiva transmitir fatos acontecidos, situações vividas; nessa categoria incluem-se os relatos de viagem, de experiências ou históricos, as notícias, as reportagens, as autobiografias.

d) descritivo – associa-se ao gênero narrativo, classificando-se como narrativo-descritivo; deve ser predominantemente narrativo com passagens descritivas.

TEXTO: 40 - Comum à questão: 103

[01]Geoficção é um passatempo ou hobby que consiste [02]na criação de lugares imaginários, como países, [03]cidades, bairros, ruas, prédios ou até mesmo [04]planetas e galáxias. Adeptos da geoficção comumente [05]imaginam o lugar que criam num alto nível de [06]detalhamento, com cada minúcia e particularidade que [07]desejam. Em geral, escrevem descrições que contêm [08]nomes, características geográficas, culturais, sociais, [09]políticas, econômicas, históricas.

[10]Deve-se diferenciar lugares históricos de lugares [11]fictícios, pois enquanto os primeiros podem ser simplesmente [12]imaginados para quaisquer fins, estes últimos [13]são criados necessariamente para obras de ficção [14]ou arte, como livros, filmes, poesias, quadrinhos, [15]etc. A criação de países e universos como suporte, [16]contexto e cenário para uma obra de ficção (como a [17]galáxia de Star Wars, por George Lucas, ou a Terra [18]Média, por J. R. R. Tolkien) costuma ser considerada [19]um ramo derivado da geoficção, já que esta abarca [20]também a invenção de lugares por puro deleite pessoal, [21]sem aplicação determinada.

http://pt.wikipedia.org/kiki/geoficcao

(fragmento adaptado)

(acessado em 25/10/2008)

TEXTO: 41 - Comum à questão: 103

[01]Quando eu estava no Curso Colegial, meu [02]professor de inglês fez uma pequena marca de giz [03]no quadro-negro, e perguntou à turma o que era aquilo. [04]Passados alguns segundos, alguém disse: 'É uma [05]marca de giz no quadro-negro!'

[06]O resto da classe suspirou de alívio, porque o [07]óbvio havia sido dito, e ninguém tinha mais nada a [08]dizer. 'Vocês me surpreendem', falou o professor. 'Fiz [09]o mesmo exercício ontem, com uma turma do Jardim [10]de Infância, e eles pensaram em umas cinqüenta [11]coisas diferentes: o olho de uma coruja, um inseto [12]esmagado, e assim por diante. Eles estavam com a [13]imaginação a todo vapor'.

[14]Nos dez anos que vão do Jardim ao Colegial, havíamos [15]aprendido a encontrar a resposta certa, mas [16]havíamos perdido a capacidade de procurar outras [17]respostas certas, e também perdido muito em capacidade [18]imaginativa.

Um toc na cuca. São Paulo: Ed. São Paulo.

(fragmento adaptado)

In: http://internativa.com.br/artigo_criatividade.

(acessado em 24/10/2008)

103 - (PUC RS)

Considere os dados referentes aos textos 1 e 2 e analise as afirmativas.

I. No texto 1, predomina a narração; no texto 2, a argumentação.
II. O texto 2 é mais conclusivo do que o texto 1.
III. Ambos os textos se desenvolvem a partir de uma característica humana abstrata.
IV. Embora apenas o texto 2 seja redigido em primeira pessoa, os dois textos apresentam o mesmo grau de subjetividade.

As afirmativas corretas são, apenas,

a) I e II.
b) I e IV.
c) I e III.
d) II e III.
e) II, III e IV.

TEXTO: 42 - Comum à questão: 104

NÓS E O TIBETE

Zeca Baleiro

Sempre me impressionou a capacidade de as pessoas se mobilizarem por causas distantes. E quando falo distantes não me refiro apenas à distância geográfica. Nada de errado em se compadecer com o risco de extinção do peixe-gato do Mekong ou com a sangrenta guerra civil de Ruanda, pois ambos os casos dizem respeito à humanidade. Mas para o bom samaritano (e brasileiro) que quiser fazer algo de nobre em sua vida não faltarão, tenho certeza, causas cruciais a um quarteirão de sua casa.

Reflito sobre isso depois de receber vários e-mails conclamando a lutar pela causa do Tibete. Pedem que eu compareça tal dia em frente à embaixada chinesa para protestar (consultando minha agenda, vejo que nesse dia terei dentista, tratamento de canal, coisa séria, os monges que me perdoem). Como qualquer mortal que use vez por outra a razão, lamento o jugo imposto pela China ao Tibete e a dor do povo tibetano. Mas, se a questão é de fato lutar contra injustiças, por que ir tão longe? O primeiro e-mail com a convocação para a manifestação foi de um chegado carioca, que nunca vi empunhando bandeiras, nem nacionais nem regionais. Pergunto-me se depois da chacina da Candelária este sujeito também saiu por aí a distribuir filipetas solidárias à miséria.

Há algo de extremamente vaidoso – e ingênuo – nestas conclamações coletivas. Não descreio completamente da mobilização popular. A História registra casos em que o povo saiu às ruas convicto e, armado de revolta, conseguiu mudar a cena política, depor presidentes, denunciar abusos e desmandos. Fala-se que o brasileiro é bastante acomodado, que nunca se mobiliza. Só se for com as próprias causas, pois não canso de receber chamados à luta. À luta pela preservação das baleias do Greenpeace, pela não-extinção dos coalas australianos (...), pelos expatriados do Kosovo, que pouca gente sabe onde fica. Mas por que, se teríamos o mesmo a fazer pelo melancólico peixe-boi, pelo prosaico tatu-bola, pelos moradores do Nordeste profundo, ainda maltratados pela seca de sempre?

É como se lutar por causas internacionais conferisse maior nobreza, talvez glamour, à luta. (...) Com o perdão da psicologia de botequim, penso que isso deve ser próprio da natureza humana, aspirar ao que está fora de alcance, olhar antes para longe e só depois em redor. No caso de nós, brasileiros, nunca vi melhor explicação que o clássico “complexo de vira-lata” cunhado por Nelson Rodrigues. Qual seja, esta nossa provinciana e colonial vocação para nos ajoelharmos aos pés do mundo, enquanto desdenhamos de nossas próprias bossas (e mazelas). Quanto aos clamores em prol do Tibete, dedicarei minhas preces aos tibetanos esta noite – à distância, como faz o Dalai Lama, enquanto profere palestras a endinheirados pelo mundo afora. Mas não me peçam mais que isso, pois tenho mais o que fazer. Bem aqui, debaixo do meu nariz.

(In: Última Palavra, *Revista Isto É* / 2006 – 16/4/2008 – texto adaptado)

104 - (UEMG)

Todos os trechos citados nas alternativas, abaixo, caracterizam-se pelo tipo textual opinativo que expressa a posição do autor sobre o assunto abordado, **EXCETO**:

a) "Sempre me impressionou a capacidade de as pessoas se mobilizarem por causas distantes. (...) É como se lutar por causas internacionais conferisse maior nobreza, talvez glamour, (...)"

b) "Há algo de extremamente vaidoso – e ingênuo – nestas conclamações coletivas. Não descreio completamente da mobilização popular."

c) "Pedem que eu compareça tal dia em frente à embaixada chinesa para protestar (...). Fala-se que o brasileiro é bastante acomodado, que nunca se mobiliza. (...)"

d) "Mas por que, se teríamos o mesmo a fazer pelo melancólico peixe-boi, pelo prosaico tatubola, pelos moradores do Nordeste profundo, ainda maltratados pela seca de sempre?"

TEXTO: 43 - Comum à questão: 105

Entrevista: **A mídia e a mulher**

Entrevista concedida pela filósofa e professora da USP, Olegária Chain Feres Matos, em março de 2005, a Rosangela Gil, do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC).

Boletim NPC – **Quais são as distorções simbólicas mais freqüentes nos meios de comunicação em relação à mulher?**

Olegária Matos – As distorções mais visíveis são as da nudez. Você tem a exploração do corpo feminino que não é nem o corpo da mulher, agora ele é o corpo fetichizado da juventude. É o corpo

eternamente jovem e é um corpo modelado. Ele é modelado no sentido de que ele é disciplinado para se apresentar segundo padrões impostos em larga medida pelo que se entende como modernidade.

Boletim NPC - **A imagem da mulher na mídia se cria a partir de interesses apenas comerciais e mercadológicos ou tem algo mais nesse jogo?**

Olegária Matos – Eu acho que além desses valores mercadológicos, há também profundos apelos do desejo. Eu acredito que não se trata de um desejo produzido pelo nosso mundo afetivo, sentimental, porque ele está muito mesclado com os apelos que a sociedade do consumo traz consigo. Mas eu acredito que a necessidade de certas cenas onde a mulher represente determinadas personagens ou que ela mesma se apresente na sua fragilidade ou na sua agressividade responde a necessidades profundas do desejo.

Boletim NPC – **Desejos que serão satisfeitos?**

Olegária Matos – Na verdade, o desejo não é da ordem da realização. Nós podemos nos aproximar do desejo, mas uma vez realizado o desejo, o imaginário cria novas necessidades e novos desejos. Então não se trata de uma aquisição definitiva de um desejo, porque vão se abrindo novas necessidades e os desejos também vão se multiplicando na nossa sociedade. Por que digo na nossa sociedade? Se nós pensarmos, por exemplo, no mundo grego, clássico, o ideal do mundo clássico era a moderação, era a prudência. Não havia uma valorização das paixões. A modernidade, a nossa contemporaneidade, valoriza a paixão; portanto, valoriza a desmesura, o excesso, valoriza o excedente.

Boletim NPC – **A figura da mulher é de passividade na mídia?**

Olegário Matos – Eu não vejo a mulher como um ser passivo, nem o homem como um ser ativo. Eu vejo o homem como um ser alienado, que no atual momento da acumulação do capital, para sua reposição, acréscimo, acúmulo, etc, cria excesso de trabalho para poucos ou trabalho nenhum para muitos. Então o homem é um ser alienado, quer dizer, ele não é senhor dos usos, nem do sentido da sua vida, nem do seu tempo. É igual às mulheres que vão para o mundo do trabalho. Nos dois casos

a alienação é comum: tanto o homem como a mulher vivem num estado de heteronomia, quer dizer, as decisões são tomadas fora de um campo de ação afetivo dos interessados.

Boletim NPC – Existe uma domesticação, por parte da mídia, da imagem da mulher?

Olegária Matos – Eu acho que a mídia pode se valer de uma tentativa de fazer da mulher um ser menos pensante no sentido de menos calculista que o homem. Ela é menos premeditada em termos de carreira, passos que deverão ser dados para chegar a tal posição. Então a mulher pode parecer muito mais desregrada, porque ela é mais passional, entram outros elementos que desagregam ou desestabilizam projetos de poder como um homem determinado em princípio desenvolveria. Agora eu não saberia responder ao certo se essa imagem (da mídia) corresponde a estereótipos, por isso ela não tem força persuasiva. Essas imagens correspondem a uma necessidade de consumo de imagens que é passível para homens e mulheres. /.../

(Fragmento, com adaptação. Site: www.piratininga.org.br,

acessada em 05 de agosto de 2008).

105 - (UFCG PB)

Julgue Verdadeiras (V) ou Falsas (F) as análises dos aspectos sintáticos, semânticos e textuais do trecho em destaque.

Você tem a exploração do corpo feminino que não é nem o corpo da mulher, agora ele é o corpo fetichizado da juventude.

É o corpo eternamente jovem e é um corpo modelado.

I. A repetição do termo “corpo” confere ao enunciado um caráter de informalidade na escrita, sem prejudicar o aspecto informativo, aceitável, em função do ambiente de circulação: a internet.

II. O uso de “agora” empresta ao enunciado uma marca de situacionalidade, com valor de continuidade.

III. O uso de “você” é pertinente, pois a autora não se dirige só ao interlocutor (entrevistadora) mas também ao público (genérico), com o objetivo de garantir a aceitabilidade da opinião defendida.

IV. O encadeamento dos enunciados é marcado por relações de subordinação e de coordenação, e pela repetição de expressões nominais.

A seqüência correta é:

a) VFFV.

b) VFVV.

c) VVFF.

d) FVVF.

e) FFVV.

TEXTO: 44 - Comum à questão: 106

Até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?

Desde que nascemos, estamos mergulhados no mundo da linguagem. Da língua pertencente ao meio em que vivemos. Crescemos dentro da nossa família ouvindo nossos pais. Nosso pensamento, a forma de entendermos as coisas, o mundo, tudo começa, então, a ter sentido pelas palavras, pela linguagem. Construímos, na consciência, uma espécie de "biblioteca" onde depositamos tudo o que é ouvido e entendido. Guardamos idéias, significados, palavras e, com essa "base de dados", nos expressamos e criamos novos sentidos. É como se selecionássemos - pegando na prateleira da biblioteca - palavra por palavra, criando e recriando estruturas de entendimento para a comunicação.

Por que falamos? Por que o homem, diferente dos outros animais, fala? Por que somente nós temos essa faculdade e, até onde se sabe, já impressa em nossa consciência? Poucas pessoas, acredito, têm parado para analisar essas questões. Pesquisas e trabalhos realizados nesse sentido procuram, ainda, respostas precisas para a pergunta "por que o homem fala”. Levando-se em conta

tais pesquisas, percebemos que, em um determinado momento da humanidade, o homem passou a falar. É interessante pensar nessas questões, porque nos perguntamos a partir de quê ou do quê o homem descobriu que possuía, além de outras, a faculdade da linguagem.

Não temos relatos, se é que eles existem, que nos forneçam dados sobre quando o homem começou a falar. Simplesmente falamos. Ao acompanharmos o crescimento de uma criança, notamos como a necessidade de falar é presente na vida humana... O quanto falar faz de nós parte do mundo...! Algumas pesquisas nessa área mostram que, no caso da criança, a primeira palavra murmurada já representa seu ingresso no universo da linguagem e o abandono do estado da natureza. Assim, pode-se dizer que é a linguagem que possibilita a tomada de consciência do indivíduo como entidade distinta. Outra questão que intriga o pensamento e os mistérios da vida é por que falar, viver em sociedade com seres falantes, é quase uma necessidade de sobrevivência. Imaginemos, eu, você, todos nós, sem nos comunicar, sem trocar uma palavra sequer com qualquer pessoa que seja durante toda a vida? Provavelmente morreríamos de angústia...De solidão.

Para a Professora Ana Lúcia C. R. Novelli, autora que trata dessas questões, "a língua são os primeiros traços de identificação da humanidade no homem. Ao se perceber como habitante da linguagem, o homem rompe com o estado inicial da natureza, na qual estão inseridos os animais e os próprios homens ao nascerem, e ingressa no estado de cultura resultante da organização social e do partilhamento da vida em comum”. Segundo essa autora, o homem difere dos animais a partir do momento em que percebe a necessidade do uso da linguagem. Na linguagem e pela linguagem é que "o homem vai se constituir como sujeito. É desta forma que a linguagem, ao viabilizar a relação das pessoas, vai permitir o retorno sobre si como individualidade distinta possibilitando, então, a comunicação inter-humana”. Ou, ainda, "é exatamente em torno da linguagem que o pensamento, a consciência e a reflexão se articulam e possibilitam a organização do mundo pelos homens que, por *isso, se tornam capazes de estabelecer uma relação de autonomia e a sua própria vivência nesse mundo organizado”.*

(Luciana Arruda. http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=199&rv=
Literatura. Acessado em 14/08/2008. Adaptado).

106 - (UPE)

Atendendo a critérios gerais que definem as condições de textualidade do Texto, analise os comentários que são feitos a seguir.

I. Trata-se de um texto expositivo, embora com um grande viés argumentativo. A predominância de verbos no presente do indicativo atesta este caráter de exposição do texto.

II. A finalidade do Texto bem como os interlocutores previstos condicionam o uso de um nível formal de linguagem. Caso se tratasse de um texto falado, o nível de linguagem deveria ser, necessariamente, informal.

III. Uma estratégia para manter a unidade temática do texto pode ser vista na seqüência inter-relacionada dos tópicos: todos convergindo para a idéia de que nós, os humanos, ganhamos nossa identidade e garantimos nossa sobrevivência pela linguagem.

IV. Como recurso argumentativo, as perguntas que aparecem no texto são significativas, uma vez que, por elas, o autor pretende obter respostas para o que ele desconhece no momento da interação.

V. Há marcas visíveis de intertextualidade explícita no texto em análise. O recurso à palavra autorizada de um outro autor dá maior credibilidade às idéias expostas. O uso das aspas atesta essa intertextualidade

São CORRETAS **apenas** as afirmações constantes nos itens:

a) I, III e V.

b) I, III e IV.

c) I e III.

d) II e IV

e) II e V.

TEXTO: 45 - Comum à questão: 107

INSÔNIAS

Carlos Heitor Cony

Um dos argumentos usados para promover a venda de canais a cabo foi o da insônia. A TV dita aberta tinha o hábito de sair do ar por volta das duas da manhã. E alguns canais saíam antes, outros depois.

Aqueles que, por um motivo ou por outro, não estavam dormindo nem fazendo coisa melhor e ligavam o aparelho em busca de alguma coisa para ver ficavam condenados aos chuviscos. Com o advento da TV por assinatura, os insones poderiam dispor de entretenimento, cultura, lazer, o diabo.

Pois sim. Outro dia - aliás, outra noite dessas -, dormi a tarde inteira e, à noite, fiquei sem sono. Fui testar as maravilhas prometidas pelas duas TVs a cabo que aluguei.

Por Júpiter! Nada daquilo me interessava. Não pretendo comprar tapetes, não vou adquirir complicadíssimos aparelhos de malhação, não rezo o terço bizantino, não posso nem quero testar as receitas culinárias oferecidas e demonstradas.

A vida sexual dos golfinhos nunca me interessou e minhas preocupações presentes, passadas e futuras não estão nas grutas pré-históricas do Tibete. Tampouco preciso exorcizar os demônios que me frequentam, convivo bem com todos eles. Mudei o canal para uma cena incompreensível. Dois javalis ou coisas equivalentes disputavam uma fêmea, acho que da mesma espécie. Era um pornô animal narrado cientificamente por um especialista de um instituto canadense.

Apertei mais uma vez o controle remoto e vi um sujeito barbado lendo um texto apocalíptico e anunciando o fim do mundo. Ao contrário de me despertar, deu-me sono letal. E voltei para a cama, donde não deveria ter saído.

107 - (ESCS DF)

O texto apresenta uma estrutura predominantemente:

a) narrativa;

b) descritiva;

c) informativa;

d) publicitária;

e) expositiva.

TEXTO: 46 - Comum à questão: 108

O maiúsculo e o minúsculo

(1) É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas: perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento. Enquanto essas simplificações permanecem nos limites estritos do idiossincrático, parece não haver maiores problemas, afinal cada um acredita naquilo que bem lhe apraz. Contudo, quando essas simplificações ultrapassam tais limites e começam a sustentar ações com repercussão para além do idiossincrático, a situação se torna, no mínimo, preocupante.

(2) É o que tem ocorrido ultimamente com certa discussão em torno da língua. Nessa área, há, sem dúvida, questões maiúsculas a serem enfrentadas. O Brasil precisa desencadear um amplo debate com vista à elaboração de uma nova política linguística para si, superando os efeitos deletérios de uma situação ainda muito mal resolvida entre nós.

(3) Essa nova política deverá, entre outros aspectos, reconhecer o caráter multilíngue do país (o fato de o português ser hegemônico não deve nos cegar para as muitas línguas indígenas, europeias e asiáticas que aqui se falam, multiplicidade que constitui parte significativa do patrimônio cultural brasileiro). Ao mesmo tempo, deverá reconhecer a grande e rica diversidade do português falado aqui, vencendo de vez o mito da língua única e homogênea.

(4) Será preciso incluir, nessa nova política, um combate sistemático a todos os preconceitos linguísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social. E incluir, ainda, um incentivo permanente à pesquisa científica da complexa realidade linguística nacional e à ampla divulgação de seus resultados, estimulando com isso, por exemplo, um registro mais adequado, em gramáticas e dicionários, da norma-padrão real, bem como das demais variedades do português, viabilizando uma comparação sistemática de todas elas, como forma de subsidiar o acesso escolar (hoje tão precarizado) ao padrão oral e escrito.

(5) Apesar de termos essas tarefas maiúsculas à frente, foi uma questão minúscula que, a partir de uma grosseira simplificação dos fatos, acabou por tomar corpo em prejuízo de todo o resto: a presença de palavras da língua inglesa em nosso cotidiano.

(6) Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos nos mostra que, proporcionalmente ao tamanho do nosso léxico (composto por cerca de 500 mil palavras), esses estrangeirismos não passam de uma insignificante gota d'água (algumas poucas dezenas) num imenso oceano.

(7) Mostra-nos ainda mais (e aqui um dado fundamental): muitos deles, pelas próprias ações dos falantes, estão já em pleno refluxo (a maioria terá, como em qualquer outra época da história da língua, vida efêmera).

(Carlos Alberto Faraco. Folha de S. Paulo. 13/05/2001).

108 - (UESPI)

Os parágrafos 3 e 4 do texto têm um desenvolvimento claramente:

a) apelativo.

b) enumerativo.

c) contrastivo.

d) metafórico.

e) narrativo.

TEXTO: 47 - Comum à questão: 109

Síndrome do excesso de informação

O eterno sentimento humano de ansiedade diante do desconhecido começa a tomar uma forma óbvia nestes tempos em que a informação vale mais que qualquer outra coisa. As pessoas hoje parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido para aplacar a sede da humanidade por mais conhecimento.

Como toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca. Seu componente de irracionalidade é irrelevante para quem se sente mal. O escritório de estatísticas da Inglaterra divulgou recentemente uma pesquisa que é ao mesmo tempo um diagnóstico. Cerca de um sexto dos ingleses entre 16 e 74 anos se sente incapaz de absorver todo o conhecimento com que esbarra no cotidiano. Isso provoca tal desconforto que muitos apresentam desordens neurológicas. O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres. Quem foi diagnosticado com a síndrome do excesso de informação tem dificuldade até para adormecer.

O sono não vem, espantado por uma atitude de alerta anormal da pessoa que sofre. Ela simplesmente não quer dormir para não perder tempo e continuar consumindo informações. Os médicos ingleses descobriram que as pessoas com quadro agudo dessa síndrome são assoladas por um sentimento constante de obsolescência, a sensação de que estão se tornando inúteis,

imprestáveis, ultrapassadas. A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim.

O ambulatório de Ansiedade da USP ainda não pesquisa a ansiedade de informação especificamente. Mas tem atendido um número crescente de ansiosos que mencionam como causa de suas apreensões a incapacidade de absorver informações ao ritmo que consideram ideal. “Ler e aprender sempre foi tido como algo bom, algo que devíamos fazer cada vez mais. Não sabíamos que haveria um limite para isso. Está acontecendo com a informação o mesmo que já acontece com o hábito alimentar. Em vez de ficarmos bem nutridos, estamos ficando obesos de informação”, diz Anna Verônica Mautner, psicanalista em São Paulo.

(Cristina Baptista. *Veja*. São Paulo: Abril, set. 2001, Fragmento.)

109 - (UESPI)

Pela composição do texto, podemos chegar à conclusão de que se trata, tipicamente:

a) de uma noticia jornalística – um texto narrativo, portanto.

b) de um manifesto popular – assim, um texto descritivo-apelativo.

c) de um relato pessoal – logo, um texto levemente informativo.

d) de uma exposição – um texto de divulgação, com informações objetivas.

e) de uma crônica – assim, um texto de caráter literário.

TEXTO: 48 - Comum à questão: 110

Os puristas e a mentira do “vale-tudo”

Atenção! Cuidado! Alerta! Não acredite nos puristas que andam declarando nos meios de comunicação que os linguistas são defensores do “vale-tudo” na língua. Esse é mais um dos muitos argumentos falaciosos que eles utilizam para desqualificar os resultados das pesquisas científicas e

as propostas de renovação da pedagogia de língua inspiradas em critérios mais racionais e menos dogmáticos, e em posturas políticas menos intolerantes e mais democráticas.

É claro que, numa perspectiva exclusivamente linguística, de análise da língua em seu funcionamento interno, tudo tem o seu valor. Afinal, como nada na língua é por acaso, então toda e qualquer manifestação linguística está sujeita a regras e tem sua lógica interna: não há razão para atribuir maior ou menor valor à forma linguística A ou à forma linguística B. Seria algo tão inaceitável quanto um zoólogo achar que as borboletas têm maior valor que as joaninhas e que, por isso, as joaninhas devem ser eliminadas... Para o cientista da linguagem, toda manifestação linguística é um fenômeno que merece ser estudado, é um objeto digno de pesquisa e teorização, e se uma forma nova aparece na língua, é preciso buscar as razões dessa inovação, compreendê-la e explicá-la cientificamente, em vez de deplorá-la e condenar seu emprego.

Mas o linguista consciente também sabe que a língua está sujeita a avaliações sociais, culturais, ideológicas, e que precisa também ser estudada numa perspectiva sociológica, antropológica, política etc. Nessa perspectiva, existem formas linguísticas que gozam de maior prestígio na sociedade, enquanto outras – infelizmente – são alvo de estigma, discriminação e até de ridicularização. As mesmas desigualdades, injustiças e exclusões que ocorrem em outras esferas sociais – no que diz respeito, por exemplo, ao sexo da pessoa, à cor da pele, à orientação sexual, à religião, à classe social, à origem geográfica etc. – também exercem seu peso sobre a língua ou, mais precisamente, sobre modos particulares de falar a língua.

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim!* –

São Paulo: Parábola, 2009, p.35-36.

110 - (UFAL)

A análise das características gerais do texto nos permite afirmar que:

1. apesar de ele ser iniciado com trechos apelativos, do ponto de vista funcional, trata-se de um texto expositivo, com argumentação consistente em defesa de um posicionamento teórico.
2. de um ponto de vista semântico, vê-se que há evidente prevalência do sentido conotativo das palavras e expressões nele empregadas, como requer o gênero de texto selecionado.
3. nele, optou-se pela simplicidade vocabular e pela obediência às recomendações da Norma Padrão da língua, sem a utilização de muitas figuras de linguagem que dificultassem sua compreensão.

4. embora, do ponto de vista temático, ele aborde questões referentes à língua, sua função não é privilegiadamente metalinguística; o que sobressai é sua função referencial.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3 e 4
b) 1, 2 e 3, apenas
c) 1, 2 e 4, apenas
d) 1, 3 e 4, apenas
e) 2, 3 e 4, apenas

TEXTO: 49 - Comum à questão: 111

Fila nos bancos

[1]O cliente engravatado sorriu e entregou à simpática caixa do banco um cartão, escrito à máquina: "Vá [2]enchendo a maleta. Comporte-se com naturalidade. Estou segurando uma arma. Obrigado".

[3]Não freqüento agências bancárias, serviço assumido por minha mulher. Perder nas filas tempo que [4]emprego escrevendo resultaria em prejuízo financeiro. No geral a consorte volta exausta e indignada com [5]alguma coisa. A espera, que às vezes começa a quilômetros do guichê, sempre a expõe a alguma convivência [6]desagradável. A impaciência, o lento passo a passo suscitam intimidades. A maioria força o diálogo [7]oferecendo balas, caramelos e biscoitos. "Experimente, são deliciosos." Por educação ela aceitou uma dessas [8]delícias: sofreu na fila mesmo uma cólica violenta, não suporta nada que tenha coco. Uma vovó levava no [9]colo uma criança que amou minha mulher à primeira vista e quis mudar de peito. "Segure ela um pouquinho, [10]gostou da senhora." Embora não houvesse reciprocidade, minha cara-metade foi gentil. Aconteceu [11]exatamente o que vocês estão adivinhando. Ou sentindo o odor.

[12]Mas eu contava a história do ladrão de banco.

[13]A caixa nem olhou para os lados para que o assaltante não pensasse que pedia socorro. Diante dela, [14]o falso cliente mantinha o mesmo sorriso imóvel. A maleta preta já estava aberta sobre o guichê. Hesitou. [15]Então ele parou de sorrir e mexeu o braço armado. Ela depositou o primeiro maço de notas de dez na maleta.

[16]Em época de eleições não é seguro revelar o nome de seu candidato nas filas, diz-me minha mulher. Já vi [17]gente se sair mal por isso. Brigar é uma forma de preencher o tempo. Ela se queixa em especial dos [18]portadores de mau hálito, justamente os chegados às confidências cara a cara. Companheiro de fila para [19]alguns é como padre em confessionário. Mas há coisas piores. Uma tarde minha mulher voltou da agência [20]possessa. Um cavalheiro atrás dela, fumando um charuto, perguntou-lhe: "Não está sentindo um cheiro de [21]queimado"? Distraidamente ele fizera um furo em seu vestido. Sabem quanto me custou a distração?

[22]Além das confissões constrangedoras, também há aquelas correntistas que pedem conselhos – não sobre [23]aplicações. Depois da narração de uma história trágica, perguntam ansiosamente como se a uma velha amiga: [24]"Em meu lugar o que a senhora faria? Devo fazer isto ou aquilo? Devo permitir que minha filha saia com [25]ele?". Outro dia minha mulher chegou em casa trêmula. Uma mãe desesperada, da qual nem lembrava, [26]acercara-se dela, ameaçadoramente, no banco: "Fiz o que aconselhou e sabe qual foi o resultado? Minha [27]filhinha há três meses desapareceu com o cafajeste..."

[28]Mas eu contava a história do ladrão de banco.

[29]A caixa foi colocando os maços de dinheiro dentro da maleta preta. Lentamente, o que irritava o [30]assaltante. Atrás dele a fila crescia. E a fila ao lado também. O assalto praticado por um homem só porém [31]prosseguia, a cada segundo mais tenso em meio ao movimento da agência, protegida por guardas fardados.

[32]– O mais chato são certos encontros – garantiu minha mulher. – Gente que não vemos há décadas e das [33]quais nem lembramos mais.

[34]Como a saudade atua nos músculos! Ela mostrou-me o vestido amassado. Uma vizinha de infância, [35]pesando uns 80 quilos, quase a matara comprimindo-a entre os braços. Isso enquanto lambuzava-lhe o rosto [36]com beijos prolongados. Até seus cabelos ficaram em estado lamentável. Despregou-se um botão. Nada mais [37]inconveniente que topar com antigos conhecidos em hora errada!

[38]Mas eu contava a história do ladrão de banco.

[39]Subitamente um cavalheiro aproximou-se do assaltante com um palmo de sorriso. Colocou-se entre ele e [40]a moça.

[41]– Batista, você! Há quanto tempo! Ainda esta semana conversei com seu tio no supermercado! Me dê um [42]abraço, amigão! Mas, o que é isso? Vai sair por aí com esse baú cheio de dinheiro? Não tem medo de ladrões, [43]não?

[44]Batista olhou para o chão mas não viu buraco algum para esconder-se.

[45]A caixa, sorrindo, ao amigo dele:

[46]– Seu Batista não vai sair com esse dinheiro, não; ele veio depositar...

REY, Marcos. Fila nos bancos. *In*: **O coração roubado e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 2003, p. 43-45. (Para Gostar de Ler, v. 19)

111 - (UFPB)

O texto “Fila nos bancos” caracteriza-se como um (uma):

a) crônica que apresenta sequências narrativas, relatando situações do dia a dia nos bancos.

b) crônica literária cujo narrador, apresentando-se em terceira pessoa, relata situações vivenciadas por cliente de bancos.

c) artigo de opinião, em que o autor se restringe a criticar a falta de segurança nos bancos.

d) crônica tipicamente jornalística, visto que os fatos são relatados com imparcialidade.

e) conto literário cujo narrador é o personagem principal.

TEXTO: 50 - Comum à questão: 112

Tinha virado rotina. Os moradores de Karnataka, estado da Índia, sabiam a dor de cabeça que dava oficializar a compra ou a venda de um terreno. O registro dependia sempre de um contador público – e também de um suborno. O “agradinho” variava entre o equivalente a R$ 4 e R$ 400, de acordo com a necessidade do morador. (Vale lembrar: 75% da população indiana vive com menos de R$ 4 por mês.) Era assim até o fim dos anos 90, quando o governo informatizou o processo.

Quiosques eletrônicos foram instalados nas vilas, e é por eles que os moradores agora registram seus pedidos. Os subornos acabaram. Tudo o que o pessoal paga são cerca de R$ 0,60 pelo registro eletrônico. E a fila anda como deveria.

O que os indianos descobriram não é nada de outro mundo: a tecnologia é capaz de sufocar a corrupção. E com só dois golpes: transparência e desburocratização.

É fácil entender por quê. Basta lembrar de um escândalo legitimamente brasileiro. Certo político influente mexeu seus pauzinhos e descolou um emprego público pra parentes – graças a nomeações secretas. Atos como esses, selados e mantidos a portas fechadas, são o habitat natural da corrupção. "Quanto mais informações sobre a gestão tivermos, menor o nível de práticas corruptas", diz Daniel Kaufmann, ex-diretor do Instituto Banco Mundial e especialista no assunto. Ou seja: em uma gestão aberta, fica mais fácil tirar do jogo políticos que assim agem.

(Eduardo Szklarz, *SUPER Interessante*, outubro de 2009. Adaptado)

112 - (UFTM MG)

Assinale a alternativa correta.

a) O primeiro parágrafo é de caráter predominantemente dissertativo e contém a tese que será defendida nos demais.

b) O segundo parágrafo é predominantemente narrativo e dedica-se à exposição da hipótese que o autor deseja demonstrar.

c) O primeiro e o terceiro parágrafos expõem argumentos baseados em exemplos e em testemunho especializado, para sustentar as teses do texto.

d) O elemento temático que vincula os três parágrafos é a falta de habilidade política para lidar com escândalos e burocracia.

e) O terceiro parágrafo é de natureza eminentemente descritiva, apontando as consequências de fatos narrados nos parágrafos anteriores.

TEXTO: 51 - Comum à questão: 113

Legado aos nossos filhos

Uma importante empresa financeira me chamou para falar com alguns clientes. Não sobre finanças, pois eu os arruinaria, mas sobre algum tema “humano” — no meio da crise queriam mudar de assunto. Uma sugestão de [5]tema que me deram foi: “O que esperamos de nossos filhos no futuro”. Como acredito que pensar é transgredir, falei sobre “o que estamos deixando para nossos filhos”. [...]

O mundo avança em vertiginosas transformações, e [10]não é só nas finanças ou economia mundiais: ele se transforma a todo momento em nossos usos e costumes, na vida, no trabalho, nos governos, na família, nos modelos que nos são apresentados, em nossa capacidade de fazer descobertas, no progresso e na decadência.

[15]O que nos enche de perplexidade, quando o assunto é filhos, é a parte de tudo isso que não conseguimos controlar, que é maior do que a outra. Se há 100 anos a vida era mais previsível — o pai mandava e o resto da família obedecia, o professor e o médico tinham autoridade [20]absoluta, os governantes eram nossos heróis e havia trilhas fixas a ser seguidas ou seríamos considerados desviados —, hoje ser diferente pode dar status.

Gosto de pensar na perplexidade quanto ao legado que podemos deixar no que depende de nós. Que não é [25]nem aquele legado alardeado por nossos pais — a educação e o preparo — nem é o valor em dinheiro ou bens, que se evaporam ao primeiro vendaval das finanças ou na política. A mim me interessam outros bens, outros valores, os valores morais. O termo “morais” faz arquear [30]sobrancelhas, cheira a religiosidade ou a moralismo, a preconceito de fariseu. Mas não é disso que falo: moralidade não é moralismo, e moral todos temos de ter. A gente gosta de dizer que está dando valores aos filhos. Pergunto: que valores? Morais, ora, decência, ética, [35]trabalho, justiça social, por exemplo. É ótimo passar aos filhos o senso de alguma justiça social, mas então a gente indaga: você paga a sua empregada o mínimo que a lei exige ou o máximo que você pode? Penso que a maioria de nós responderia não à segunda parte da pergunta. [40]Então, acaba já toda a conversa sobre justiça social, pois tudo ainda começa em casa e bem antes da escola.

Não adianta falar em ética, se vasculho bolsos e gavetas de meus filhos, se escuto atrás da porta ou na extensão do telefone — a não ser que a ameaça das drogas [45]justifique essa atitude. Não adianta falar de justiça, se trato miseravelmente meus funcionários. Não se pode falar em decência, se pulamos a cerca deslavadamente, quem sabe até nos fanfarronando diante dos filhos homens: ah, o velho aqui ainda pode! Nem se deve pensar em respeito, [50]se desrespeitamos quem nos rodeia, e isso vai dos empregados ao parceiro ou parceira, passando pelos filhos, é claro. Se sou tirana, egoísta, bruta; se sou tola, fútil, metida a gatinha gostosa; se vivo acima das minhas possibilidades e ensino isso aos meus filhos, o efeito sobre [55]a moral deles e sua visão da vida vai ser um desastre.

[...] Gosto da historinha verdadeira de quando, esperando alguém no aeroporto, vi a meu lado uma jovem mãe com sua filhinha de uns 5 anos, lindas e alegres. De repente, olhando para as pessoas que chegavam atrás [60]dos grandes vidros, a perfumada mãe disse à pequena: "Olha aí o boca-aberta do seu pai".

Nessa frase, que ela jamais imaginaria repetida num artigo de revista ou em palestras pelo país, a moça definia seu ambiente familiar. Assim se definem ambientes na [65]escola, no trabalho, nos governos, no mundo. Em casa, para começar. O palavrório sobre o que legaremos aos nossos filhos será vazio, se nossas atitudes forem egoístas, burras, grosseiras ou maliciosas. O resto é conversa fiada para a qual, neste tempo de graves assuntos, não temos [70]tempo.

LUFT, Lya. Legado aos nossos filhos. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2082, ano 41, n. 41, p. 24, 15 out. 2008. Adaptado

113 - (UNEB BA)

A proposição que contém uma afirmação correta sobre a linguagem do texto é a

01. O discurso constitui um exemplo do uso predominante da linguagem regional.
02. A elocução do discurso da articulista contempla o uso da linguagem coloquial.
03. O discurso é tecido a partir de outro discurso de sentido ambíguo da própria articulista.
04. A impessoalidade do texto pode ser observada pela maneira como a autora se refere à família em geral.
05. A articulista expressa-se por meio da língua considerada padrão, com objetivo primeiro de informar.

TEXTO: 52 - Comum à questão: 114

Considere o seguinte texto de Vinicius de Moraes:

[1]A casa materna é o espelho de outras, [2]em pequenas coisas que o olhar filial admirava [3]ao tempo em que tudo era belo: o licoreiro [4]magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. E [5]tem um corredor à escuta, de cujo teto à noite [6]pende uma luz morta, com negras aberturas [7]para quartos cheios de sombra. [...]

[8]Na escada há o degrau que estala e [9]anuncia aos ouvidos maternos a presença dos [10]passos filiais. Pois a casa materna se divide [11]em dois mundos: o térreo, onde se processa a [12]vida presente, e o de cima, onde vive a [13]memória. [...] Em cima ficam os guardados [14]antigos, os livros que lembram a infância, o [15]pequeno oratório em frente ao qual ninguém, a [16]não ser a figura materna sabe por que queima [17]às vezes uma vela votiva. E a cama onde a [18]figura paterna repousava de sua agitação [19]diurna. Hoje, vazia.

MORAES, Vinicius de (1984). *Para viver um grande amor*.

18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio.

114 - (UNIFOR CE)

A respeito da construção do texto, pode-se considerá-lo

a) predominantemente descritivo, de caráter memorialista.

b) dissertativo, de caráter puramente informativo e memorialista.

c) dissertativo, de fundo argumentativo, em linguagem impessoal.

d) narrativo, embora tenha um propósito argumentativo.

e) narrativo, tendo como personagem principal a casa paterna.

TEXTO: 53 - Comum à questão: 115

As condições de bem-estar e de comodidade nos grandes centros urbanos são reconhecidamente precárias por causa, sobretudo, da densa concentração de habitantes num espaço que não foi planejado para alojá-los. Com isso, praticamente todos os pólos das estruturas urbanas ficam afetados: o trânsito é lento; os transportes coletivos, insuficientes; os estabelecimentos de prestação de serviços, ineficazes.

Um exemplo disso é São Paulo, às sete da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta de mesas. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. De repente, uma escuridão total cai sobre todos como uma espessa lona opaca de um grande circo. Os veículos acendem os faróis altos, insuficientes para substituir a iluminação anterior. Em pouco tempo, as ruas ficam desertas, o medo paira no ar...

115 - (UEL PR)

Com base nos conhecimentos sobre o tema, é correto afirmar que o texto é predominantemente

a) injuntivo, pois apresenta inicialmente um argumento baseado no consenso e máximas aceitas como verdadeiras.

b) narrativo, uma vez que busca fazer um relato a respeito da vida na grande capital, São Paulo.

c) dissertativo, pois expõe ideias gerais, seguidas da apresentação de argumentos que as comprovam.

d) preditivo, pois é desenvolvido para permitir que o leitor preveja sobre o que tratará o texto.

e) descritivo, pois recria o ambiente, ou seja, o espaço, apresentando as suas características.

TEXTO: 54 - Comum à questão: 116

Crítica: O dia em que a Terra parou

[1]O *remake O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. O primeiro *O dia em que a Terra parou*, dirigido por Robert Wise, rodado em 1951, foi um apelo ao fim da Guerra Fria. O recente, dirigido por Scott Derrickson, um apelo ao desmatamento, guerras insanas, violência, etc. O que muitos [5]não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates. Relevante no aspecto “conscientização”, mas infantil em outros. Os efeitos especiais são incríveis, e o gigante robô biológico Gort, que acompanha o alienígena Klaatu, mesmo sem

pronunciar palavra e ficando estático quase todo o tempo, dá um show. O pequeno Jaden Smith, filho do ator Will Smith, fez boa interpretação, e tenho certeza do promissor sucesso. Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra [10]falar deste gênero. Confesso que, em "longos" momentos, o filme foi parado: sem ação alguma. Já no termo da lógica: se realmente existirem alienígenas, será que se preocupariam com o nosso planeta? Por quê? Acredito que não. O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking. Por que se interessariam em salvar justamente o nosso?

[15]No filme, o alienígena Klaatu, diferente do que parece, não tem boas intenções com os seres humanos. Sua única intenção é salvar o planeta Terra de nós, que o estamos destruindo aos poucos, o que não deixa de ser verdade.

Interessante, com menos ação e violência que *Guerra dos mundos*, mas igualmente impactante. Recomendo.

Ademir Pascale

www.cranik.com

116 - (UERJ)

O texto oferece ao leitor informações sobre o filme filtradas pelo autor e somadas às suas avaliações pessoais.

Esse recurso linguístico, próprio das resenhas, está mais bem exemplificado em:

a) O *remake O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. (ref. 1)

b) O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates. (ref. 1–5)

c) Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra falar deste gênero. (ref. 5–10)

d) O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking. (ref. 10)

TEXTO: 55 - Comum à questão: 117

A fôrma e as ideias

Restringe-se quase apenas à classe dos linguistas a expectativa pela estreia, hoje, de mais uma reforma ortográfica no Brasil. As mudanças por ora são ignoradas pela maioria da população brasileira e terão impacto reduzido no cotidiano: a cada mil palavras utilizadas, cinco serão alteradas.

Pensado para unificar a linguagem escrita nos países lusófonos, o Acordo Ortográfico produz muito barulho por quase nada. Seu impacto estará concentrado na burocracia diplomática – não será mais necessário “traduzir” documentos para as diversas grafias nacionais do idioma – e no mercado editorial, que vai movimentar-se nos próximos anos para adaptar livros e dicionários ao novo padrão.

A ortografia que está sendo substituída não constitui barreira para a compreensão de textos escritos no padrão de outro país. Dificuldades maiores são oferecidas pela construção das frases e pelo vocabulário mobilizado nas diversas regiões em que se fala o idioma.

Somente a experiência da leitura sistemática e a exposição constante a textos e tradições nacionais, regionais e históricas diversas podem levar à superação desses obstáculos. A nova ortografia altera algumas fôrmas das ideias, jamais seu conteúdo.

Folha de S. Paulo, 01/01/2009. Adaptado.

117 - (FGV)

Indique, no quadro, as características predominantes do texto, quanto aos aspectos relacionados:

	Conteúdo	Estilo	Gênero
a)	informativo	prolixo	reportagem
b)	científico	complexo	artigo científico
c)	expositivo	literário	crônica
d)	opinativo	conciso	editorial
e)	irreverente	coloquial	carta de leitor

TEXTO: 56 - Comum à questão: 118

Texto I



Disponível em: <http//images.google.com.br/>. Acesso em: 5 abr. 2010.

Texto II

Vencedor de Cannes, “Entre os muros da escola”, retrata cotidiano de estudantes franceses

Em uma escola francesa, na periferia de Paris, reúnem-se jovens de origens, etnias, religiões e hábitos muito diferentes. Como Wei, imigrante chinês estudioso e fã de games; Souleymane, filho de imigrantes malineses desinteressado nas aulas, mas com um talento secreto para a fotografia; e Esmeralda, a garota rebelde que só usa gírias durante a classe, mas lê Platão nas horas vagas. Com

o giz na mão e a árdua tarefa de atrair a atenção e ensinar francês aos garotos está o professor François Marin, dedicado e apaixonado pelo ofício, mas visivelmente frustrado com a dificuldade de lidar com a falta de interesse da turma. É em torno da relação conflituosa criada na sala de aula que gira o filme de Laurent Cantet.

Os alunos de Marin são uma espécie de síntese da França atual. Filhos de imigrantes asiáticos, árabes e africanos, não se reconhecem nem como franceses nem como estrangeiros e transitam numa espécie de limbo de identidade. Do outro lado, os professores também não sabem como reagir à apatia e à falta de disciplina dos alunos. E enquanto o assunto é discutido exaustivamente em reuniões a portas fechadas, a escalada da violência na sala de aula aumenta.

Vencedor da Palma de Ouro em Cannes no ano passado, o filme é baseado no livro homônimo de François Bégaudeau – que também vive o protagonista do filme e assina o roteiro – sobre sua experiência como professor em Paris.

Apesar de ser uma ficção, a fita tem um tom documental. Com fotografia discreta e sem trilha sonora, toda a ação se passa dentro da escola.

Os personagens são interpretados por alunos e professores da escola onde foi feita a filmagem.

Para ter mais agilidade, Cantet optou pelo uso de câmeras digitais, que registraram minuciosamente gestos e expressões dos garotos.

Partindo de um roteiro inicial genérico, as cenas e os diálogos foram ganhando forma ao longo desse processo, com a participação dos adolescentes e dos professores.

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 9 mar. 2009, p. 3.
Folhateen. Cinema. (Adaptado).

118 - (UFG GO)

Por se tratar de uma resenha jornalística, o autor do texto II avalia o filme recorrendo ao uso de

a) ironia a respeito da crise política vivenciada pelo sistema educacional francês.

b) dados que evidenciam o abismo sociocultural existente na sociedade francesa atual.

c) informações acerca do conflito de gêneros e do papel do professor.

d) notícias sobre a estreia do filme no festival de Cannes no ano de 2009.

e) espaços diferentes que marcam a ambientação das cenas do filme.

TEXTO: 57 - Comum à questão: 119

A senhora imagine, por favor. Eu tinha dezenove anos. Podia ter mais ou menos, podia ter quinze ou quarenta, essa questão do tempo já não se resolve mais do modo normal para mim, nem me preocupo em saber quantos anos tenho hoje, pode arriscar um palpite, se quiser, pouco me importa, sei que tinha dezenove anos porque a data ficou marcada em vermelho naquele calendário ali, na parede, veja. Aliás, devia rasgar isso, vou rasgar, pronto, rasguei, pode conferir, rasguei o calendário, **apaguei o tempo** assim, num **passe de mágica**, agora não saberemos nada do passado remoto, anterior à data marcada naquele ex-calendário, em breve não nos lembraremos mais sequer de que dia é hoje, em que ano estamos, vou fazê-la esquecer de tudo, em breve seremos quase eternos.

Era uma noite fria, eu estava no metrô, voltando do cinema, não devia ser muito tarde, dez e meia, onze horas, estava com sono, como sempre me acontecia ao sair do cinema, agora não vou mais ao cinema, há milênios não vejo um filme. [...]

Havia pouca gente no metrô, eu estava sentado sozinho numa fileira de bancos duplos, encostado à janela, não queria pensar em nada, ver nada, só queria ficar quieto, feito um **cão sob a marquise** num dia de chuva, enroscado em si mesmo, se aquecendo, eu não pensava em nada, via o escuro do túnel pela janela do metrô e os anúncios nas estações quando o trem parava, anúncios gigantes, luminosos. Um deles era de uma churrascaria e **fiquei puto,** desculpe o linguajar, sei que não gosta desses termos chulos, mas fiquei muito puto quando vi aquele anúncio, um espeto enorme, com a carne sangrando. Senti uma dor na **boca do estômago**, estava com fome, naquele dia só tinha almoçado, e mal, não tinha um centavo no bolso, só conseguiria algum dinheiro no dia seguinte e o dia seguinte ainda demoraria horas para chegar, aquela foto me acertou um direto na barriga, o cara que botou aquilo ali acabara de me dar um soco, o **filho da puta**, perdão.

[…] Eu às vezes abordava uns turistas e os mais ingênuos acabavam me aceitando como guia, o que me rendia alguns trocados, vez ou outra ajudava num bar perto de onde eu morava, servia os fregueses, ajudava no balcão quando um funcionário faltava, também trabalhei distribuindo na rua aqueles panfletos de propaganda, na Saara, fazia coisas desse tipo, **bicos**, nada muito sério, na verdade minha principal fonte de renda, digamos assim, vinha dos livros que eu vendia para os sebos e, vez ou outra, para algum colecionador.

Os livros eu roubava das bibliotecas. Era um ladrão de livros, **ladrãozinho de terceira categoria** mas ladrão, roubava de bibliotecas públicas, ou de universidades, vez ou outra arriscava uma livraria também, era um trabalho agradável, se me permitir que chame de trabalho aquele exercício de mudar **o endereço dos livros.** Meu ganho era mínimo, **uma ninharia**, mas meus gastos também

eram mínimos, de modo que aquilo era o suficiente pelo menos para me manter vivo, e naquela época eu não queria muito mais do que isso, estar vivo.

CARNEIRO, Flávio. *A confissão.* Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 11–14.(Adaptado).

119 - (UFG GO)

Com base no trecho do romance *A Confissão*, pode-se reconhecer como características discursivas do texto

a) a descrição do tempo e do espaço, a narração fragmentada de fatos comuns no cotidiano das pessoas e a apresentação de apenas um eixo de conflito, tal como requer o gênero.

b) a representação cronológica de fatos e experiências, a desvalorização das sensações das personagens e a agilidade narrativa ao apresentar as ações do narrador.

c) a preocupação com o uso da variedade regional, a definição de traços socioculturais identificadores das personagens e a narração das lembranças em segundo plano.

d) a narração de acontecimentos particulares, a descrição de sensações e experiências e as escolhas lexicais que marcam a preocupação do narrador em relação ao seu interlocutor.

e) a utilização do fluxo de consciência, o uso do monólogo interior para expressar os vários estados de espírito vivenciados por outras personagens e o apagamento das marcas de interlocução.

TEXTO: 58 - Comum à questão: 120

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada

seria.

É só o amor, é só o amor.

Que conhece o que é verdade.

O amor é bom, não quer o mal.

Não sente inveja ou se envaidece.

O amor é o fogo que arde sem se ver.

É ferida que dói e não se sente.

É um contentamento descontente.

É dor que desatina sem doer.

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada

seria.

É um não querer mais que bem querer.

É solitário andar por entre a gente.

É um não contentar-se de contente.

É cuidar que se ganha em se perder.

Legião Urbana - CD As quatro estações. São Paulo: EMI-Music 1989.

120 - (UNIFOR CE)

Na letra da canção *Monte Castelo*, gravada pelo grupo Legião Urbana, em 1989 , há um recurso de textualidade bastante evidente denominado

a) Transdiscursividade.

b) Focalização.

c) Situacionalidade.

d) Intertextualidade.

e) Transtextualidade.

TEXTO: 59 - Comum à questão: 121

EX-MARIDO MATA MULHER E LEVA CORPO PARA MÃE

[01]Dia das mães e o coração de dona F. L. [02]ficou angustiado ao ver o corpo da filha sendo [03]jogado em seus pés. J. S., 23, foi morta com um [04]golpe de faca, pelo ex-marido identificado como [05]M. O. R., 23, que não pensou em deixar seus [06]dois filhos órfãos de mãe. O crime aconteceu na [07]manhã desse domingo (9), na rua T. S., bairro J. [08]C., depois de uma discussão entre os dois.

[09]As testemunhas informaram à Polícia que [10]o casal estava em um bar próximo à residência [11]deles quando iniciaram uma briga e, logo em [12]seguida, M. matou a jovem. A família de J. [13]relatou que o assassino, depois de matá-la, foi [14]entregar, com maior frieza, o corpo da vítima na [15]residência da mãe dela e, em seguida, fugiu. [16]Segundo os parentes de J., ele chegou com a [17]jovem nos braços e a jogou no chão, na casa da [18]mãe. Dona F. presenciou a filha morrendo, pois [19]ela ainda respirava com dificuldade quando ele a [20]deixou, como se tivesse lutando para conseguir [21]sobreviver.

121 - (UNIFOR CE)

O texto da notícia, da forma como está redigido, se classifica como

a) narrativo.

b) descritivo.

c) dissertativo informativo.

d) dissertativo argumentativo.

e) narrativo e dissertativo.

TEXTO: 60 - Comum à questão: 122

TEXTO 1

Conosco ninguém pode

João Ubaldo Ribeiro

Achei meio esquisito sentar-me ao lado de uma moça usando máscara, como pareciam estar todos os passageiros vindos da Argentina. Pronto, o avião não passava de uma enorme incubadora de vírus, prestes a engolfar-se numa gripe que poderia me levar ao túmulo.

Desci em Salvador já sentindo os primeiros sintomas, embora, justiça seja feita, a mão do Ministério da Saúde se fizesse presente.

Mal me acomodei, dirigi-me ao centro da cidade, mais precisamente ao bar de Espanha. Sim, eu tinha corrido o risco de ser infectado, mas o importante mesmo era a possibilidade de que, pela ação insidiosa das Parcas, eu viesse a ser o introdutor da gripe suína em minha terra. Era imperioso advertir coletividade sobre o possível perigo que minha presença significava e fiquei aliviado quando o primeiro que encontrei foi meu grande amigo Gugu Galo Ruço.

– Não há nenhum motivo para preocupação – me disse ele, quando o pus a par de meus receios. – Não esquente, você está em Itaparica.

– Eu sei, mas nem Itaparica é imune a esse vírus.

– Aí é que você se engana. Nós não somos imunes, mas rechaçaremos o vírus. Existe terra mais patriótica do que Itaparica?

– Não, não existe.

– Pois então? – disse ele. – Nós botamos o nosso vírus para liquidar com o deles. O nosso é o vírus do Ipiranga, está no hino, não esquente.

In: O ESTADO de S.Paulo, 05/07/ 2009 [adaptado].

TEXTO 2

DESCOBERTAS

Dois resfriados de uma vez

Anahad O'Connor

O rinovírus que causa a maior parte dos resfriados tem muitas linhagens – mais precisamente, ao menos 99. Em função disso, teoriza-se há muito tempo que uma pessoa pode adoecer com mais de um tipo de resfriado ao mesmo tempo. **Mas** os estudos feitos com o resfriado comum revelaram alguns dados surpreendentes.

Em estudo publicado na "Science", pesquisadores demonstraram que, **quando** uma pessoa é infectada com duas linhagens do vírus, estas podem se unir e trocar material genético – processo chamado de recombinação, que pode levar ao surgimento acelerado de novas linhagens.

Cientistas na China acompanharam 64 crianças resfriadas **e** encontraram evidências de eventos de recombinação e de algo que chamaram de "infecções triplas": crianças que apresentavam tanto uma variedade de resfriado quanto outros vírus respiratórios, como a influenza (gripe) ou o adenovírus. Em última análise, **porém**, apenas uma parcela muito pequena delas apresentava várias linhagens de rinovírus.

Não há indícios de que as duas linhagens de resfriado resultem em sintomas mais graves ou mais prolongados.

In: FOLHA de S.Paulo/ The New York Times 30/11/2009.

122 - (UFABC SP)

Nos textos 1 e 2, quais os propósitos comunicativos dos autores e de que características lingüísticas eles se valem para atingir tais propósitos?

a) Texto 1: por se tratar de uma crônica, mostra um fato, com comentários supostamente sem relevância, dos quais se depreende uma visão pessoal, mas crítica, fazendo uso de ocorrências típicas da oralidade para se aproximar do leitor.

Texto 2: por ser matéria de divulgação científica, discute uma pesquisa científica, fazendo uma reflexão sobre o posicionamento da instituição jornalística em relação à descoberta de natureza científica, com uma linguagem formal.

b) Texto 1: por ser uma fábula, narra episódios fictícios vivenciados pelo narrador com comentários supostamente sem relevância, dos quais se depreendem marcas subjetivas do produtor para uma maior aproximação do leitor.

Texto 2: por ser uma matéria que divulga uma descoberta de natureza científica, explicita didaticamente aspectos que, em geral, não são do conhecimento dos leitores leigos, valendo-se de linguagem informal.

c) Texto 1: por ser um artigo de opinião, discute fatos atuais, critica assuntos à primeira vista não importantes, mas revela a opinião do autor, estabelecendo vínculo com o leitor, por meio de recursos da modalidade escrita.

Texto 2: por ser um artigo científico, leva ao leitor informações de natureza científica, respondendo a necessidades sociais, por meio de uma linguagem descomplicada.

d) Texto 1: por ser uma crônica, narra eventos cotidianos atuais, privilegia temas relevantes para a sociedade com postura objetiva do produtor, valendo-se de recursos da escrita na oralidade para estabelecer uma ligação mais próxima com o leitor.

Texto 2: por ser um artigo de divulgação científica, explana detalhes de uma pesquisa científica com o objetivo de familiarizar o leitor do jornal com o assunto de natureza científica por meio de uma linguagem formal e hermética.

e) Texto 1: por ser uma crônica, narra episódios cotidianos da atualidade, comenta assuntos aparentemente sem grande importância, com visão subjetiva e crítica do autor, apresentando mecanismos que simulam a oralidade na escrita para estabelecer maior proximidade com o leitor.

Texto 2: por ser uma matéria de divulgação científica, noticia ao leitor leigo uma pesquisa científica com o objetivo de familiarizá-lo com o assunto, propiciando-lhe informações do universo científico por meio de uma linguagem acessível.

TEXTO: 61 - Comum à questão: 123

Texto 1

o livro como fresta

é certo

que um livro

quando se deságua

a tinta negra de suas páginas

além de suas quatro margens

um rio que escorre letras

metáforas que rompem diques

pelo postigo

de quem escreve

tudo – olhos, sóis, lentes –

na vigília, nas insônias

: o universo às escâncaras

além, nos telescópios

tudo o que a vista desalcança

– os minimundos vazios –

diante de uma veneziana

entreaberta

PEREIRA, Luís Araujo. *Minigrafias*. Goiânia: Cânone, 2009. p. 19.

Texto 2

Livros de biblioteca instalada em favela inspiram músicas

Anderson Aparecido Bandeira da Silva, 16, ficou conhecido no Jardim Panorama, favela da zona oeste de São Paulo bem ao lado do shopping Cidade Jardim, por seus *raps*, que tratavam, quase sempre, da violência.

A fonte de inspiração do garoto apelidado MC Guri, no entanto, mudou completamente há cerca de um ano, quando ele passou a frequentar a biblioteca comunitária da região onde mora.

A partir da leitura de um livro cujo tema central é a lembrança – ironia: ele não se lembra do nome do livro –, fez uma música para três pessoas queridas que perdeu.

Em casa, MC Guri não tem nenhum livro de leitura, "só os que uso para a escola". Mas sua presença na biblioteca comunitária é assídua. Tudo para manter fresco o novo repertório que apresenta em shows feitos em comunidades pobres da região.

Os versos de MC Guri, que está no 9o ano do ensino fundamental, passaram de "E olha o Panô aí de novo / botando a chapa quente" para "A favela não é a mesma / se liga no meu papo / porque se foram embora / Paulinho, Kevin e Renato" – estes últimos versos são da primeira música sob a influência dos livros, em homenagem a três vizinhos que morreram, um deles por culpa da dengue.

Os quadrinhos foram a porta de entrada de MC Guri para a literatura. Depois, vieram os livros de aventura. Hoje, ele lê até poesias.

Além da mudança de tom das letras, houve ainda uma mudança no ritmo. MC Guri trocou a batida do *rap* pela do *funk*, para combinar mais com a sua nova fase.

REWALD, Fabiana. Livros de biblioteca instalada em favela inspiram músicas**.**
Folha de S. Paulo, S. Paulo, 13 set. 2010. p. C5. Cotidiano.

123 - (UFG GO)

No terceiro parágrafo do Texto 2, há uma alteração na sequência discursiva. Essa alteração e o modo como ela se realiza são, respectivamente,

a) digressão – suspensão da narrativa.

b) fluxo de consciência – retomada dos fatos relatados em primeira pessoa.

c) preterição – negação explícita do tema central das músicas.

d) descrição – exposição minuciosa da cena retratada.

e) *flashback* – interrupção do tempo presente com retorno ao passado.

TEXTO: 62 - Comum à questão: 124

Texto 5

[...]

O povo em São Saruê

tudo tem felicidade

passa bem anda decente

não há contrariedade

não precisa trabalhar

e tem dinheiro a vontade (sic)

Lá os tijolos das casas

são de cristal e marfim

as portas barras de prata

fechaduras de “rubim”

as telhas folhas de ouro

e o piso de cetim

Lá eu vi rios de leite

barreiras de carne assada

lagoas de mel de abelha

atoleiros de coalhada

açudes de vinho do porto

montes de carne guisada

As pedras em São Saruê

são de queijo e rapadura

as cacimbas são café

já coado e com quentura

de tudo assim por diante

existe grande fartura

Feijão lá nasce no mato

maduro e já cozinhado

o arroz nasce nas várzeas

já prontinho e dispolpado [sic]

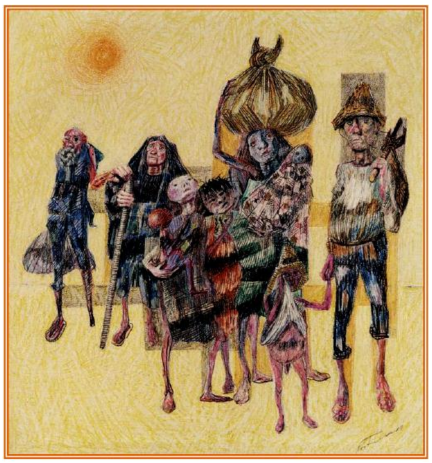
peru nasce de escova

sem comer vive cevado

[...]

SANTOS, Manoel Camilo dos.*Viagem a São Saruê*. MEC/PRONASEC RURAL - SEC/PB/UFPB/FUANPE, 1981.

Texto 6



PORTINARI – Retirantes – 1955. Disponível em: <http://alegriarte.blogspot.com/2008_09_01_archive.html>. Acesso em: 15 jun. 2010.

124 - (UFRN)

Com relação ao **texto 5**, evidencia-se

a) a predominância, na segunda estrofe, do modo narrativo de organização textual, próprio da tradição oral de um povo.

b) a importância do cordel como manifestação cultural, por ser uma fonte de preservação da memória e da identidade de um povo.

c) a expressão de um ponto de vista imparcial do sujeito frente à realidade regional por ele apresentada nesse texto.

d) a descrição da fartura de alimentos resultante do trabalho coletivo do povo de São Saruê.

TEXTO: 63 - Comum à questão: 125

O que é escrita?

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida cotidiana, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia a dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.).

Alguém afirmou que “hoje a escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães e dos eruditos. [...] A prática da escrita, de fato, se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica”.

Que a escrita é onipresente em nossa vida já o sabemos. Mas, afinal, “o que é escrita?” Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural).

Como é de nosso conhecimento, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas, que nos propiciam diferentes modos de responder a questão em foco. Basta pensarmos, por exemplo, nas investigações existentes, segundo as quais a escrita ao longo do tempo foi e vem-se constituindo como um produto sócio-histórico-cultural, em diferentes suportes (livros, jornais, revistas) e demandando diferentes modos de leitura. Basta pensarmos no modo pelo qual ocorre o processo de aquisição da escrita. Basta pensarmos no modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimento e o uso de várias estratégias no curso mesmo da produção do texto.

Apesar da complexidade que envolve a questão não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia a dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”;

"escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados)"; "escrita é expressão do pensamento" no papel ou em outro suporte; "escrita é domínio de regras da língua"; "escrita é trabalho" que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor.

Essa pluralidade de resposta nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

(Ingedore Villaça Koch. Vanda Maria Elias. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 31-32. Adaptado.)

125 - (UESPI)

O texto, para ser globalmente compreendido com sucesso requer que o reconheçamos como um texto:

a) descritivo, com a explicitação dos detalhes de um dado objeto.

b) narrativo, com cenários, personagens, eventos, conflitos e desfecho.

c) expositivo, com a análise e a síntese de elementos conceituais.

d) dissertativo, à volta de uma ideia, argumentos e contra-argumentos.

e) instrucional, com apresentação de prescrições e ações ordenadas em sequência.

TEXTO: 64 - Comum à questão: 126

A revolução digital

Texto e papel. Parceiros de uma história de êxitos. Pareciam feitos um para o outro.

Disse “pareciam”, assim, com o verbo no passado, e já me explico: estão em processo de separação.

Secular, a união não ruirá do dia para a noite. Mas o divórcio virá, certo como o pôr-do-sol a cada fim de tarde.

O texto mantinha com o papel uma relação de dependência. A perpetuação da escrita parecia condicionada à produção de celulose.

Súbito, a palavra descobriu um novo meio de propagação: o cristal líquido. Saem as árvores. Entram as nuvens de elétrons.

A mudança conduz a veredas ainda não exploradas. De concreto há apenas a impressão de que, longe de enfraquecer, a ebulição digital tonifica a escrita.

Isso é bom. Quando nos chega por um ouvido, a palavra costuma sair por outro. Vazando-nos pelos olhos, o texto inunda de imagens a alma.

Em outras palavras: falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória; impressa, desperta o cérebro, produzindo uma circulação de ideias que gera novos textos. A Internet é, por assim dizer, um livro interativo. Plugados à rede, somos, autores e leitores. Podemos visitar as páginas de um clássico da literatura. Ou simplesmente, arriscar textos próprios.

Otto Lara Resende costumava dizer que as pessoas haviam perdido o gosto pela troca de correspondências. Antes de morrer, brindou-me com dois telefonemas. Em um deles prometeu: “Mando-te uma carta qualquer dia destes”.

Não sei se teve tempo de render-se ao computador. Creio que não. Mas, vivo, Otto estaria surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro. A era digital está revolucionando o uso do texto. Estamos virando uma página. Ou, por outra, estamos pressionando a tecla “enter”.

Josias de Souza. A revolução digital. Folha de São Paulo. 6/05/96. Caderno Brasil, p. 2).

126 - (UESPI)

O texto traz as marcas linguístico-textuais do gênero:

a) relato pessoal, fruto de várias especulações pessoais.

b) comentário opinativo, bem apropriado à esfera jornalística.

c) homilia, escrito com uma formulação expositivoargumentativa.

d) memorando, usado para trazer alguma coisa à lembrança.

e) um relato informativo, embora de interesse particular.

TEXTO: 65 - Comum à questão: 127

[01]Tão paradoxal quanto o título deste editorial é o [02]tema por ele abordado: o horário político obrigatório – [03]ou gratuito, de acordo com a denominação do Tribunal [04]Regional Eleitoral. Em primeiro lugar, não é gratuito, [05]a não ser para candidatos, partidos e coligações, [06]que nada pagam pelo acesso aos meios de comunicação. [07]A sociedade paga. As empresas de mídia recebem [08]compensação fiscal pelos espaços que dispensam [09]à propaganda eleitoral. A polêmica, porém, é [10]outra: tem sentido impor ao público uma programação [11]geralmente demagógica e de má qualidade, que [12]é rejeitada por parcela expressiva de espectadores e [13]reduz a audiência dos programas de rádio e televisão?

[14]No Brasil, onde o voto também é obrigatório, faz [15]sentido. Pesquisa divulgada pelo Datafolha no mês [16]passado, após consulta a 10.905 eleitores em 379 [17]municípios do país, mostrou que 65% dos entrevistados [18]utilizam a TV como mídia preferida para obter informações [19]sobre partidos e candidatos. Os jornais aparecem [20]em segundo lugar, com 12% da preferência, [21]restando para o rádio e a internet o terceiro lugar, com [22]7%. Apenas 6% dos inquiridos disseram que se preparam [23]para o voto com informações colhidas em conversas [24]com amigos e familiares.

[25]Então, é inquestionável o valor da mídia eletrônica [26]na orientação do eleitorado. Ainda assim, não deixa [27]de ser uma imposição incômoda para a maioria da [28]população. Pesquisa encomendada ao Ibope pela Associação [29]Brasileira de Agências de Propaganda mostra [30]que o brasileiro não simpatiza com a propaganda [31]eleitoral compulsória: 76% dos consultados informaram [32]que “não gostam nada” ou “não gostam muito”. [33]Apenas 11% assinalaram “gostar” ou “gostar muito”.

[34]Além de impositivo, o horário eleitoral gera outras [35]deformações, como a formação de alianças partidárias [36]espúrias com o único propósito de ampliar o [37]tempo de exposição de candidatos e siglas, com total [38]prejuízo para os conteúdos programáticos e para [39]a coerência ideológica. Também o tempo exíguo dispensado [40]aos candidatos às eleições proporcionais mal [41]permite que digam o nome, o número e, em certos [42]casos, alguma gracinha, que só serve para ridicularizar [43]o debate eleitoral.

[44]Ainda assim, existe pelo menos um fator insuperável [45]a justificar a manutenção desta programação: [46]o direito de todos os candidatos ao acesso à mídia. [47]Se a propaganda fosse paga, ou dependesse apenas [48]do interesse jornalístico, o poder econômico poderia [49]prevalecer e os candidatos menos conhecidos talvez [50]não tivessem oportunidade de se apresentar ao [51]público. Agora, mesmo com todas as deformações, o [52]horário eleitoral possibilita este contato entre o [53]eleitor e os pretendentes a mandatos eletivos.

Jornal *Zero Hora*, 22/08/2010 (editorial)

127 - (PUC RS)

Em sua forma original, o editorial referido apresenta um pequeno trecho em destaque, copiado do próprio texto, para ressaltar uma ideia especialmente importante para a posição defendida. O fragmento que tem essas características é

a) “As empresas de mídia recebem compensação fiscal pelos espaços que dispensam à propaganda eleitoral” (refs. 07 a 09).

b) “Apenas 6% dos inquiridos disseram que se preparam para o voto com informações colhidas em conversas com amigos e familiares” (refs. 23 a 25).

c) “Além de impositivo, o horário eleitoral gera outras deformações, como a formação de alianças partidárias espúrias (...)” (refs. 35 a 37).

d) “Também o tempo exíguo dispensado aos candidatos às eleições proporcionais mal permite que digam o nome (...)” (refs. 40 a 42).

e) “Existe pelo menos um fator insuperável a justificar a manutenção desta programação: o direito de todos os candidatos ao acesso à mídia” (refs. 45 a 47).

TEXTO: 66 - Comum à questão: 128

[01]“Reconheço”, disse o homem, “fui um poluidor [02]implacável. Matei todo tipo de bicho, criei todo tipo de [03]lixo, transformei bom oxigênio em ar irrespirável.”

[04]E suspirou, contrito, envenenando mais um litro.

[05]“Nem sei quanto spray usei, mas aposto meu [06]patrimônio: há um buraco com meu nome na tal [07]camada de ozônio.”

[08]“Florestas foram arrasadas para me dar calor e [09]notícia. Sem falar nos troncos de lei em que canivetei [10]que amava uma tal de Letícia.”

[11]“Fui um flagelo sem dó, uma horda de hunos de [12]um só.”

[13]“Transformei rios em cloacas e cloacas em [14]rios de sujeira, em transbordante nojeira. `Abaixo o [15]ecossitema´ foi, eu quase diria, meu lema.”

[16]“Fui um Átila irreciclável, um biodesagradável.”

[17]“Agredi a natureza. Destruí a sua beleza.”

[18]“Mas, em compensação, em matéria de devastação, [19]de agressão e desatino...” (mostrando suas [20]próprias rugas, sua calvície, sua velhice): “... vejam o [21]que Ela fez com este menino.”

VERISSIMO, L. F. Jornal Zero Hora, 26/08/1990.

128 - (PUC RS)

Considerando a forma e a função do texto, é correto afirmar que

a) o autor se apoia em uma narrativa subjetiva para apresentar seu ponto de vista.

b) se trata de um texto explicativo, que demonstra a extraordinária força da natureza.

c) a intenção do autor é contar a história de um ser humano em particular.

d) o predomínio da descrição é característico neste tipo de texto.

e) o narrador dirige-se a um leitor determinado, por se tratar da reprodução de uma fala.

TEXTO: 67 - Comum à questão: 129

[01]Um Maracanã de floresta acaba de desaparecer. [02]Isso desde que você começou a ler este texto, há um [03]segundo. Amanhã, neste mesmo horário, você levará [04]a vida como sempre – esperamos. Mas os integrantes [05]de 137 espécies de plantas, animais e insetos, [06]não. Eles terão o destino que 50 mil espécies por ano [07]têm: a extinção. Argumentos como “15 Maracanãs de [08]mata tropical devastados desde o início deste parágrafo” [09]são fortes, mas nem sempre suficientes. Só [10]que existe outro, talvez ainda mais persuasivo: dinheiro [11]não dá em árvore, mas árvore dá dinheiro.

[12]Hoje, manter uma floresta em pé é negócio da [13]China. Em uma área estratégica perto do rio Yang Tsé, [14]o governo chinês paga US$ 450 aos fazendeiros por [15]hectare reflorestado. O objetivo é conter as enchentes [16]que alteram o fluxo de água do rio. Equilíbrio ecológico, [17]manutenção do ecossistema, mais espécies preservadas, [18]esses são os objetivos do Partido Comunista [19]Chinês? Não. Trata-se de um investimento.

[20]O reflorestamento mantém o curso do rio estável [21]e as árvores, sozinhas, aumentam a quantidade de [22]chuva – as plantas liberam vapor d’água durante a [23]fotossíntese. Resultado: mais água no Yang Tsé. O [24]que isso tem a ver com dinheiro? A água alimenta turbinas [25]das hidrelétricas distribuídas pelo rio – inclusive [26]a megausina de Três Gargantas, 50% maior que Itaipu, [27]que abriu as comportas em 2008.

[28]Investindo em reflorestamento, os chineses agem [29]de forma pragmática. Pagar fazendeiros = mais árvores. [30]Mais árvores = mais água no rio. Mais água = [31]mais energia elétrica barata (ainda mais no país que [32]inaugura duas usinas a carvão por semana para dar [33]conta de crescer como cresce). Mais energia barata, [34]mais produção para a economia – e dinheiro para pa[35]gar os reflorestadores. O final dessa equação é surreal [36]para os padrões brasileiros. A China, nação que

mais [37]polui e que mais consome matéria-prima, tem índice [38]de desmatamento zero. Abaixo de zero, até: eles plan[39]tam mais árvores do que derrubam.

REZENDE, Rodrigo. Revista Superinteressante, março, 2011.

129 - (PUC RS)

Considere as afirmativas abaixo.

No texto, o autor

I. adota diferentes recursos de linguagem, como expressões metafóricas.
II. apresenta dados da realidade para sustentar seu ponto de vista.
III. utiliza interrogações de bom efeito retórico, mas não apresenta respostas para elas.
IV. dirige-se a um público leitor especializado em ecossistemas.

Estão corretas apenas as afirmativas

a) I e II.
b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

TEXTO: 68 - Comum à questão: 130

Sobre a origem da poesia

[1]A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que [5]parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa − que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível [10]infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades − significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, [15]pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, projetado sobre um passado pré-babélico, tribal, primitivo. Ao mesmo tempo, cada novo poema do futuro que o presente alcança cria, com sua ocorrência, um pouco desse passado.

[20]Lembro-me de ter lido, certa vez, um comentário de Décio Pignatari, em que ele chamava a atenção para o fato de, tanto em chinês como em tupi, não existir o verbo ser, enquanto verbo de ligação. Assim, o ser das coisas ditas se manifestaria nelas próprias (substantivos), não numa partícula verbal externa a elas, o que faria delas línguas poéticas por natureza, mais propensas à composição analógica.

[25]Mais perto do senso comum, podemos atentar para como colocam os índios americanos falando, na maioria dos filmes de *cowboy* − eles dizem “maçã vermelha”, “água boa”, “cavalo veloz”; em vez de “a maçã é vermelha”, “essa água é boa”, “aquele cavalo é veloz”. Essa forma mais sintética, telegráfica, aproxima os nomes da própria existência − como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim apresentando-as (ao mesmo tempo em que se apresenta).

[30]No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo. (...)

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis − os poemas − contaminando o deserto da referencialidade.

ARNALDO ANTUNES

www.arnaldoantunes.com.br

130 - (UERJ)

a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas. (ref. 1-5)

A comparação entre a poesia e outros usos da linguagem põe em destaque a seguinte característica do discurso poético:

a) revela-se como expressão subjetiva

b) manifesta-se na referência ao tempo

c) afasta-se das praticidades cotidianas

d) conjuga-se com necessidades concretas

TEXTO: 69 - Comum à questão: 131

A palavra

[1]Tanto que tenho falado, tanto que tenho escrito − como não imaginar que, sem querer, feri alguém? Às vezes sinto, numa pessoa que acabo de conhecer, uma hostilidade surda, ou uma reticência de mágoas. Imprudente ofício é este, de viver em voz alta.

Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [5]ajudou alguém a se reconciliar consigo mesmo ou com a sua vida de cada dia; a sonhar um pouco, a sentir uma vontade de fazer alguma coisa boa.

Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém. Nunca saberei que palavra foi; deve ter sido alguma frase espontânea e distraída que eu disse com naturalidade porque senti no momento − e depois esqueci.

[10]Tenho uma amiga que certa vez ganhou um canário, e o canário não cantava. Deram-lhe receitas para fazer o canário cantar; que falasse com ele, cantarolasse, batesse alguma coisa ao piano; que pusesse a gaiola perto quando trabalhasse em sua máquina de costura; que arranjasse para lhe fazer companhia, algum tempo, outro canário cantador; até mesmo que ligasse o rádio um pouco alto durante uma transmissão de jogo de futebol... mas o canário não cantava.

[15]Um dia a minha amiga estava sozinha em casa, distraída, e assobiou uma pequena frase melódica de Beethoven − e o canário começou a cantar alegremente. Haveria alguma secreta ligação entre a alma do velho artista morto e o pequeno pássaro cor de ouro?

Alguma coisa que eu disse distraído − talvez palavras de algum poeta antigo − foi despertar melodias esquecidas dentro da alma de alguém. Foi como se a gente soubesse que de repente, [20]num reino muito distante, uma princesa muito triste tivesse sorrido. E isso fizesse bem ao coração do povo; iluminasse um pouco as suas pobres choupanas e as suas remotas esperanças.

RUBEM BRAGA

PROENÇA FILHO, Domício (org.). *Pequena antologia do Braga*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

131 - (UERJ)

Alguma coisa que eu disse distraído − talvez palavras de algum poeta antigo − foi despertar melodias esquecidas dentro da alma de alguém. (ref. 15)

O cronista revela que sua fala ou escrita pode conter algo escrito por “algum poeta antigo”.

Ao fazer essa revelação, o cronista se refere ao seguinte recurso:

a) polissemia

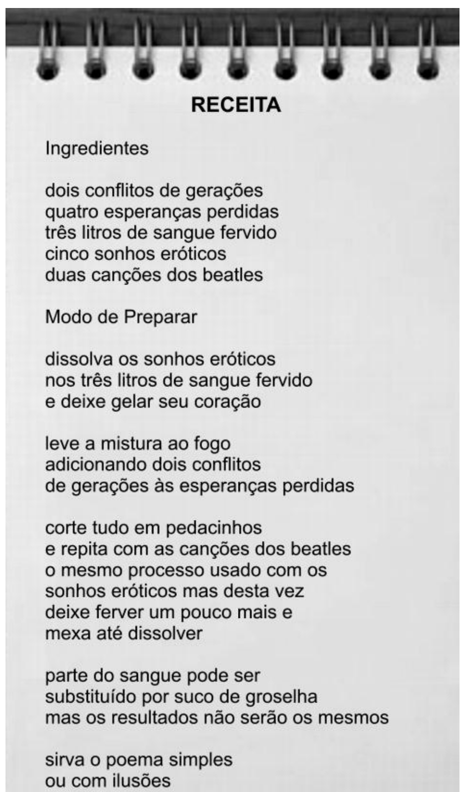
b) pressuposição

c) exemplificação

d) intertextualidade

TEXTO: 70 - Comum à questão: 132

Texto 1



RECEITA

Ingredientes

dois conflitos de gerações
quatro esperanças perdidas
três litros de sangue fervido
cinco sonhos eróticos
duas canções dos beatles

Modo de Preparar

dissolva os sonhos eróticos
nos três litros de sangue fervido
e deixe gelar seu coração

leve a mistura ao fogo
adicionando dois conflitos
de gerações às esperanças perdidas

corte tudo em pedacinhos
e repita com as canções dos beatles
o mesmo processo usado com os
sonhos eróticos mas desta vez
deixe ferver um pouco mais e
mexa até dissolver

parte do sangue pode ser
substituído por suco de groselha
mas os resultados não serão os mesmos

sirva o poema simples
ou com ilusões

BEHR, Nicolas. *Restos vitais.* Disponível em: <http://www.
nicolasbehr.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2011. [Adaptado].

Texto 2

Errata: correções a uma carta

Onde se lê “minha amadinha”, leia-se “prezada senhora”.

Onde se lê “para sempre”, leia-se “ruminando ressentimentos e vomitando mágoas”.

Onde se lê “te amo tanto”, leia-se “bater primeiro as claras em neve”.

Basta corrigir, não precisa responder...

SOARES, Jorge Coelho. Textos “quase poéticos”. In: *Cult*.

São Paulo: Bregantini, ed. 152, nov. 2010. p. 74. [Adaptado].

Texto 3

FAZER PLÁSTICO DE LEITE E VINAGRE

O melhor: conforme mostram os ingredientes, é biodegradável.

O plástico não é uma substância, é um estado de espírito. De espírito molecular: o que define o comportamento físico dos plásticos que a gente conhece é a sua natureza de polímeros, ou seja, o fato de eles serem formados por looongas cadeias de moléculas com a mesma unidade se repetindo por muitas e muitas vezes. Por isso mesmo, tanto faz se a fonte das supercadeias moleculares é o petróleo ou um bom leitinho.

☞ **DIFICULTÔMETRO**

Tempo ❶②③④⑤

Materiais ❶②③④⑤

Habilidade ①❷③④⑤

VOCÊ VAI PRECISAR DE:

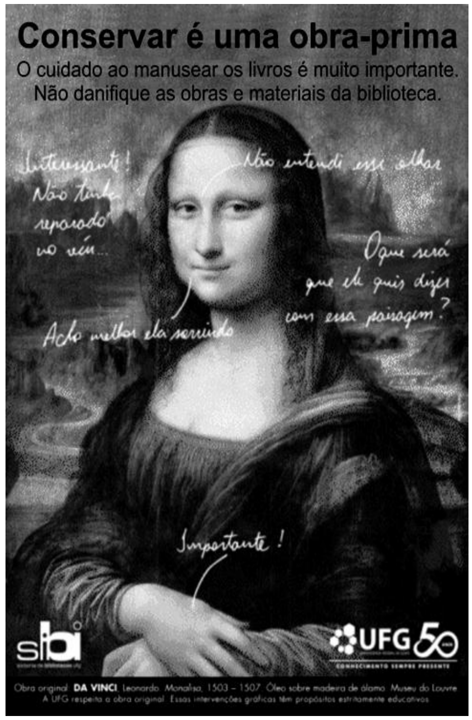
- **0,5 litro de leite**
- **1 colher**
- **1 frigideira**
- **20 ml de vinagre branco**
- **luvas de borracha**
- **água**
- **1 panela**

PASSO A PASSO:

1. Coloque o leite na panela e comece a esquentá-lo em fogo brando. Não o deixe ferver. Quando estiver a ponto de borbulhar, adicione o vinagre.
2. Mexa a mistura até que apareçam calombos branco-amarelados nela, enquanto o líquido começa a clarear.
3. Desligue o fogo e espere a panela esfriar. Passe a mistura pela peneira de maneira a ficar apenas com os agregados.
4. Coloque a luva e lave os calombos com água. Você pode juntá-los numa única massa. Se apertados com firmeza, vão grudar uns nos outros.
5. Parabéns: você já tem seu plástico feito com caseína, uma proteína do leite. Dá para moldá-lo como quiser e fazer até utensílios de cozinha com ele. Mas saiba que o material não é muito resistente e quebra fácil.

LOPES, José. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, jul. 2011, p. 33.

Texto 4



Disponível em:<www.bc.ufg.br>. Acesso em: 21 set. 2011.

132 - (UFG GO)

Nos textos, predomina um mesmo tipo de sequência textual. Esse tipo é identificado e definido, respectivamente, como:

a) injuntivo – apresentação de procedimentos a serem seguidos, a fim de se alcançar determinado objetivo.

b) narrativo – reconstrução de uma sequência de acontecimentos ancorada no espaço e no tempo.

c) descritivo – detalhamento de objetos e paisagens com vistas à ambientação de ações.

d) argumentativo – defesa de um argumento para persuadir alguém a aderir a um ponto de vista.

e) expositivo – explicitação de fatos e ideias, a fim de justificar determinados conteúdos.

TEXTO: 71 - Comum à questão: 133

Texto 1

Sem firulas, sem floreios

Eliane Cantanhêde

Folha de S.Paulo, 23 nov. 2012

BRASÍLIA – Ao assumir a presidência do Supremo Tribunal Federal, num dia histórico, Joaquim Benedito Barbosa elogiou a "trajetória vitoriosa de um povo que soube (...) entrar no seleto clube das nações respeitáveis".

Pois o país também se orgulha da trajetória vitoriosa de um brasileiro negro, pobre e muito especial que entrou ontem no seleto clube de presidentes da mais alta corte.

Vale aí um reconhecimento a Lula: foi o primeiro operário presidente da República quem nomeou o primeiro negro para o Supremo. O resultado dessa soma é que, apesar de ainda faltar muito, o Brasil se torna cada vez mais uma "nação respeitável".

Se a cerimônia foi emocionante, Joaquim foi simples. Falou pouco, sem arroubos, afetação e provocações – muito menos para fora do Poder Judiciário – e terminou agradecendo aos amigos que vieram da França e dos Estados Unidos especialmente para homenageá-lo.

Citou também um por um os muitos irmãos e dispensou formalidades para se dirigir à dona Benedita, umadas principais estrelas da festa.

Simplesmente sorriu e agradeceu à "minha mãezinha". Soaria piegas se fosse qualquer outro,mas combinou à perfeição com o espírito da solenidade e com a origem do novo presidente do Supremo.

Joaquim, aliás, ensinou que os juízes não têmmais como se distanciar da sociedade e devem, sim, afastarse das "múltiplas e nocivas influências" para garantir que a justiça seja feita: "Justiça que falha impacta diretamente a vida do cidadão".

Ao enfatizar o enorme "deficit de Justiça entre nós", defendeu o "direito à igualdade" e um Judiciário "sem firulas, sem floreios, sem rapapés".

Por falar **nisso** , o jovem Joaquim passou em todas as provas do Instituto Rio Branco, mas foi reprovado na entrevista oral. Muito estranho. O Itamaraty perdeu um grande diplomata, o Judiciário ganhou um grande ministro. Votos para que seja um ótimo presidente do Supremo.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/elianecantanhede /1189695- sem-firulas-sem-floreios.shtml. Acesso em: 23 nov.2012.

Texto 2

Joaquim Barbosa: presidente

Walter Ceneviva

Folha de S.Paulo, 13 out. 2012

O artigo 5º da Constituição começa com o enunciado de uma verdade jurídica, mas uma inverdade material: "todos são iguais perante a lei". Será verdadeiro se o lermos como esperança de um vir a ser, compondo programa igualitário para todos os que aqui vivem, com "inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade". O artigo 5º é mais do que ordem jurídica – é uma "norma programática", conforme ensinam os mestres. Retrata a esperança de aprimoramento das condições sociais dos que vivem aqui, para alcançarem realização plena.

Nesse quadro a auspiciosa nomeação de um presidente negro para o STF (Supremo Tribunal Federal) é boa em si mesma, pelas qualidades que o ministro Joaquim Barbosa já demonstrou no tratamento do direito e no trabalho que tem desenvolvido. É, porém, ótima na simbologia das transformações sociais pelas quais estamos passando. Seu acesso à presidência dá o indício fundamental: a substituição dos dirigentes do STF, segundo o tempo na mesma função permite, no restrito grupo de 11 magistrados, com revezamento de estilos, convicções emando.

É evidente, **porém** , que o caso do ministro Barbosa acrescenta, além do toque da novidade, o preenchimento de um lugar que, **desde** a criação da Constituição imperial, sob Pedro 1º, foi submetido a duas reservas específicas: só para homens e só para brancos. A lei de então incluiu na capital brasileira (o Rio de Janeiro) um "Supremo Tribunal de Justiça, composto por 11 juízes letrados...", sem fazer referência à cor.

"Letrado" caiu em desuso, mas no começo do século 19 indicava o grande conhecedor do direito. A exigência constitucional de hoje requer "notável saber jurídico e reputação ilibada", permitida a escolha pelo presidente da República, sem distinção de sexo, com aprovação do candidato pelo Senado Federal.

É confortante ver a evolução, **embora** lenta. Nas dezenas de tribunais brasileiros, tanto na área federal quanto na estadual, o número de presidentes negros é muito pequeno. Ainda predomina o sexo masculino, mas já se está no ritmo do equilíbrio entre homens e mulheres. As antigas resistências à presença feminina nos serviços da Justiça, que pareciam irremovíveis até a segunda metade do século 20, hoje são encaradas como passadismo pré-histórico.

Nesse perfil histórico, o ingresso de Joaquim Barbosa na Corte Suprema se fez credenciado por títulos de pós-graduação no país e no exterior, tendo feito carreira no Ministério Público Federal. É o 44º presidente do STF, depois da proclamação da República, sendo o oitavo mineiro a chegar ao cargo, **conforme** o decano do tribunal, ministro José Celso de Mello Filho, informou no discurso de saudação. A conduta de Barbosa no processo do "mensalão" sugere que está pronto para os embates da presidência. [...]

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/walterceneviva/
1168667- joaquim-barbosa-presidente.shtml. Acesso em: 26. nov.2012. Adaptado.

133 - (Fac. Direito de Franca SP)

Com base nas características linguísticas e estruturais dos Textos 1 e 2, é correto afirmar que ambos são

a) crônica, por relatar fatos do cotidiano dos autores apenas para entretenimento do leitor.

b) autobiografia, pois recuperam a opinião doautor sobre assunto polêmico com base em suas próprias vivências.

c) artigo de opinião, pois apresentam ponto de vista sobre assunto relevante e se sustentam em argumentos convincentes.

d) notícia, porque veiculam informações sobre fatos recentes com objetividade e isenção de ponto de vista sobre eles.

e) editorial, sem autoria deliberadamente assumida, uma vez que retratam a opinião da instituição jornalística sobre o assunto veiculado.

TEXTO: 72 - Comum à questão: 134

Folha de S.Paulo - 25/10/2012 - 03h00

Brasil, adeus à ilusão

Clóvis Rossi

A repórter Mariana Carneiro quase destruiu minhas já tênues ilusões de, antes de morrer, ver o Brasil ser realmente um grande país, em vez de um mero emergente.

Mariana capturou um estudo do HSBC que diz que, em 2050, o Brasil ainda será país de renda média, embora média alta, tal como já o é hoje.

Em 2050 (ou antes, mais provavelmente), já estarei morto.

É verdade que não levo muito a sério os oráculos, menos ainda os do setor financeiro. Se essa gente foi incapaz de enxergar nos primeiros meses de 2008 a crise que, em setembro, viraria tsunami, como se animam a dar a classificação do campeonato mundial de economia dentro de 38 anos?

Feita a ressalva, o estudo do HSBC tem o mérito de coincidir com uma nítida mudança de humor em torno dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que se tornaram quase sinônimo de emergentes, aquele grupo de países que vão substituir as potências tradicionais dentro de uns quantos anos.

O estudo do banco, por si só, já traz números que convidam à cautela em relação ao real peso dos BRICS. Mesmo o maior e mais forte <u>deles</u> , a China, está muito longe dos Estados Unidos – e continuará estando em 2050.

Terá, então, uma renda per capita (U$ 17.759) que é menos da metade da renda de cada norteamericano em 2010 (US$ 36.354).

Ou seja, a China vai continuar crescendo mais que os Estados Unidos mas, assim mesmo, levará 40 anos para chegar à metade do que cada norteamericano ganha hoje.

O caso do Brasil é ainda pior: sua renda per capita, em 2010, era superior à de todos os parceiros BRICS. Em 2050, será inferior à da Rússia e da China. Ou seja, o Brasil é um emergente que emerge menos que seus sócios na aventura. Pulemos agora para artigo de Ruchir Sharma, chefe de Mercados Emergentes da Morgan Stanley, publicado pela "Foreign Affairs", com o significativo título "Broken BRICS" (BRICS Quebrados, um exagero).

Sharma começa lembrando que nem remotamente se cumpriram as previsões dos anos 80 de que o Japão logo passaria a ser o número um do mundo, economicamente.

Quanto aos BRICS, "com a economia mundial caminhando para seu pior ano desde 2009, o crescimento chinês está desacelerando agudamente, de dois dígitos para 7% ou menos. E o resto dos BRICS está derrapando também: desde 2008, o crescimento anual do Brasil caiu de 4,5% para 2%; o da Rússia, de 7% para 3,5%; e o da Índia, de9%para 6%".

Sharma é impiedoso: "A noção de uma abrangente convergência entre os mundos desenvolvido e em desenvolvimento é um mito".

Acrescenta: "Dos cerca de 180 países acompanhados pelo FMI, só 35 são desenvolvidos.O resto são emergentes – e muitos <u>deles</u> têm sido emergentes por muitas décadas e continuarão a sê-<u>lo</u> por muitas mais".

Reforça Antoine van Agtmael, autor do "Século dos Mercados Emergentes": "Assim como as economias em expansão [dos BRICS] surpreenderam o mundo na década passada, o grande choque para a próxima década pode ser que <u>eles</u> cresçam menos rapidamente do que se presumia".

Adeus, ilusões.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/
lovisrossi/1174470- brasil-adeus-a-ilusao.shtml . Acesso em: 26 nov.2012.

134 - (FMABC SP)

Considerando as características linguísticas e a estrutura do texto, trata-se de

a) uma crônica, por relatar fatos do cotidiano do autor apenas para entretenimento do leitor.

b) uma autobiografia, pois recupera a opinião do autor sobre assunto polêmico com base em sua própria vivência.

c) uma notícia, porque veicula informações sobre fatos recentes com objetividade e isenção de ponto de vista sobre eles.

d) um editorial, sem autoria deliberadamente assumida, uma vez que retrata a opinião da instituição jornalística sobre o assunto em tela.

e) um artigo de opinião, pois apresenta ponto de vista sobre assunto de relevância e se sustenta em argumentos convincentes.

TEXTO: 73 - Comum à questão: 135

A difícil arte de ser feliz

Você me pede que eu fale sobre a difícil arte de ser feliz. Digo primeiro que não é possível ser feliz. Felicidade é coisa muito grande. O máximo que os deuses nos concedem são momentos de alegria que, segundo Guimarães Rosa, acontecem em “raros momentos de distração”.

Às vezes a gente fica infeliz por causa de coisas tristes: perde-se o emprego, uma pessoa querida morre... Quando coisas assim acontecem, o certo é ficar triste. Quem continuar alegre em meio a situações de dor é doente. Alegria nem sempre é marca de saúde mental. Há uma alegria que é marca de loucura.

Mas às vezes a nossa infelicidade se deve à nossa estupidez e cegueira. Cegueira: isso mesmo. Olho bom que não vê. Jesus diz que os olhos são a lâmpada do corpo. Quando a lâmpada espalha luz, o mundo fica colorido. Quando a lâmpada espalha escuridão, o mundo fica tenebroso.

Você diz que é infeliz porque tem medo do futuro. Eu também tenho. A Adélia Prado tem um verso em que diz que o Paraíso vai ser igualzinho a esta vida, tudo do mesmo jeito, com uma única diferença: a gente não vai mais ter medo. Imagine que o presente é uma maçã madura, vermelha, perfumada, deliciosa. Você se prepara para comê-la, mas, de repente, percebe que dentro dela há um verme. O nome dele é medo. De onde ele vem? Do futuro. Estranho isso: o futuro ainda não aconteceu. Ele não existe. Como é que um verme pode nascer do que não existe? Não existe do lado de fora. Existe do lado de dentro. Dentro da imaginação o futuro existe. O verme nasce da alma. Para a alma, aquilo que é imaginado existe. Como diz Guimarães Rosa: “Tudo é real porque tudo é inventado”. A alma é o lugar onde o que não existe, existe. Nossa imaginação perturbada enche o futuro de coisas terríveis que assombram o presente. Pode ser até que essas coisas terríveis venham a acontecer. Por isso eu também tenho medo. Mas o certo é viver a sua dor no momento em que ela vier, e não agora, quando ela não existe.

Jesus diz que sabedoria é viver apenas o dia presente. “Por que andais ansiosos pelo dia do amanhã? Olhai os lírios dos campos... Olhai as aves dos céus...Qual de vós, com sua ansiedade, será capaz de alterar o curso da vida?” Os lírios do campo serão cortados e morrerão. Também as aves do céu: o momento da sua morte vai chegar. Mas os lírios e as aves não vivem no futuro; vivem no presente. O fato é que aves e lírios vão morrer, mas não sabem que vão morrer. Nós vamos morrer e sabemos que vamos morrer. Em nosso futuro mora um grande medo. É desse grande medo que vem o verme...

Estória Zen que já contei: Um homem caminhava por uma floresta. Anoitecia. Escuro. De repente, o rugido de um leão. O homem teve muito medo. Correu. No escuro não viu por onde ia. Caiu num precipício. No terror da queda agarrou-se a um galho que se projetava sobre o abismo. E assim ficou pendurado entre o leão e o vazio. De repente, olhando para a parede do precipício, viu uma plantinha e, nela, uma fruta vermelha. Era um morango. Ele estendeu o seu braço, colheu o morango e o comeu. Estava delicioso... Aqui termina a estória. É preciso ter olhos novos. Olhos que vejam os morangos à beira do abismo... *Carpe Diem*!

ALVES, Rubem. **Coisas do amor.** São Paulo: Paulus, 2001, p. 7-10.

135 - (IFGO)

Sobre o gênero textual, é correto afirmar que:

a) O texto de Rubem Alves configura-se como conto por ser de curta extensão e apresentar, ao final, uma reflexão.

b) Trata-se de uma crônica filosófica por apresentar uma reflexão de um fato cotidiano, utilizando, para isso, linguagem literária.

c) Configura-se como artigo de opinião, pois apresenta o posicionamento crítico do autor acerca do tema felicidade, ora discutido.

d) Trata-se de um texto multimodal, pois apresenta características ora de conto, ora de artigo de opinião e, ainda, de texto poético.

e) É um texto dissertativo, escrito em primeira pessoa, em que se discutem as probabilidades de se ser feliz.

TEXTO: 74 - Comum à questão: 136

TEXTO 1





TEXTO 2

17/05/2013 01h38

Número de pessoas com internet e celular mais que dobra em 6 anos

Brasil ganhou 45 milhões de pessoas conectadas à internet.

Em seis anos, o Brasil ganhou 45 milhões de pessoas conectadas à internet, segundo o IBGE.

A soldado Geiza Cruz diz que usa os dois celulares para falar com a filha de sete anos. A rotina da policial militar é agitada, e o celular ajuda a manter contato com a família e com o trabalho. “O uso do aparelho é muito funcional no nosso serviço, na rua, porque, às vezes, a gente está até em operação, para facilitar”, diz.

A pesquisa do IBGE revela que, em 2011, policiais, bombeiros e membros das Forças Armadas estavam no grupo de trabalhadores que mais usavam o telefone móvel (97,5%), mais do que dirigentes (94,5%), vendedores e prestadores de serviço do comércio (86,3%). Trabalhadores agrícolas apareciam em último lugar (43%).

Precisou de pintor, encanador, eletricista? Basta ligar para uma das oito linhas instaladas nos seis celulares do Luis Alberto Nunes. Para ele, porém, os melhores negócios chegam pela internet. Luis Alberto criou a sua própria página, onde anuncia os serviços. O IBGE diz que os trabalhadores da indústria e os que se dedicam a serviços de reparação e manutenção pertencem ao grupo de profissionais que mais navegavam na internet na época da pesquisa.

No geral, entre 2005 e 2011, o número de pessoas que utilizavam a internet cresceu 143,8%, e o das que tinham celular aumentou 107,2%. Luis Alberto depende dos dois, mas foi pela internet que conseguiu os clientes maiores. Agora, está reformando o prédio de um consulado europeu. “Eu acho semelhante a um pescador na beira do rio. Pode pegar um monte de lambari, mas, de repente, uma hora, pega um tubarão”, diz.

Disponível em: < http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/05/numero-de-pessoas-com-internet-e-celularmais- que-dobra-em-6-anos.html>. Acesso em: 18 de maio de 2013.

136 - (UNIFOR CE)

Pela natureza de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, imagéticos, relações lógicas etc.), os textos 1 e 2 pertencem, respectivamente, aos gêneros:

a) Piada e artigo de opinião.

b) Charge e carta do leitor.

c) Cartum e editorial.

d) Quadrinhos e notícia.

e) Caricatura e artigo político.

TEXTO: 75 - Comum à questão: 137

Para você estar passando adiante

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o futuro do gerúndio. Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela internet.

O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando. (...)

FREIRE, Ricardo. **As cem melhores crônicas brasileiras.**
São Paulo: Objetiva, 2010, p. 345-346. [Adaptado]

137 - (IFGO)

Ainda sobre o texto, é **incorreto** afirmar:

a) A crônica discute um assunto atual relacionado ao nosso cotidiano.

b) O autor da crônica dialoga diretamente com seu interlocutor para criar uma relação de proximidade entre eles.

c) O texto de Ricardo Freire pode ser chamado de crônica argumentativa, pois há o relato de um ponto de vista em sua narrativa.

d) A crônica é um texto ficcional, pois o assunto discutido não faz parte de nossa realidade.

e) O título do texto sugere que o leitor deva repassar a crônica para que diversas pessoas leiam o mesmo material.

TEXTO: 76 - Comum à questão: 138

O QUE SIGNIFICA DAR AULA

por Alice Santos*****



Dar aula é diferente de ser professor;

Dar aula é ouvir antes de falar;

Dar aula é entender antes de avaliar;

Dar aula é conhecer o aluno e junto com ele promover ação de aprendizagem;

Dar aula é envolver os alunos no assunto abordado;

Dar aula não é ser mestre da fala e nem ter voz bonita;

Dar aula é conhecer a questão antes de aplicá-la;

Dar aula não é só usar saliva, quadro e giz e não é usar o telão e slides do Power Point;

Dar aula é envolver, é participar, é criar, improvisar, reinventar;

Dar aula não é usar do faz de conta;

Dar aula é compreender seu aluno, olhar nos seus olhos e conhecer os seus segredos; é fazer confissões;

Dar aula não é sentar na frente da sala e deixar o aluno escrever no quadro e depois sair;

Dar aula não é só preparar o aluno para o vestibular, mas para a vida, para viver o hoje e se defender no amanhã;

Dar aula é saber quando calar e ouvir;

Dar aula é contar, fazer viagem, é envolver os aprendizes numa aventura;

Dar aula é antes de tudo uma profissão de amor, coragem e determinação.

Este texto é dedicado àqueles que, mesmo na adversidade promovem a aprendizagem. Àqueles que veem a realidade de cada um e, ainda assim, assumem a responsabilidade como um ato de amor e esperança num amanhã melhor. **CP**

Alice Santos é licenciada em Letras – Português pela UFG (Universidade Federal de Goiás), especialista em Docência no Ensino Superior, atualmente é estudante de Mestrado pela ULB (Universidade de Bruxelas) – Bélgica em Ciências da Educação.

SANTOS, Alice. O que significa dar aula. *Conhecimento prático. Língua Portuguesa*. n. 40. São Paulo: Escala Educacional, 2013. p. 66.

138 - (UFU MG)

Considere o seguinte trecho do texto:

Professor, se você tem alguma experiência que queira compartilhar com outros docentes, **envie-nos os detalhes no e-mail: l.portuguesa@criativo.art.br**.

A sequência textual em negrito acima é do tipo

a) descritivo.

b) injuntivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

TEXTO: 77 - Comum à questão: 139

Porta de colégio

[1] Passando pela porta de um colégio, me veio [2] a sensação nítida de que aquilo era a porta da [3] própria vida. Banal, direis. Mas a sensação era [4] tocante. Por isso, parei, como se precisasse ver [5] melhor o que via e previa.

[6] Primeiro há uma diferença de clima entre [7] aquele bando de adolescentes espalhados pela [8] calçada, sentados sobre carros, em torno de [9] carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles [10] que transitam pela rua. Não é só o uniforme. [11] Não é só a idade. É toda uma atmosfera, como [12] se estivessem ainda dentro de uma redoma ou [13] aquário, numa bolha, resguardados do mundo.

[14] Talvez não estejam. Vários já sofreram a [15] pancada da separação dos pais. Aprenderam [16] que a vida é também um exercício de [17] separação. Um ou outro já transou droga, e [18] com isso deve ter

se sentido [19] (equivocadamente) muito adulto. Mas há uma [20] sensação de pureza angelical misturada com [21] palpitação sexual, que se exibe nos gestos [22] sedutores dos adolescentes.

[23] Onde estarão esses meninos e meninas [24] dentro de dez ou vinte anos?

[25] Aquele ali, moreno, de cabelos longos [26] corridos, que parece gostar de esporte, vai se [27] interessar pela informática ou economia; [28] aquela de cabelos louros e crespos vai ser dona [29] de boutique; aquela morena de cabelos lisos [30] quer ser médica; a gorduchinha vai acabar [31] casando com um gerente de multinacional; [32] aquela esguia, meio bailarina, achará um [33] diplomata. Algumas estudarão Letras, se [34] casarão, largarão tudo e passarão parte do dia [35] levando filhos à praia e à praça e pegando-os [36] de novo à tardinha no colégio. [...]

[37] Estou olhando aquele bando de adolescentes [38] com evidente ternura. Pudesse passava a mão [39] nos seus cabelos e contava-lhes as últimas [40] histórias da carochinha antes que o lobo feroz [41] as assaltasse na esquina. Pudesse lhes diria [42] daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e [43] na redoma, enquanto estão na porta da vida e [44] do colégio. O destino também passa por aí. E a [45] gente pode às vezes modificá-lo.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Affonso Romano de Sant'Anna:* seleção e prefácio de Letícia Malard. Coleção Melhores Crônicas. p. 64-66.

139 - (UECE)

A crônica é um gênero, digamos, aberto. Dentro dessa rubrica cabem vários conceitos. As quatro opções abaixo apresentam características de crônica, mas só uma expressa as características apresentadas pelo texto de Sant'Anna. Assinale essa opção.

a) Pequeno texto polêmico escrito para uma coluna de periódico, assinada, com notícias e comentários sobre cultura e política.

b) Conjunto de notícias e críticas a respeito de fatos da atualidade, de cunho memorialista ou confessional.

c) Texto literário breve que espelha fatos ou elementos do cotidiano, sobre os quais o enunciador reflete e opina.

d) Breve narrativa literária de trama quase sempre pouco definida e sobre motivos extraídos do cotidiano imediato.

TEXTO: 78 - Comum à questão: 140

Os usos da casimira inglesa

[1] Estou lhe escrevendo, Matilda, para lhe transmitir aquilo que a contrariedade (para não falar [2] indignação) me impediu de dizer de viva voz. Note, é a primeira vez que isso acontece nos [3] nossos 35 anos de casados, mas é primeira vez que pode também ser a última. Não é ameaça. [4] É constatação. Estou profundamente magoado com sua atitude e não sei se me recuperarei.

[5] Tudo por causa de sua teimosia. Você insiste, contra todas as minhas ponderações, em dar a [6] seu pai um corte de casimira inglesa como presente de aniversário. Eu já sei o que você vai me [7] dizer: é seu pai, você gosta dele, quer homenageá-lo. Mas, com casimira, Matilda. Com casimira [8] inglesa, Matilda. Que horror, Matilda.

[9] Raciocinemos, Matilda. Casimira inglesa, você sabe o que é isso? A lã dos melhores ovinos, [10] Matilda. A tecnologia de um país que, afinal, deu ao mundo a Revolução Industrial. O trabalho [11] de competentes funcionários. E sobretudo tradição, a qualidade. Esse é o tecido que está em [12] questão, Matilda. A casimira inglesa.

(...)

[13] Isso, a casimira inglesa. Agora, seu pai.

[14] Ele está fazendo noventa anos. É uma idade respeitável, e não são muitos que chegam lá, [15] mas − quanto tempo ele pode ainda viver? (...) mesmo que ele viva dez anos, mesmo que ele [16] viva vinte anos, a casimira sem dúvida durará mais. Aí, depois que o sepultarmos, depois que [17] voltarmos do cemitério, depois que recebermos os pêsames dos parentes, e dos amigos, e dos [18] conhecidos, teremos de decidir o que fazer com as coisas dele, que são poucas e sem valor [19] − à exceção de um casaco confeccionado com o corte de casimira que você pretende lhe dar.

[20] Você, em lágrimas, dirá que não quer discutir o assunto, mas eu terei que insistir, até para o seu [21] bem, Matilda; os mortos estão mortos, os vivos precisam continuar a viver, eu direi. Algumas [22] hipóteses serão levantadas. Vender? Você dirá que não; seu pai, o velho fazendeiro, verdade [23] que arruinado, despreza coisas como comprar e vender, ele acha que ser lojista, como eu, é [24] a suprema degradação. Dar? A quem? A um pobre? Mas não, ele sempre detestou pobres, [25] Matilda, você lembra a frase característica de seu pai: tem que matar esses vagabundos. O [26] casaco ficaria pendurado em nosso roupeiro, Matilda. Ficaria pendurado muito tempo lá. A não [27] ser, Matilda, que seu pai dure mais tempo que o casaco. Não apenas isso é impossível, como [28] remete a uma outra interrogação: e o seguro de vida dele, Matilda? E as joias de sua mãe, que [29] ele guarda debaixo do colchão? Quanto tempo ainda terei de esperar?

[30] Estou partindo Matilda. Deixo o meu endereço. Como você vê, estou indo para longe, para uma [31] pequena praia da Bahia. Trópico, Matilda. Lá ninguém usa casimira.

Moacyr Scliar Contos reunidos . São Paulo: Cia. das Letras, 995.

140 - (UERJ)

O conto de Moacyr Scliar adota a forma de uma carta, gênero que tem convenções específicas.

Uma das marcas que permitem associar esse texto a uma carta é a presença de:

a) vocativo

b) narrativa

c) confissão

d) argumentação

TEXTO: 79 - Comum à questão: 141

Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças

Lançamento: 2004



Elenco: Jim Carrey, Kate Winslet, Kirsten Dunst, Mark Ruffalo, Elijah Wood, Tom Wilkinson,Thomas Jay Ryan e Jane Adams.

[1] **Resenh**a: Joel (Jim Carrey) fica [2] atordoado ao descobrir que sua [3] garota, Clementine (Kate Winslet), [4] apagou da mente as lembranças [5] de seu tumultuado relacionamento. [6] Desesperado, ele [7] contrata o inventor do processo, [8] Dr. Howard Mierzwiak (Tom [9] Wilkinson), para fazer o mesmo [10] tratamento. Mas, quando suas lembranças de Clementine [11] começam a se desfazer, Joel repentinamente descobre o [12] quanto ainda a ama.

[13] Do mesmo diretor de "Quero ser John Malkovich" (Charlie [14] Kauffman), “Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças” [15] ficou marcado pela originalidade e criatividade de seu [16] roteiro. Ilustrando esta informação, há o jogo temporal no [17] qual passado e presente são postos durante o filme. Porém, [18] sua história é bem simples: trata-se das dificuldades [19] ligadas a todos os relacionamentos. O mais-do-mesmo rotineiro [20] e os obstáculos amorosos são a base para a impulsiva [21] decisão de Clementine – estrelada por ninguém menos [22] que Kate Winslet – que decide erradicar da sua vida o [23] seu relacionamento com Joel Barish, personagem interpretado [24] por Jim Carrey.

[25] Entramos, então, no universo de memórias do casal, em [26] que Joel faz de tudo para mantê-las em seus devidos lugares [27] – uma verdadeira batalha contra o processo de exclusão [28] das memórias de Clementine.

[29] Brilho Eterno mostra aos seus espectadores a importância [30] dos acontecimentos bons ou ruins nas nossas vidas. Lembrar- [31] se de alguém é tê-lo vivo dentro de nós e, por pior [32] que sejam algumas lembranças, são estas que nos levam [33] ao nível seguinte; sem a queda não saberíamos como [34] acertar o próximo passo.

[35] Com um ótimo aproveitamento da situação de estar dentro [36] de uma lembrança, este filme é dotado de cenas incríveis, [37] frases inteligentes, diálogos tocantes e a capacidade de [38] dar, a quem vê, um sorriso de satisfação e um belo assunto [39] para pensar.

Disponível em: <http://www.huntersculture.com.br/2012/12>.
Acesso em: 10 set. 2013. (Adaptado).

141 - (UFG GO)

O texto apresentado é uma resenha cuja função é:

a) descrever a estrutura da filmagem.

b) negociar a venda do filme.

c) explicar os detalhes do espetáculo artístico.

d) apresentar resumidamente o enredo do filme.

e) narrar os diálogos presentes no filme.

TEXTO: 80 - Comum às questões: 142, 143

BLACK BLOC E DEMOCRACIA

Reduzir a conduta dos black blocs à ilicitude seria tratar toda desobediência civil como mero ato de bandidagem. Mas, no momento, seus resultados são fascistas e precisam ser repensados

Por Pedro Estevam Serrano — publicado 30/10/2013.

Já tive oportunidade de escrever sobre o movimento black bloc nessa coluna em artigo passado. Volto ao tema pelo andar recente da carruagem, me dando a liberdade jornalística de não me alongar em argumentos acadêmicos e citações.

O Estado Democrático de Direito implica na disputa pacífica do poder político. O argumento como substituto da violência, a lei como substituta do poder soberano absolutista.

Nesse aspecto, a legalidade é um valor essencial. A lei expressa a soberania popular e como tal tem de ser observada. A ordem democrática é um valor estruturante do regime político.

Entretanto, não há como deixar de observar na história do regime democrático no mundo que este evoluiu em termos de ampliação da garantia de direitos, por meio de rupturas desta mesma ordem jurídica.

Do voto feminino e universal aos direitos sociais, todas foram conquistas obtidas por rupturas populares da ordem que fizeram evoluir a democracia burguesa do fim do século XVIII para a democracia universal, representativa e com elementos de democracia direta, do mundo ocidental contemporâneo.

De instrumento puro de dominação, a democracia transmutou-se em veículo possível de transformações libertárias e sociais.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/black-bloc-e-democracia-5941.html>. Acesso em 05 de nov. de 2013.

142 - (UNIFOR CE)

Infere-se da leitura acima que o fato de o autor do texto mencionar que a liberdade jornalística lhe permite não se alongar em argumentos acadêmicos e citações foi citado para revelar que o texto

a) não pode ser considerado literatura, pois foi publicado em uma revista.

b) apresenta caráter cientificista, dado o seu sentido técnico.

c) é extremamente formal, pela seriedade do tema a que remete.

d) apresenta gênero discursivo híbrido, sendo explícita a intertextualidade com outras publicações.

e) apresenta explicitamente as opiniões emitidas pelo detentor das informações: o autor.

143 - (UNIFOR CE)

Infere-se da leitura acima que o fato de o autor do texto mencionar que a liberdade jornalística lhe permite não se alongar em argumentos acadêmicos e citações foi citado para revelar que o texto

a) não pode ser considerado literatura, pois foi publicado em uma revista.

b) apresenta caráter cientificista, dado o seu sentido técnico.

c) é extremamente formal, pela seriedade do tema a que remete.

d) apresenta gênero discursivo híbrido, sendo explícita a intertextualidade com outras publicações.

e) apresenta explicitamente as opiniões emitidas pelo detentor das informações: o autor.

TEXTO: 81 - Comum à questão: 144

Roberto da Matta



RINALDI, G**.** Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.
br/revista/192/paginas-negras/roberto-damatta. html>. Acesso em: 02 fev. 2014.

Depois de estudar o Carnaval, o futebol e o jogo do bicho, o antropólogo Roberto Da Matta descobre no comportamento doentio dos nossos motoristas – em seu desrespeito às leis e ao outro – uma explicação para o estilo de vida brasileiro.

Convidado pelo governo do Espírito Santo para coordenar uma pesquisa sobre educação no trânsito, o antropólogo saiu da experiência com um livro novo – *Fé em Deus e pé na tábua*: como e por que você enlouquece dirigindo no Brasil, que será lançado pela editora Rocco em outubro.

O que você descobriu sobre o comportamento dos brasileiros estudando nossos motoristas?

– Que nosso comportamento terrível no trânsito é resultado da incapacidade de sermos uma sociedade igualitária; de instituirmos a igualdade como um guia para a nossa conduta. Nosso trânsito reproduz valores de uma sociedade que se quer republicana e moderna, mas ainda está atrelada a um passado aristocrático, em que alguns podiam mais do que muitos, como ocorre até hoje. Em casa, nós somos ensinados que somos únicos, especiais. Aprendemos que nossas vontades sempre podem ser atendidas. É o espaço do acolhimento, do tudo é possível por meio da mamãe. Daí a pessoa chega na rua e não consegue entender aquele espaço onde todos são juridicamente iguais. Ir para a rua, no Brasil, ainda é um ato dramático, porque significa abandonar a teia de laços sociais onde todos se conhecem e ir para um espaço onde ninguém é de ninguém. E o trânsito é o lado mais negativo desse mundo da rua. É doentio, desumano e vergonhoso notar que 40 mil pessoas morrem por ano no trânsito de um país que se acredita cordial, hospitaleiro e carnavalesco. No Brasil, você se sente superior ao pedestre porque tem um carro. Ou superior a outro motorista porque tem um carro mais moderno ou mais caro. Na pesquisa com motoristas de Vitória, a maioria dizia: “Eu bebi, eu sei beber e consigo dirigir assim”. E se outro tiver bebido a mesma coisa? “Aí não, né?” O bêbado, o barbeiro, é sempre o outro. O motorista não consegue entender que ele não é diferente de outro motorista ou pedestre, que ele não tem um salvo-conduto para transgredir as leis. No Brasil, obedecer à lei é visto como uma babaquice, um sintoma de inferioridade. Isso é herança de uma sociedade aristocrática e patrimonialista, em que não houve investimento sério no transporte coletivo e ainda impera o “Você sabe com quem está falando?”.

Você fez o diagnóstico dos nossos problemas no trânsito. Mas você também aponta soluções?

– A solução é falar mais em igualdade, discuti-la, ensinar igualdade. Nosso lema sempre foi “os incomodados é que se mudem”. Precisamos mudar isso. Não é só uma questão de fazer novas leis, de multar e reprimir. Porque não adianta nada ter um Código de Trânsito melhor que o sueco, ter tecnologia americana e bulevares franceses se não temos suecos, americanos e franceses para honrá-los e segui-los. O motorista é brasileiro e não obedece às leis. A gente tem que preparar a sociedade para internalizar as normas no seu comportamento. Quando tentaram obrigar as pessoas a usar cinto de segurança em 1985, não adiantou muito porque as pessoas tinham acabado de sair de uma ditadura e não queriam que o governo dissesse mais o que eles tinham que fazer. Mais tarde, nos anos 90, apesar dos lobbies e das restrições de alguns setores, acabou dando certo porque as pessoas já estavam prontas para a lei. Mudaram por causa da lei? Claro. Mas porque viram que o cinto realmente protegia, o que deveria ter sido posto em primeiro lugar; a lei estava atrelada a uma prática social, em vez de estar contra ela.

CALIL, R. *Roberto da Matta*. Disponível em:
http://revistatrip.uol.com.br/revista/192/paginas-negras/roberto-damatta. html.
Acesso: 02 fev. 2014. [Fragmento]

144 - (IFGO)

O texto apresenta fragmentos de uma entrevista a Roberto Da Matta. O leitor desse texto, publicado em uma revista *on-line,* lê primeiramente o título, em seguida a foto com a legenda e depois o lide.

O lide é:

a) Um texto breve que acompanha uma ilustração ou foto.

b) Um recurso, que aparece em forma de perguntas e respostas, para a confirmação dos fatos.

c) Um resumo inicial a ser desenvolvido no corpo do texto.

d) Um texto escrito por leitores e dirigido a um jornal ou revista.

e) Um nome genérico de tudo aquilo que é publicado em um jornal ou revista.

TEXTO: 82 - Comum à questão: 145

CIENTISTAS VISLUMBRAM MANIPULAÇÃO DA MEMÓRIA

NICK BILTON

DO "NEW YORK TIMES"

Projeto Medicina

Os cientistas ainda não encontraram um jeito de reparar um coração partido, mas estão chegando mais perto de manipular a memória e de descarregar instruções de um computador diretamente para um cérebro.

Pesquisadores do Centro de Genética de Circuito Neural do Instituto de Tecnologia Riken-Massachusetts nos levaram para mais perto da ideia de manipulação cerebral quando anunciaram ser capazes de criar uma memória falsa num camundongo.

Na edição de 26 de julho da "Science", os cientistas anunciaram ter feito camundongos se lembrarem de ter recebido um choque elétrico em um lugar, quando, na realidade, isso teria acontecido em local completamente diferente.

"Não foi exatamente escrever uma memória a partir do nada, mas conectar dois tipos diferentes de recordações. Pegamos uma recordação neutra e a atualizamos artificialmente para convertê-la em recordação negativa", explicou Steve Ramirez, um dos neurocientistas do MIT.

Pode soar insignificante, mas, segundo Ramirez, não é um salto muito grande imaginar que essa pesquisa possa levar à manipulação computadorizada da mente para o tratamento do transtorno de estresse póstraumático.

Tecnólogos estão trabalhando sobre interfaces cérebro-computador que nos permitirão interagir com nossos smartphones e computadores, usando simplesmente nossas mentes. Já existem aparelhos que leem nossos pensamentos e nos permitem fazer coisas como nos desviar de objetos virtuais em um jogo de computador ou ligar e desligar chaves com o pensamento. Mas os cientistas que trabalham com a manipulação da memória parecem estar ampliando as fronteiras do que pensamos ser possível.

No filme "Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças", o personagem representado por Jim Carrey usa um serviço que apaga memórias para limpar de seu cérebro a lembrança de sua ex-namorada (interpretada por Kate Winslet).

De acordo com Ramirez, o filme só erra em uma coisa: uma lembrança inteira é apagada. "Acho que nós podemos fazer melhor: podemos conservar a imagem da personagem de Kate Winslet, livrando-nos apenas da parte dessa recordação que provoca tristeza".

Em 2011, cientistas que trabalham com a Universidade de Boston e os Laboratórios A.T.R. de Neurociência Computacional, em Kyoto (no Japão), publicaram um artigo sobre um processo chamado neurofeedback decodificado, ou "DecNef", que envia sinais para o cérebro por meio de um aparelho de imagem por ressonância magnética funcional, capaz de modificar o padrão de atividade cerebral de uma pessoa. Os cientistas acreditam que, com o tempo, poderão ensinar uma nova linguagem ou o domínio de um esporte "carregando" informações no cérebro.

Em fevereiro, o neurocientista Miguel A. Nicolelis, da Universidade Duke, na Carolina do Norte, conectou os cérebros de dois ratos pela internet, permitindo que eles se comunicassem com suas mentes de tal modo que, quando um rato pressionava uma alavanca, o outro fazia a mesma coisa. Um dos ratos estava na Carolina do Norte e o outro em um laboratório em Natal, no Brasil.

No verão deste ano, cientistas da Escola Médica Harvard criaram uma interface cérebro-a-cérebro com a qual um humano pode mover a cauda de um rato pelo simples pensamento.

"Acho que essa é a fronteira real da comunicação humana no futuro. Já podemos fazer com que macacos, e até mesmo humanos, movimentem artefatos com o simples pensamento", comentou Nicolelis. "A partir do momento em que for possível 'escrever' no cérebro, posso imaginar o mesmo tipo de lógica funcionando para a comunicação de pensamentos e mensagens entre humanos."

http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/08/1328955-cientistas-vislumbram-manipulacao-da-memoria.shtml

145 - (UFJF MG)

Analisando-se as características do texto acima, pode-se considerá-lo como:

a) uma reportagem.

b) uma enquete.

c) um editorial.

d) uma resenha.

e) uma crônica.

TEXTO: 83 - Comum à questão: 146

A arte da consulta

Alfredo de Freitas Santos Filho Conselheiro do Cremesp



Exercer a Medicina é atender à vocação para executar um talento natural. A consulta médica é uma das grandes artes da Medicina. É o primeiro contato que o profissional tem com o seu paciente que, por vezes, dá início a um relacionamento que perdura por toda a vida. Portanto, no ato da consulta, o médico deve sempre, conforme o Juramento Hipocrático, usar todas as forças e o melhor de sua capacidade, além de agir de forma honesta, clara, ética, responsável e efetiva. Para isso, deve usar todos os critérios aprendidos para uma anamnesebem-feita, aprofundar os questionamentos individuais e familiares ao examinado, seu passado de saúde, suas internações pregressas ou cirurgias realizadas, enfim, tudo que possa nos levar a uma ideia de diagnóstico para se instituir um tratamento ou conduta adequada.

Numa segunda fase, após o raciocínio clínico e havendo necessidade, solicitam-se exames complementares, tais como os laboratoriais, de imagem simples ou mais complexos. Tudo para auxiliar e jamais substituir o exame clínico, a fim de chegar ao diagnóstico.

O advento de novas tecnologias trouxe maravilhosos avanços em relação ao diagnóstico; porém, o que vem acontecendo é um excesso de solicitações de exames complementares. Chegamos a ver colegas que solicitam, acreditem, em torno de 60 exames complementares e de radiologia, de última geração, numa primeira consulta a pacientes jovens, sem maiores queixas que os justifiquem. Essa falta de bom senso está minando a arte da consulta! Para os pacientes, fica a ideia equivocada de que o bom médico é aquele que pede exames, o que desvaloriza e desestimula a mais antiga das artes da Medicina – a consulta. Além de gerar custos extraordinariamente elevados para os pacientes e onerar os convênios, inviabiliza, muitas vezes, o merecido reajuste no valor das consultas. Por tudo isso, não é exagero chamar a análise criteriosa dos relatos do paciente, mais o uso de exames na medida certa, de arte médica.

JORNAL DO CREMESP, setembro 2014.

146 - (UniCESUMAR SP)

A quem se dirige o autor no trecho “Chegamos a ver colegas que solicitam, acreditem, em torno de 60 exames complementares e de radiologia”?

a) Ao Jornal do Cremesp.

b) A Hipócrates.

c) Ao editor do Jornal.

d) Ao paciente.

e) Aos leitores do Jornal do Cremesp.

TEXTO: 84 - Comum à questão: 147

Texto I

É praticamente impossível imaginarmos nossas vidas sem o plástico. Ele está presente em embalagens de alimentos, bebidas e remédios, além de eletrodomésticos, automóveis etc. Esse uso ocorre devido à sua atoxicidade e à inércia, isto é: quando em contato com outras substâncias, o

plástico não as contamina; ao contrário, protege o produto embalado. Outras duas grandes vantagens garantem o uso dos plásticos em larga escala: são leves, quase não alteram o peso do material embalado, e são 100% recicláveis, fato que, infelizmente, não é aproveitado, visto que, em todo o mundo, a percentagem de plástico reciclado, quando comparado ao total produzido, ainda é irrelevante.

Revista Mãe Terra. Minuano, ano I, n. 6 (adaptado).

Texto II

Sacolas plásticas são leves e voam ao vento. Por isso, elas entopem esgotos e bueiros, causando enchentes. São encontradas até no estômago de tartarugas marinhas, baleias, focas e golfinhos, mortos por sufocamento.

Sacolas plásticas descartáveis são gratuitas para os consumidores, mas têm um custo incalculável para o meio ambiente.

Veja, 8 jul. 2009. Fragmentos de texto publicitário do

Instituto Akatu pelo Consumo Consciente.

147 - (ENEM)

Em contraste com o texto I, no texto II são empregadas, predominantemente, estratégias argumentativas que

a) atraem o leitor por meio de previsões para o futuro.

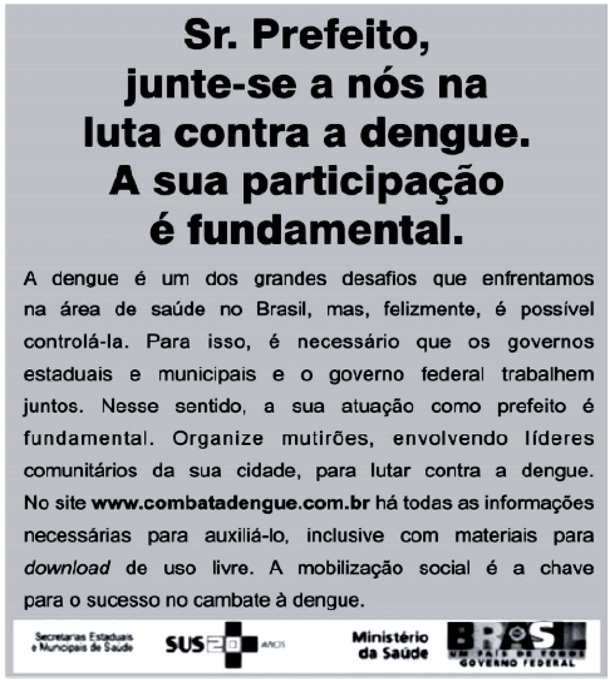
b) apelam à emoção do leitor, mencionando a morte de animais.

c) orientam o leitor a respeito dos modos de usar conscientemente as sacolas plásticas.

d) intimidam o leitor com as nocivas consequências do uso indiscriminado de sacolas plásticas.

e) recorrem à informação, por meio de constatações, para convencer o leitor a evitar o uso de sacolas plásticas.

TEXTO: 85 - Comum à questão: 148



BRASIL. Ministério da Saúde. **Revista Nordeste**, João Pessoa,

ano 3, n. 35, maio/jun. 2009.

148 - (ENEM)

O texto exemplifica um gênero textual híbrido entre carta e publicidade oficial. Em seu conteúdo, é possível perceber aspectos relacionados a gêneros digitais. Considerando-se a função social das informações geradas nos sistemas de comunicação e informação presentes no texto, infere-se que

a) a utilização do termo *download* indica restrição de leitura de informações a respeito de formas de combate à dengue.

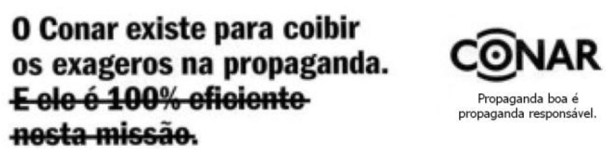
b) a diversidade dos sistemas de comunicação empregados e mencionados reduz a possibilidade de acesso às informações a respeito do combate à dengue.

c) a utilização do material disponibilizado para *download* no *site* www.combatadengue.com.br restringe-se ao receptor da publicidade.

d) a necessidade de atingir públicos distintos se revela por meio da estratégia de disponibilização de informações empregada pelo emissor.

e) a utilização desse gênero textual compreende, no próprio texto, o detalhamento de informações a respeito de formas de combate à dengue.

TEXTO: 86 - Comum à questão: 149



Nós adoraríamos dizer que somos perfeitos. Que somos infalíveis. Que não cometemos nem mesmo o menor deslize. E só não falamos isso por um pequeno detalhe: seria uma mentira. Aliás, em vez de usar a palavra "mentira", como acabamos de fazer, poderíamos optar por um eufemismo. "Meia-verdade", por exemplo, seria um termo muito menos agressivo. Mas nós não usamos esta palavra simplesmente porque não acreditamos que exista uma "Meia-verdade". Para o Conar, Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, existem a verdade e a mentira. Existem a honestidade e a desonestidade. Absolutamente nada no meio. O Conar nasceu há 29 anos (viu só? não arredondamos para 30) com a missão de zelar pela ética na publicidade. Não fazemos isso porque somos bonzinhos (gostaríamos de dizer isso, mas, mais uma vez, seria mentira). Fazemos isso porque é a única forma da propaganda ter o máximo de credibilidade. E, cá entre nós, para que serviria a propaganda se o consumidor não acreditasse nela?

Qualquer pessoa que se sinta enganada por uma peça publicitária pode fazer uma reclamação ao Conar. Ele analisa cuidadosamente todas as denúncias e, quando é o caso, aplica a punição.

Anúncio veiculado na Revista **Veja**. São Paulo: Abril. Ed. 2120, ano 42, nº 27, 8 jul. 2009.

149 - (ENEM)

O recurso gráfico utilizado no anúncio publicitário – de destacar a potencial supressão de trecho do texto – reforça a eficácia pretendida, revelada na estratégia de

a) ressaltar a informação no título, em detrimento do restante do conteúdo associado.

b) incluir o leitor por meio do uso da 1ª pessoa do plural no discurso.

c) contar a história da criação do órgão como argumento de autoridade.

d) subverter o fazer publicitário pelo uso de sua metalinguagem.

e) impressionar o leitor pelo jogo de palavras no texto.

TEXTO: 87 - Comum à questão: 150

Conselho Federal de Medicina regulamenta a prescrição de canabidiol

O Diário Oficial da União publicou a decisão do Conselho Federal de Medicina (CFM) de liberar a prescrição do canabidiol, um derivado da maconha (Cannabis sativa) que não causa efeitos alucinógenos ou psicóticos, para tratamento de crianças e adolescentes com epilepsia e convulsões que não tenham respondido bem a outros remédios.

De acordo com a decisão, a prescrição é restrita a neurologistas, neurocirurgiões e psiquiatras. Segundo a entidade, os médicos autorizados a prescrever a substância deverão ser previamente cadastrados em uma plataforma online. Já os pacientes serão acompanhados por meio de relatórios frequentes feitos pelos profissionais.

Pela norma, pacientes ou os responsáveis legais deverão ser informados sobre os riscos e benefícios do uso do canabidiol e, então, assinar o termo de consentimento. Além disso, a decisão do conselho deverá ser revista no prazo de dois anos.

De acordo com o conselho, o uso da substância deve ser restrito a crianças e adolescentes menores de 18 anos – mas quem eventualmente use o medicamento antes dessa idade pode continuar o tratamento mesmo após ficar maior de idade. (...)

pesar de os médicos passarem a poder receitar o canabidiol, a substância continua classificada pela ANVISA como de uso proscrito. Isso significa que os medicamentos só podem ser importados

com uma autorização especial concedida pelo diretor da agência. Pacientes têm de apresentar prescrição médica e uma série de documentos e o pedido leva, em média, uma semana para ser avaliado pela agência.

A ANVISA estuda atualmente mudar o processo de importação de medicamentos à base de canabidiol, retirando-o da lista de substâncias de uso proscrito e o reclassificando como de controle especial (comercializado com receita médica de duas vias).

Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/12/
decisaodo- cfm-de-liberar-canabidiol-e-publicada-no-diario-oficial.html>.
Acesso em: 06 Jun. 2015. [Adaptado]

150 - (IFGO)

O texto denotativo é aquele cujo sentido corresponde ao do dicionário, que expressa um ponto de vista de acordo com a realidade. Assinale a alternativa que **não** apresenta texto denotativo.

a) Pacientes deverão ser informados sobre os riscos e benefícios do uso do canabidiol.

b) A maconha é como um ciclone: devasta o que encontra pela frente.

c) Os médicos autorizados deverão ser cadastrados em uma plataforma online.

d) O Conselho Federal de Medicina já se manifestou favorável às pesquisas.

e) O pedido de importação do canabidiol leva, em média, uma semana para ser avaliado.

TEXTO: 88 - Comum à questão: 151

Menino que caiu de 3.º andar de shopping em Manaus recebe alta hospitalar sob forte emoção

Recebeu alta hospitalar nesta quinta-feira (31), em Manaus, o menino Pedro Trevisan Nereu, de 5 anos, que desde o dia 14 deste mês estava internado no Pronto- -Socorro da Criança da Zona Leste (Joãozinho), após sofrer uma grave queda, de uma altura de 15 metros, em um shopping da

cidade. O garoto deixou o hospital andando, na companhia dos pais, e a despedida dele foi cercada de emoção por parte da equipe de profissionais do hospital.

Os pais do menino, Ricardo Trevisan e Núbia Nereu, estavam felizes com a alta hospitalar e fizeram questão de abraçar e se despedir de toda a equipe que os acompanhou no hospital. “Nós temos que agradecer, não só aos médicos, mas às enfermeiras, à nutricionista, que meu filho chama de ‘tia do macarrão’ (prato preferido do garoto), e a todo o hospital, pelo excelente atendimento e apoio que tivemos aqui”, ressaltou o pai. “Não sei se em outro lugar esse milagre aconteceria”, desabafou.

Ao sair do Pronto-Socorro Joãozinho, Pedro se despediu de toda a equipe que o atendeu, abraçando enfermeiras e médicos. De acordo a família Trevisan Nereu, eles irão a São Paulo na próxima semana, para dar continuidade ao tratamento ortopédico.

Outros pacientes e acompanhantes que estavam em tratamento na unidade de saúde também se emocionaram com a saída do garoto. “É um milagre esse menino ter caído de onde caiu e sair assim, caminhando, do hospital”, comentou Ana dos Santos, 72, que acompanhava a neta numa consulta.

O cirurgião geral Luis Alberto Rossel atribui a excelente recuperação do menino ao pronto atendimento que recebeu – tanto no local do acidente, pela equipe de socorro do shopping, quanto no Pronto-Socorro da Criança da Zona Oeste, para onde foi transferido primeiramente, antes de ir ao Joãozinho.

“Crianças têm uma facilidade de recuperação melhor que os adultos, e esse paciente, apesar do trauma gravíssimo que sofreu, teve o primeiro atendimento rápido e as cirurgias realizadas no momento certo”, afirmou Rossel.

(http://acritica.uol.com.br, 31.07.2014. Adaptado.)

151 - (UEA AM)

Observa-se no primeiro parágrafo da notícia um recurso comum a este tipo de texto jornalístico. No início, o texto

a) trata de um fato banal e cotidiano, que, por isso, atrai a atenção do público.

b) cita entrevistas com pessoas envolvidas no incidente em questão, legitimando os argumentos subsequentes.

c) explica, argumentando, os motivos pelos quais o leitor deve ler a notícia.

d) situa o fato, descrevendo brevemente o que aconteceu, onde, como, quando e quem estava envolvido.

e) explicita a opinião do jornalista sobre os fatos narrados na sequência.

TEXTO: 89 - Comum à questão: 152

[...] a intensidade do uso das tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais, formas inovadoras. Fato já notado por Bakhtin (1997) quando falava na transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro, gerando novos. Exemplos: a) conversa -> telefonema b) bilhete -> carta -> e-mail. Os limites entre a oralidade e a escrita tornam-se menos visíveis, a isto, chama-se hibridismo (Luís Antônio Marcuschi).

152 - (UNCISAL)

Com base na opinião de Marcuschi, o gênero que se evidencia na constituição da publicidade abaixo

Recycle, linha de calçados sustentáveis Coca-Cola Shoes



(http://embalagemsustentavel.com.br).

a) obedece à concepção clássica, alheio às possibilidades de múltiplos significados.

b) é uma combinação de caracteres gráficos e imagéticos que se assimilam.

c) não transcende as formas tradicionais dos gêneros.

d) aponta para um formato linear de construção, ou seja, a palavra está independente da constituição de imagens.

e) é uma construção bifacial de significados na qual os elementos expressivos que a compõem não necessitam de coesão.

TEXTO: 90 - Comum à questão: 153

O texto abaixo é adaptação de material publicitário distribuído por um pastifício, aqui denominado Pastifício Pietro. Leia-o com atenção.

Somos uma Fábrica Artesanal de Massas

Fazemos pasta: somos pastaios, somos masseiros. E também preparamos molhos, antepastos e Outras **especialidades gastronômicas**, com receitas antigas garimpadas nas páginas de nossa história familiar.

[...]

Gostamos da tradição artesanal e defendemos uma **alimentação fresca**, natural, saudável e divertida, valores que pra nós são muito mais importantes do que meras estratégias de marketing e blá-blá-blá.

Nos orgulhamos de tentar fazer do Pastifício Pietro uma empresa praticante do **consumo responsável**, batalhando as pequenas coisas, da fundamental seleção de matérias primas, às embalagens "diferentes" e no atendimento dedicado.

E também acreditamos que as **nossas famílias e clientes merecem** nosso esforço de produzir alimentos sem aromatizantes, corantes, conservantes ou outros ingredientes químicos artificiais, e por isso a necessidade deumpreço justo.

Nossas massas têm pouco ou nenhum sal e são **preparadas diariamente**, sempre aos olhos de todos e com literal transparência e toda higiene.

Nossos molhos têm pouca gordura, não usamos caldos ou temperos industrializados; usamos azeite e óleos de melhor qualidade nutricional, como os de oliva e girassol. Epreferimos fornecedores que **compartilham a nossa filosofia**.

Comoromânticos incorrigíveis que somos, buscamos o bem-estar através do resgate dos rituais de uma boa mesa, no convívio familiar e pelo encontro de amigos numa cozinha alegre e "bagunçada". Achamos que o Pastifício Pietro tem uma importante contribuição a dar e **nos empenhamos** em fazer nossa parte, trazendo o máximo de sabor e aromas com o mínimo de trabalho no preparo final.

Nossa história? construímos todos os dias nossa querida empresa e ao mesmo tempo vivemos nosso estilo de vida: gostamos de **gastronomia**, arte, negócios, música, **bikes**, livros, TV, futebol, skate, antiguidades, vespas, máquinas antigas, máquinas novas, vinhos, **jardinagem**... e adoramos juntar **amigos + trabalho + diversão** propagando nosso **mantra**:

[...]

Todos os dias nossa equipe se reúne e conversa sobre tudo: as tarefas de cada um, o atendimento ao cliente, a higiene,as encomendas, a produção, as compras de matérias-primas. Somos exigentes e sempre gostamos de fazer o melhor, mas caso a gente não consiga, por favor me escreva. Sua opinião importa, de verdade! ivo@pastifíciopietro.com.br

RECICLAMOS!
A NATUREZA AGRADECE

Viver é Massa

153 - (PUCCamp SP)

É correto afirmar sobre o material publicitário:

a) No título <u>*Somos uma Fábrica Artesanal de Massas*</u>, a expressão destacada é plena redundância do termo *Pastifício,* visto no logotipo, mas, nesse específico tipo de texto, é uma redundância positiva, pois confere maior vigor ao que está sendo expresso.

b) Uma das técnicas de persuasão adotada é o iniciado por emprego de palavras em tipo gráfico maior do que o das outras, palavras essas escolhidas por significarem, inclusive no bloco iniciado por *Nossa história?*, atitudes diretamente ligadas à produção sustentável das massas.

c) O compartilhamento de *filosofia* está explicitamente referido aos fornecedores, mas os conceitos priorizados no texto mostram a intenção do pastifício de atingir e sensibilizar segmento do público que partilha de todos os conceitos citados como base de sua prática.

d) As características de produção que o pastifício apresenta como positivas são argumento definitivo para justificar o preço elevado das suas massas, pois não há hipótese de a relação "qualidade = preço alto" ser contestada.

e) A referência à batalha pelas *pequenas coisas* é recurso para o pastifício demonstrar que seu apego ao tratamento do supérfluo não significa valorizar o desnecessário, mas buscar o que é fundamental para a produção de boas massas.

TEXTO: 91 - Comum à questão: 154

Standard and Poor's tira grau de investimento do Brasil

O Brasil perdeu o grau de investimento na classificação de crédito da Standard and Poor's (S&P), informou a agência de classificação de risco nesta quarta-feira (09). A nota do país foi rebaixada de "BBB-" para "BB+", com perspectiva negativa. O rebaixamento do rating *do Brasil para a categoria "especulativa" acontece menos de 50 dias após a agência ter mudado a perspectiva para negativa.*

Em seu comunicado, a agência chama a atenção para a deterioração fiscal e a falta de coesão da equipe ministerial, como causas da decisão de rebaixar a nota.

"Os desafios políticos que o Brasil enfrenta continuam a pesar na capacidade do governo e vontade de submeter ao Orçamento de 2016 ao Congresso consistente com a política de ajuste fiscal assinalada durante o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff", destaca a S&P. (...)

Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/09/standardand-poors-tira-grau-de-investimento-do-brasil.html. Acesso:30/09/2015

154 - (IBMEC SP)

Em textos jornalísticos com trechos que são traduzidos de outros idiomas, são comuns passagens truncadas, o que normalmente se explica pela pressa com que essas traduções são feitas. É o que ocorre em:

a) *A nota do país foi rebaixada de "BBB-" para "BB+"*

b) *acontece menos de 50 dias após a agência ter mudado a perspectiva para negativa*

c) *Os desafios políticos que o Brasil enfrenta continuam a pesar*

d) *e vontade de submeter ao Orçamento de 2016 ao Congresso*

e) *assinalada durante o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff*

TEXTO: 92 - Comum à questão: 155

Trechos abaixo são de capítulos da obra Ginástica doce e yoga para crianças: método La Douce.

A.

CAPÍTULO 2

O CORPO

Conhecer bem o corpo para fazê-lo trabalhar melhor

Cinco extremidades: a cabeça, as mãos, os pés

Para comunicar-se com tudo que a cerca, a criança usa a cabeça, as duas mãos e os dois pés.

A cabeça permite-lhe ter acesso a todas as informações disponíveis. Sede do cérebro, ela fornece os recursos necessários para bem compreender seu ambiente. É igualmente através desta parte do corpo que penetram duas fontes de energia: o ar e o alimento.

A cabeça se articula através do pescoço. Corredor estreito entre o cérebro e a parte inferior do corpo, o pescoço deve ser flexível para facilitar a qualidade das trocas.

As mãos e os pés são verdadeiras antenas. Sua riqueza em terminações nervosas e vasos sanguíneos, assim como a possibilidade das inúmeras articulações, fazem deles instrumentos de extraordinária precisão.

B.

CAPÍTULO 8

AS EXTREMIDADES

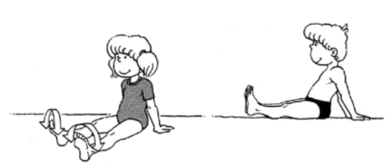
8.4 OS PÉS

2. O limpador de para-brisas

Posição: sentada com os braços atrás do corpo e as mãos apoiadas no chão

− Gire os tornozelos para dentro e para fora;

− Levante e abaixe os calcanhares mantendo as barrigas das pernas no chão (os dois juntos; depois um de cada vez).



(CABROL, Claude e RAYMOND, Paul. Trad. Alice Mesquita,
ilustrações de Roberto Dolbec. São Paulo: Ground, 2012, p. 25 e 72).

155 - (PUCCamp SP)

Considere o Trecho B e o texto que segue.

RECEITA DE ARROZ DOCE TRADICIONAL

INGREDIENTES

1 litro e meio de leite

2 xícaras de arroz branco (já lavado)

3 xícaras de açúcar

Canela em pau (uso e quantidade a gosto)

1 lata de leite condensado

MODO DE PREPARO

Cozinhar o arroz no leite, juntamente com a canela.

20 minutos depois, mexer de tempos em tempos, acrescentar o açúcar, deixar mais 20 minutos e logo em seguida acrescentar o leite condensado e deixar mais 20 minutos.

Colocar em uma linda travessa.

Levando em conta os gêneros de textos, é correto afirmar: O trecho **B** e a receita

a) têm como objetivo sugerir ao leitor a realização de uma tarefa, apresentando o passo a passo da atividade; em ambos os casos, o executor não tem espaço para livre escolha.

b) distinguem-se totalmente: a) pela intenção da mensagem − **B** busca informar o interlocutor acerca de cuidados com a saúde da criança, a receita, simples indicação de uma fórmula, mostra como preparar um alimento; b) pela composição da mensagem − **B** admite ilustração, a receita não admitiria.

c) não podem ser aproximados sob nenhum critério, pois, fazendo parte de universos absolutamente distintos − como o comprovam tanto o assunto de cada um, quanto o estilo adotado em cada um deles − , jamais estarão inseridos em contextos comunicativos iguais ou somente parecidos.

d) apresentam traços distintos em sua composição, como se nota pelo emprego do imperativo (em **B**) e do infinitivo (na receita); entretanto, essa específica diferença não impede o reconhecimento de que partilham a mesma finalidade de instruir o receptor.

e) implicam obrigatoriedade do interlocutor em cumprir o que está minuciosamente descrito em cada um dos textos, mas distinguem-se: em **A**, a prática vem investida de caráter lúdico, pelo tipo específico de destinatário da mensagem, enquanto a receita remete a atividade rotineira e desgastante.

TEXTO: 93 - Comum à questão: 156

Editorial

[1] Na rotina de mãe de quatro filhos, a escritora israelense Ayelet Waldman começou [2] a detectar em si mesma e em outras mães que conhecia uma ansiedade [3] persistente, disparada pela frustação de não corresponder às próprias expectativas [4] em relação à maternidade. Para piorar seu tormento, aonde quer que fosse, [5] encontrava mulheres sempre prontas a apontar o dedo para seus defeitos, numa [6] espécie de polícia materna, onipresente e onisciente. Em uma conversa deliciosa [7] com a Revista em Dia, Ayelet discorre sobre as agruras das mães ruins, categoria [8] na qual hoje se encaixa, e com orgulho. E ajuda a dissipar, com humor, o [9] minhocário que não raro habita a cabeça das mães. Minhocário que, aliás, se não [10] for bem administrado, pode levar a problemas muito mais sérios. É o que você verá [11] na reportagem da página 14, que traz o foco para a depressão durante a gravidez. [12] Poucos sabem, mas a doença pode ser deflagrada nessa fase e é bom que tanto [13] as gestantes como outras pessoas ao redor fiquem atentas para que as mulheres [14] nessa situação possam receber o apoio necessário. A revista também traz temas [15] para quem a maternidade já é assunto menos relevante nesse momento da vida. [16] Se você é daquelas que entraram ou

consideram entrar na onda da corrida, terá [17] boas dicas na página 18. Caso já esteja reduzindo o ritmo, quem sabe encontre [18] inspiração para espantar a monotonia na crônica da página 8. Esperamos, com um [19] grãozinho aqui, outro ali, poder contribuir um pouco para as várias facetas que [20] compõem uma mulher saudável e de bem consigo mesma.



156 - (PUCCamp SP)

O texto acima

a) deixa entrever o ponto de vista da empresa responsável pela publicação; o estilo leve de composição pode ser entendido como o “tom” que a empresa deseja imprimir no tratamento dos assuntos que aborda.

b) objetiva definir o segmento do público que a revista pretende atingir e sensibilizar, deixando claro que os assuntos em pauta não interessam a outras parcelas da população, como homens, por exemplo.

c) é discurso jornalístico opinativo (escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura) referente a assuntos locais de maior relevância; elaborado em concordância com a norma-padrão, não foge à formalidade.

d) apresenta o número específico da revista, com a descrição dos assuntos da edição; o autor usa argumentos e tom categóricos para mostrar que tem total controle sobre o interesse e a reação de cada tipo de leitor.

e) é elaborado por um editor especializado, que, em tom grave, como necessário a um editorial, não só divulga as matérias, como expressa juízos de valor sobre elas, demonstrando posições bastante tradicionais.

TEXTO: 94 - Comum à questão: 157

TROTE NUNCA MAIS

Eu tive taquicardia e as tripas reviraram quando vi na televisão as novas cenas de violência nos trotes universitários. Lembrei as humilhações que sofri no meu ingresso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Sempre evito escrever sobre o assunto porque não contenho a raiva. Pedro Almodóvar relutou em filmar *Má educação*, pois não se distanciara bastante dos sofrimentos da infância e adolescência. No filme *Os sete samurais*, do japonês Akira Kurosawa, um mestre observa dois samurais que se preparam para lutar e informa ao discípulo qual deles irá morrer. O jovem pergunta como ele sabe isso e o mestre responde que o futuro morto é o que expressa raiva.

É possível atenuar o rancor, escrevendo sobre ele. No Recife já não existem trotes, apenas calouradas, festejos para acolher os novos alunos. Mas foi no Recife que aconteceu o primeiro caso de morte em consequência de um trote, quando mataram a facadas o estudante de direito Francisco Cunha e Menezes, no ano de 1831. Vindo desde a Idade Média, o costume ganhou prestígio em Portugal, sobretudo na Universidade de Coimbra, e de lá, como tudo o mais que não presta, veio para o Brasil.

Nos primeiros anos da ditadura militar, o trote era um recurso de expressão e protesto dos jovens estudantes, uma forma de fazer política. Em 1968, o AI-5 fechou o Congresso Nacional e os trotes foram reprimidos, descambando para a violência. Foi nesse clima de terror que me apresentei para a matrícula no curso de medicina. Eu era um estudante vindo do interior do Ceará, que frequentara apenas quatro meses de cursinho, pobre, tímido e feio. Com todos esses predicados desfavoráveis, eu abocanhara uma boa classificação no vestibular das duas faculdades públicas.

Um dos primeiros maus-tratos a que os alunos do segundo e terceiro ano me submeteram foi raspar minha cabeça, expondo o crânio nada bonito. Depois me obrigaram a despir a camisa e baixar a calça para jogarem os meus cabelos dentro dela. Subjugado como um judeu num campo de concentração, ou como o próprio Cristo, me empurraram, espancaram, e fizeram de minha perplexidade motivo de riso e vaias. O pior estava por vir. Obrigaram-me a rolar pelos gramados do pátio e em seguida mergulhar cinco vezes num esgoto a céu aberto, que corria por dentro da faculdade. Meus algozes eram estudantes de medicina e sabiam dos riscos a que estavam me submetendo.

No primeiro ano de curso, os colegas dos anos superiores me aterrorizavam mais do que a polícia da repressão. Eu não compreendia como jovens de classe média que frequentaram bons colégios e que agora estudavam medicina, uma profissão de elite, se entregavam a tais

vandalismos. Não achava a menor graça no comportamento cafajeste e infantil de boa parte deles e atribuía à repressão da ditadura o fato de se manterem alienados da política, da cultura e dos valores éticos e filosóficos da profissão para a qual se preparavam.

Passados tantos anos, esquecidos os fantasmas do Quarto Exército, em alguns lugares do Brasil, a instituição do trote continua fazendo suas vítimas. Bem recentemente, numa faculdade de medicina, onde se formam pessoas para cuidar da saúde e restituir a vida, um jovem calouro foi morto. E uma estudante de pedagogia queimou sem escrúpulo suas futuras colegas de educação.

Não era por culpa da ditadura militar que os piores instintos afloravam nos jovens promovedores dos trotes. Não era. A prova é que continuam aflorando em tempos de democracia. O trote "se sustenta na ameaça e promove o terror", como afirma Paulo Denisar Fraga. O mesmo exercício da ditadura no passado recente.

(BRITO, Ronaldo Correia de. *Crônicas para ler na escola*.
R.J.: Fontanar, 2012, p.69-71.)

157 - (FCM MG)

O texto NÃO se caracteriza por conter:

a) Valorização da metalinguagem como expediente de digressão literária.

b) Abordagem de diferentes períodos históricos no tratamento de um tema.

c) Utilização da prática da intertextualidade como reforço de argumentação.

d) Narração de fatos vivenciados pelo autor, corroborando a gravidade do assunto.

TEXTO: 95 - Comum à questão: 158

Lanchinho de avião

Drauzio Varella

1º§ A comissária de bordo pede para afivelarmos os cintos e desligarmos os celulares. O comandante avisa que a decolagem foi autorizada, a aeronave ganha velocidade na pista e levanta voo. Pela janela, São Paulo vira um paliteiro de prédios espetados um ao lado do outro. Um pouco mais à frente, a periferia inchada, com ruas tortuosas e casas sem reboque, abraça o centro da cidade como se fosse esganá-lo.

2º§ Em poucos minutos, ouve-se um som agudo, sinal de que os computadores podem ser ligados. Junto à porta de entrada, as comissárias se levantam e preparam o carrinho de lanches. De fileira em fileira, perguntam o que cada passageiro deseja beber. No carrinho, acotovelam-se latas de refrigerantes, a garrafa de café e uma infinidade de pacotes de sucos mais doces do que o sorriso da mulher amada. O rapaz à minha direita prefere suco de manga; o da esquerda quer um de pêssego. Agradeço, não quero nada. A moça estranha: “Nada, mesmo?”.

3º§ Em seguida, ela nos estende a mão que oferece um objeto ameaçador, embrulhado em papel branco. Em seu interior, um pão adocicado cortado ao meio abriga uma fatia de queijo e outra retirada do peito de um peru improvável. No reflexo, encolho as pernas. Se, porventura, um embrulho daqueles lhe escapa da mão e cai em meu pé, adeus carreira de maratonista.

[...]

4º§ O comandante informa que, em Belo Horizonte, o tempo é bom e que nosso voo terá duração de 40 minutos. São dez e meia, é pouco provável que os circunstantes tenham saído de casa em jejum. O que os leva a devorar no meio da manhã 500 calorias adicionais, com gosto de isopor? Qual é o sentido de servir comida em voos de 40 minutos?

5º§ Cerca de 52% dos brasileiros com mais de 18 anos sofrem com o excesso de peso, taxa que nove anos atrás era de 43%. Já caíram na faixa da obesidade 18% de nossos conterrâneos. Os que visitam os Estados Unidos ficam chocados com o padrão e a prevalência da obesidade. Lá, a dieta e a profusão de alimentos consumidos até em elevadores conseguiram a proeza de engordar todo mundo; não escapam japoneses, vietnamitas nem indianos.

6º§ As silhuetas de mulheres e homens com mais de 120 quilos pelas ruas e *shopping centers* deixam claro que existe algo profundamente errado com os hábitos alimentares do país. Nossos números mostram que caminhamos na esteira deles. Chegaremos lá, é questão de tempo; pouco tempo.

7º§ A possibilidade de ganharmos a vida, sentados na frente do computador, as comodidades da rotina diária e a oferta generosa de bebidas e alimentos industrializados repletos de gorduras e açúcares que nos oferecem a toda hora criaram uma combinação perversa que conspira para o acúmulo de gordura no corpo.

8º§ Os que incorporaram as 500 calorias em excesso no caminho para Belo Horizonte só o fizeram porque o lanche lhes foi servido. Milhões de anos de evolução, num mundo com baixa disponibilidade de recursos, ensinaram o corpo humano a comer a maior quantidade disponível a cada refeição, única forma de sobreviver aos dias de jejum que fatalmente viriam.

9º§ Engendrado em tempos de miséria, o cérebro humano está mal adaptado à fartura. A saciedade à mesa só se instala depois de ingerirmos muito mais calorias do que as necessárias para cobrir os gastos daquele dia. A seleção natural nos ensinou a não desperdiçá-las, o excesso será armazenado sob a forma de gordura.

10º§ O tecido gorduroso não é um reservatório inerte, produz hormônios, libera mediadores químicos que interferem com o metabolismo e o equilíbrio entre fome e saciedade. E, o mais grave, dá origem a um processo inflamatório crônico que aumenta o risco de doenças cardiovasculares, diabetes, vários tipos de câncer e de outros males que infernizam e encurtam a vida moderna.

11º§ Por essas e outras razões, caríssimo leitor, é preciso olhar para a comida como fazemos com a bebida: é bom, mas em excesso faz mal.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 05 set. 2015. (Adaptado).

158 - (CEFET MG)

Em relação ao gênero, o texto “Lanchinho de avião” deve ser classificado como

a) uma carta, porque há uma interlocução direta com o leitor, provocando relação de proximidade com o autor.

b) uma crônica, porque retrata com humor um fato banal, convidando o leitor a uma reflexão descomprometida.

c) um artigo, porque expõe a análise e o ponto de vista do enunciador, abordando um tema de relevância social.

d) um relato, porque conta um episódio marcante na vida do narrador, apresentando os fatos em ordem cronológica.

TEXTO: 96 - Comum à questão: 159

Neurociência

Paraplégico volta a andar após cirurgia revolucionária

Graças a um transplante de células da cavidade nasal, búlgaro Darek Fidyka, de 40 anos, recuperou um rompimento total dos nervos da coluna vertebral. Feito é comparado à chegada do homem à Lua

Um homem paraplégico voltou a andar graças a um transplante de células nervosas realizado na Polônia, em uma operação sem precedentes. Derek Fidyka, um búlgaro de 40 anos, é a primeira pessoa do mundo a se recuperar de um rompimento total dos nervos da coluna vertebral. Ele recebeu um transplante de células de sua cavidade nasal para a medula espinhal e, após reabilitação de um ano, ele pode caminhar com o auxílio de um andador – Fidyka também recuperou algumas funções da bexiga e do intestino.

"Para mim, isto é ainda mais impressionante do que um homem caminhando na Lua", afirmou Geoffrey Raisman, professor do Instituto de Neurologia do University College de Londres (UCL), na Inglaterra, e um dos autores do estudo publicado na revista *Cell Transplantation*. [...]

A cirurgia foi realizada por uma equipe médica polonesa, coordenada pelo neurocirurgião Pawel Tabakow, da Universidade de Wroclaw, na Polônia, um dos maiores especialistas em lesões medulares do mundo. Os médicos utilizaram células nervosas do nariz do paciente a partir das quais se desenvolveram os tecidos seccionados – o complexo circuito responsável pelo olfato é a única parte do sistema nervoso que se regenera durante toda a vida e foi essa característica que os cientistas procuraram reproduzir na lesão de Fidyka. As células do próprio paciente não seriam rejeitadas e o tecido medular poderia ser reparado.

A técnica de transplante, descoberta na UCL, apresentou bons resultados em laboratório, mas nunca havia sido testada com sucesso em um ser humano. Na primeira das duas operações, os cirurgiões removeram os bulbos olfativos do paciente e fizeram as células crescer em cultura. Duas semanas depois, foi feito o transplante de medula por meio de microinjeções.

Fidyka manteve seu programa de condicionamento – cinco horas de exercícios durante os cinco dias da semana – e percebeu que a cirurgia havia sido bem sucedida quando, após três meses, sua coxa esquerda começou a desenvolver músculos. Seis meses depois, deu seus primeiros passos com o apoio de fisioterapeutas. Agora, após dois anos, caminha apenas com o andador. De acordo com os cientistas, exames mostraram que a lacuna na medula espinhal do paciente se fechou após o tratamento.

“Nós acreditamos que o procedimento é uma descoberta capital que, se for bem desenvolvida, constituirá uma mudança histórica para as pessoas que sofrem de ferimentos na coluna cerebral”, declarou Raisman.

(Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/
paraplegicovolta- a-andar-apos-cirurgia-revolucionaria. Acesso em 21/10/2014)

159 - (UNEMAT MT)

Considerando as características do gênero a que pertence o texto acima, sua principal finalidade é:

a) Persuadir o leitor de que as células olfativas são as únicas que se regeneram durante toda a vida.

b) Informar que um paraplégico voltou a andar após cirurgia que utilizou células olfativas do próprio paciente.

c) Expor os procedimentos da técnica de reprodução de células olfativas.

d) Apresentar os médicos poloneses como os melhores neurocirurgiões do mundo.

e) Relativizar a importância de o homem ter caminhado na Lua.

TEXTO: 97 - Comum à questão: 160

Texto I

[01] Diz-se que a função principal da linguagem é comunicar. No entanto, [02] há duas questões que devem ser pensadas. De um lado, comunicar [03] não é só transmitir informações, pois as pessoas se comunicam até [04] para não dizer nada. De outro lado, comunicar não é um ato unilateral, [05] mas é um jogo em que um parceiro da comunicação age sobre o [06] outro. A comunicação é, antes de qualquer coisa, relacionamento, [07] interação. Por isso, a linguagem é um meio de ação recíproca, é um [08] meio de interagir com os outros, é um lugar de confrontações, de [09] acordos, de negociações.

José Luiz Fiorin, *A linguagem humana*

Texto II

[01] O Conselho Regional de Medicina (Cremerj) proibiu a participação [02] de médicos em partos domiciliares e nas equipes de sobreaviso, que [03] ficam de plantão para o caso de alguma complicação.

O Estado de S.Paulo, 24/07/2012, A10

Texto III

[01] O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, [02] a mensagem requer um contexto a que se refere [...], *apreensível [03] pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um [04] código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário* [05] [...]*; e, finalmente, um contato, um canal físico e uma conexão [06] psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a [07] ambos a entrarem e a permanecerem em comunicação.*

Roman Jakobson, *Linguística e poética*

160 - (Mackenzie SP)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto II.

I. Exemplifica o expresso no texto III, pois se pode identificar o remetente (o jornal) da mensagem (veiculada no código da língua portuguesa), o destinatário (o leitor) e o contexto (o assunto do qual a notícia trata).

II. Representa de modo adequado a utilização de uma linguagem composta predominantemente por elementos de natureza não verbal.

III. Tem como função principal aquela denominada como conativa, pois seu objetivo central é a persuasão do leitor.

Assinale a alternativa correta.

a) Estão corretas as afirmações I e II.

b) Estão corretas as afirmações II e III.

c) Está correta apenas a afirmação I.

d) Está correta apenas a afirmação II.

e) Está correta apenas a afirmação III.

GABARITO:

1) Gab: A

2) Gab: A

3) Gab: E

4) Gab: E

5) Gab: D

6) Gab: C

7) Gab: A

8) Gab: B

9) Gab: D

10) Gab: D

11) Gab: B

12) Gab: B

13) Gab: C

14) Gab: D

15) Gab: B

16) Gab: B

17) Gab: B

18) Gab: B

19) Gab: B

20) Gab: A

21) Gab: C

22) Gab: A

23) Gab: D

24) Gab: C

25) Gab: A

26) Gab: D

27) Gab: E

28) Gab: D

29) Gab: D

30) Gab: A

31) Gab: D

32) Gab: B

33) Gab: C

34) Gab: C

35) Gab: E

36) Gab: C

37) Gab: B

38) Gab: E

39) Gab: A

40) Gab: C

41) Gab: A

42) Gab: A

43) Gab: B

44) Gab: A

45) Gab: B

46) Gab: A

47) Gab: B

48) Gab: C

49) Gab: A

50) Gab: C

51) Gab: D

52) Gab: E

53) Gab: A

54) Gab: B

55) Gab: B

56) Gab: B

57) Gab: D

58) Gab: B

59) Gab: E

60) Gab: D

61) Gab: A

62) Gab: B

63) Gab: D

64) Gab: E

65) Gab: E

66) Gab: B

67) Gab: E

68) Gab: C

69) Gab: E

70) Gab: B

71) Gab: D

72) Gab: C

73) Gab: C

74) Gab: A

75) Gab: B

76) Gab: A

77) Gab: C

78) Gab: B

79) Gab: D

80) Gab: B

81) Gab: D

82) Gab: C

83) Gab: E

84) Gab: B

85) Gab: B

86) Gab: D

87) Gab: C

88) Gab: D

89) Gab: 05

90) Gab: B

91) Gab: E

92) Gab: B

93) Gab: E

94) Gab: A

95) Gab: C

96) Gab: A

97) Gab: A

98) Gab: A

99) Gab: A

100) Gab: C

101) Gab: D

102) Gab: A

103) Gab: D

104) Gab: C

105) Gab: B

106) Gab: A

107) Gab: A

108) Gab: B

109) Gab: D

110) Gab: D

111) Gab: A

112) Gab: C

113) Gab: 02

114) Gab: A

115) Gab: C

116) Gab: A

117) Gab: D

118) Gab: B

119) Gab: D

120) Gab: D

121) Gab: A

122) Gab: E

123) Gab: A

124) Gab: B

125) Gab: C

126) Gab: B

127) Gab: E

128) Gab: A

129) Gab: A

130) Gab: C

131) Gab: D

132) Gab: A

133) Gab: C

134) Gab: E

135) Gab: B

136) Gab: D

137) Gab: D

138) Gab: B

139) Gab: C

140) Gab: A

141) Gab: D

142) Gab: E

143) Gab: A

144) Gab: C

145) Gab: A

146) Gab: E

147) Gab: E

148) Gab: D

149) Gab: D

150) Gab: B

151) Gab: D

152) Gab: B

153) Gab: C

154) Gab: D

155) Gab: D

156) Gab: A

157) Gab: A

158) Gab: C

159) Gab: B

160) Gab: C